



Manual do Aluno

Língua Portuguesa 8^a Classe

1º Ciclo do Ensino Secundário - Ensino Geral

Autores:

Helena Mesquita | Gonçalves Pedro

Ministério da Educação Angola

APROVADO ✓

República de Angola



**EDITORA
DAS LETRAS**

"Pensando o futuro"



Língua Portuguesa 8ª Classe

Autores: Helena Mesquita | Gonçalves Pedro



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Manual do Aluno - Língua Portuguesa 8ª Classe

AUTORES

Helena Mesquita
Gonçalves Pedro

COORDENADORA EDITORIAL

Bruna Botelho

EDITORA

Editora das Letras, S.A.

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gestgráfica, S.A.

ANO / EDIÇÃO / TIRAGEM / Nº DE EXEMPLARES

2014 / 1ª Edição / 1ª Tiragem / 20 000 Ex.

Registado na Biblioteca Nacional de Angola sob o n.º 5771/2012
ISBN 978-989-8709-72-1



**EDITORA
DAS LETRAS**

"Pensando o futuro"

Rua Kwamme Nkruma, n.º 252
Maianga, Luanda – Angola

E-mail: geral@editoradasletras.com
Tel.: +244 922 400 141
www.editoradasletras.com

© 2014 EDITORA DAS LETRAS

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da editora, abrangendo esta proibição o texto, a ilustração e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no código dos direitos de autor.

Querido Aluno

O Manual da 8ª classe será o teu fiel companheiro neste novo ano da tua vida de estudante. Esperam-te muitas coisas novas para aprenderes, que te ajudarão a aumentar os conhecimentos a nível literário, cultural, social e moral. Aprenderás a conhecer-te e a decidir o que é melhor para ti. Só assim poderás crescer verdadeiramente.

A estrutura deste Manual não difere da do Manual da 7ª classe; foi apenas introduzida mais uma tipologia textual: o «Texto Explicativo».

Cada uma das tipologias tem as suas características específicas, respeitando sempre o Programa da classe. Procura ler, com muita atenção, a introdução feita em cada uma das tipologias para melhor as entenderes. Os textos nelas contidos são actuais e interessantes. Lê-os a todos e procura interpretá-los o melhor possível com a ajuda do teu professor. Para dissipar algumas dúvidas, podes recorrer a várias técnicas, como a pesquisa, a investigação, o debate e a troca de impressões com os colegas da tua turma, de outras turmas ou escolas.

Faz todos os exercícios, tarefas e actividades propostas após os textos e outros que o professor sugira. O Bloco Gramatical, apresentado no final do livro, servir-te-á para consulta e estudo, sempre que tenhas de trabalhar no Funcionamento da Língua e não só.

No nível em que te encontras, procura melhorar a tua caligrafia e não cometer erros ortográficos. Sempre que tenhas de escrever, presta atenção à organização das ideias, à pontuação, à utilização de certas palavras ou aos seus sinónimos e à criatividade, elemento muito importante na execução de qualquer actividade.

Os Autores

Caro Professor

O Manual do Aluno da 8ª classe é o segundo do 1º Ciclo do Ensino Secundário, no Sistema de Reforma Educativa em Angola. A estrutura apresentada não difere da do Manual da 7ª classe, tendo sido apenas acrescida a tipologia referente ao «Texto Explicativo».

Atendendo às características de cada uma das tipologias textuais constantes deste Manual, deverá ter cuidado para não se afastar dos conteúdos programáticos desta classe, não descuidando os aspectos gramaticais apresentados no Bloco Gramatical.

Explore ao máximo cada um dos textos, com base nas orientações do início da tipologia; trabalhe de forma conveniente a interpretação, complementando-a com a investigação, a pesquisa, os debates na aula e não só.

Com base nos exercícios das fichas de leitura apresentadas nas várias tipologias textuais, use a sua criatividade, elabore outros, enriqueça-os, principalmente no que concerne aos textos não trabalhados.

Desejamos-lhe um bom trabalho, acompanhando e ajudando os seus alunos a ultrapassar todas as dúvidas e problemas encontrados.

Os Autores

Índice

Página	UNIDADE 1	Actividades/Conteúdos
12	O TEXTO NARRATIVO	O Narrador As personagens Caracterização da personagem Modos de representação e expressão Elementos da análise narrativa
15	O MEDO Alcídia Afonso de Carvalho	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
17	DIA DE SORTE Álvaro Magalhães	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
20	ÁLCOOL, O LÍQUIDO QUE LIQUIDA Avelino Sayango	
21	O POMAR DO VELHO KANDUNGO FNUAP-MEC	Conto tradicional Compreensão do Texto Funcionamento da Língua Tempo de Escrita
24	UM DOS MOMENTOS MAIS TRISTES DA MINHA VIDA Raúl B. Honwana	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
26	DONA SEMO E O PÁSSARO António Fonseca	
28	FAUSTINO José Luandino Vieira	Compreensão do Texto
29	SEPARAÇÃO Alice Vieira	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
32	SÁBIOS EM NOSSOS COMPROMISSOS <i>in</i> Revista Betânia	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
34	AS ÁRVORES Maria Teresa Maia Gonzalez	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
37	O ESCORPIÃO E A RÃ Ruben Alves	
38	O SEXA E O GULUNGO Óscar Ribas	Exercício
41	SERÁ QUE JÁ SEI?	
Página	UNIDADE 2	Actividades/Conteúdos
44	O TEXTO DESCRITIVO OU DESCRIÇÃO	Caracterização de uma personagem numa descrição (retrato)
46	EMIGRANTES Ferreira de Castro	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua Tempo de Escrita
49	MBANGU A MUSUNGU Óscar Ribas	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
51	OS HUMILDES Óscar Ribas	Tempo de Escrita

Página	UNIDADE 2	Atividades/Conteúdos
52	BÚZIO Sophia de Mello Breyner Andresen	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua Tempo de Escrita
55	MANDIOCA <i>in</i> Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil	Exercício
56	A RAZÃO DA GRANDEZA DO NINHO DE «NAPHIPI» Alberto Viegas	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
58	O ALAMBAMENTO Raul Ruiz de Asúa Altuna	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
60	COMÉRCIO Raul David	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
63	CULTURA COKWE Henrique Abranches	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
66	PEDRAS NEGRAS Alfredo Diogo Júnior	Compreensão do Texto
69	SERÁ QUE JÁ SEI?	

Página	UNIDADE 3	Atividades/Conteúdos
72	O TEXTO POÉTICO/LÍRICO	
73	QUERO SER TAMBOR José Craveirinha	
74	ESSA QUE EU HEI-DE AMAR... Guilherme de Almeida	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua Tempo de Escrita
76	RUMO AO INFINITO	
76	INOCÊNCIA INCOLOR António Gonçalves	
77	A CORUJA	
77	CANTOS Fragata de Moraes	
78	CRIAR Agostinho Neto	
79	SER MULHER Maria de Lourdes Brandão	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
81	PEDRAS E OSSOS DA HUMANIDADE	
81	TRISTES LÉGUAS João Tala	
82	NOVO GOLFE Manuel Rui	
83	NAS MARGENS PACÍFICAS DO RIO ZAIRE F. Ningi	
83	CONVICÇÃO Sapyruka	

Página	UNIDADE 3	Actividades/Conteúdos
84	CANTO PARA ANGOLA Jofre Rocha	
85	CANÇÃO DO MENINO PROLETÁRIO Endré Ady	
86	A NOSSA LIBERDADE David Mestre	
86	AS SANZALAS NO UÍGE Arnaldo Santos	
87	CHUVA FINA Cecília Meireles	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
88	O GRANDE MÃO ABERTA Ziraldo	
89	É PRECISO PLANTAR Marcelino dos Santos	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
91	PANO DE SONHO Amélia Dalomba	Compreensão do Texto
92	OLHA QUE HISTÓRIA Mário Castrim	
93	HISTÓRIA António Cardoso	
95	SERÁ QUE JÁ SEI?	

Página	UNIDADE 4	Actividades/Conteúdos
98	O TEXTO INFORMATIVO	
99	TERRA MORTA Castro Soromenho	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
102	COMPLEXO ESCOLAR MARÍTIMO DO NAMIBE «HELDER NETO» Mário Luís França de Faria	
103	A ESCOLA: UM BEM SOCIAL <i>Adaptado</i>	
105	GALERIA CHIBIANA <i>in Revista Chela/Press</i>	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua Tempo de Escrita
107	INQUÉRITO AOS AGREGADOS FAMILIARES Carlos Alberto	Compreensão do Texto
109	PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE Manuel Pinto da Costa	Compreensão do Texto
111	ANGOLA - EDUCAÇÃO/CULTURA Filipe Zau	Compreensão do Texto
113	CORNOS E HASTES <i>in Ano Africano do Turismo</i>	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua Tempo de Escrita
116	CABO VERDE: ROTEIRO GASTRONÓMICO <i>Adaptado</i>	Tempo de Escrita

Página	UNIDADE 4	Actividades/Conteúdos
117	BIBLIOTECAS Manuela Batalha	
120	AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO Castro Paulinho Camarada	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
123	ÁFRICA E O PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA	Tempo de Escrita
124	A FONTE DE LONGEVIDADE Vicente Neto	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
129	SERÁ QUE JÁ SEI?	

Página	UNIDADE 5	Actividades/Conteúdos
132	O TEXTO INJUNTIVO	
134	INSTRUÇÕES	Actividade
136	APRENDA A ENVELHECER P. C. Vasconcelos	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua Tempo de Escrita
139	HORÓSCOPO <i>in</i> Jornal de Angola	
140	BEN-U-RON - COMPRIMIDOS	Compreensão do Texto
142	COMO USAR A BATEDEIRA	
144	COMO USAR O FERRO DE ENGOMAR	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
147	REGRAS DE SEGURANÇA NO LABORATÓRIO DE QUÍMICA	
150	TEOREMA	
151	A PREOCUPAÇÃO DE JOÃO LUMBO G. Pedro	Actividade
153	RECEITA: MUAMBA DE GALINHA (DENDÉM)	
154	CATÁLOGO	Compreensão do Texto Actividade
159	SERÁ QUE JÁ SEI?	

Página	UNIDADE 6	Actividades/Conteúdos
162	O TEXTO EXPLICATIVO	
163	O DOMÍNIO HUMANO DA NATUREZA <i>in</i> Ecologia e Preservação da Natureza	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
166	O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO MUNDIAL Geografia, 8ª Classe	
168	ADITIVOS ALIMENTARES - O QUE SÃO E PARA QUE SERVEM Alimentação e Nutrição (<i>adaptado</i>)	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua Tempo de Escrita
171	DOENÇAS DE RINS	

Página	UNIDADE 6	Actividades/Conteúdos
172	QUÍMICA E SAÚDE Ciências Naturais , 8º Ano	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
176	O TABACO Ciências Naturais , 8º Ano	Compreensão do Texto Funcionamento da Língua
178	PÃO - REI DO SUSTENTO Ciências Naturais , 8º Ano	
180	COMO REDIGIR UM RELATÓRIO CIENTÍFICO Ciências Naturais , 8º Ano	
181	SIDA <i>Adaptado</i>	
182	OS RECURSOS NATURAIS Geografia, 8ª Classe	Compreensão do Texto
184	SERÁ QUE JÁ SEI?	

Página	BLOCO GRAMATICAL	Actividades/Conteúdos
188	MORFOLOGIA	Classe dos Substantivos Classe dos Adjectivos Classe dos Pronomes - Variantes Combinatórias Classe dos Verbos Classe das Conjunções e Locuções Conjuncionais
203	LEXICOLOGIA	Relação de Sentido e Forma entre as Palavras Denotação e Conotação Registos de Língua Elementos Acessórios na Oração
207	SINTAXE	Concordância do Verbo com o Sujeito Concordância do Predicativo com o Sujeito Orações Subordinadas
212	EXPRESSÃO LITERÁRIA	Texto Literário e Texto Não Literário Prosa e Poesia Noções de Versificação Recursos Expressivos
222	TÉCNICAS DE ESCRITA	A Carta A Biografia O Resumo A Notícia A Entrevista A Crónica O Texto Publicitário

TEXTO

NARRA

0

ATIVIVO

O TEXTO NARRATIVO

Como sabes, a narrativa é uma história na qual se desenrolam vários **acontecimentos** que envolvem **personagens**.

Também já te apercebeste de que, para além da acção (os acontecimentos) e das personagens, existem na narrativa outros elementos importantes: o **espaço**, onde ocorrem os acontecimentos; o **tempo**, durante o qual estes se desenrolam; e o **enredo** ou a intriga, isto é, a sequência em que os acontecimentos são apresentados.

Atenta, por exemplo, no seguinte trecho:

«Tinha doze anos, quando meus tios, deixando a nossa cidade, foram viver noutra cidade, Malanje. Aqui frequentei o IMS (Instituto Médio de Saúde) e me formei. Morávamos, então, num bairro tranquilo, de casas e jardins espaçosos.»

Temos, pois:

- A. Personagens:** o narrador e seus tios.
- B. Espaço:** «num bairro tranquilo, de casas e jardins espaçosos.»
- C. Tempo:** «Tinha doze anos».
- D. Enredo** (sequências narrativas):
 - o narrador e os tios deixam a sua cidade e vão viver para outra cidade, a cidade de Malanje;
 - o narrador frequentou o IMS naquela cidade;
 - o narrador formou-se naquela cidade.

O narrador

O texto narrativo caracteriza-se, pois, por uma determinada acção, que se desenvolve no espaço e no tempo e é realizada por personagens. Os acontecimentos da narrativa são contados por um narrador que pode participar na acção (**narrador participante**) ou não participar (**narrador não participante**).

As personagens

As personagens actuam e são responsáveis pelo desenrolar dos acontecimentos. Podem ser, quanto à sua importância ou **relevo**:

Principais ou protagonistas

São as que desempenham os papéis de maior importância na acção.

Secundárias

Desempenham papéis de menor relevo, sendo aquelas com quem o protagonista se relaciona ao longo da acção.

Figurantes

Não têm qualquer importância na acção, sendo apenas mencionados para ajudar a criar um ambiente.

Caracterização da personagem

Numa narrativa, as características de uma personagem podem ser:

- apresentadas pela própria personagem, por outras personagens ou pelo narrador, **caracterização directa**;
- deduzidas pelo leitor a partir dos comportamentos dessa personagem, **caracterização indirecta**.

Modos de representação e expressão

Os modos de representação do texto narrativo são:

A narração

Momentos de avanço dos acontecimentos;

A descrição¹

Momentos de pausa na acção que têm por função apresentar personagens, objectos, ambientes, etc.;

O diálogo

Conversa entre as personagens (dá à «história» mais vivacidade e autenticidade);

O monólogo

A personagem «fala» consigo própria.

Quando existe diálogo ou monólogo, podemos falar de um **discurso dialogado** ou **monologado (discurso directo)**. No entanto, muitas vezes, é o narrador que transmite o conteúdo das intervenções ou reflexões das personagens (**discurso indirecto**).

Elementos da análise narrativa

História

Um conjunto de acontecimentos interligados, passados num dado tempo e num dado espaço e envolvendo certas personagens.

Discurso

Enunciação narrativa.

Narrador

Entidade fictícia que conta a «história».

Narratário

Aquele a quem se dirige a «história».

A narrativa pode ser apresentada quer na 1ª pessoa, quer na 3ª pessoa, quer mesmo na 2ª pessoa. Muitas vezes o narratário não é indicado directamente no texto, no entanto pode ser referido expressamente.

¹ É muito frequente encontrarmos descrição sem narração, mas raramente encontramos uma narração sem descrição. Por isso, associamos o termo «descritivo» ao vocábulo «narrativo».

O medo

Meia noite. Cansada e com sono eu vinha caminhando pela rua deserta quando, de repente, ouvi passadinhas leves atrás de mim. Senti um frio no estômago, minhas pernas ficaram bambas e meu coração começou a bater descompassadamente.

5 Não sabia o que fazer. Sair correndo, ou andar normalmente, ou então gritar por socorro ou até desmaiar, mas essa não seria a solução certa. Então resolvi continuar a andar calmamente como se estivesse tudo normal, apesar de estar com o coração na mão.

10 Fui andando ao ritmo a que estava antes do ocorrido, mas à medida que andava sentia que aquelas passadinhas leves continuavam a me seguir por onde quer que eu fosse, então aumentei minhas passadas e as passadinhas aumentaram também, entrei em pânico e saí correndo como louca. Corri, corri até que senti que ninguém mais me seguia, parei na esquina e tomei um fôlego e coragem e olhei para trás para ver se via algo, não vi nada.

20 Voltei a caminhar até que avistei, bem lá no fim da rua, minha casa me esperando ansiosa. Comecei a caminhar mais rápido ainda até ouvir aquelas tenebrosas passadinhas bem atrás de mim, não fiz outra coisa a não ser gritar e correr desesperadamente rumo a minha casa, porém aquelas passadinhas corriam atrás de mim insistentemente até que por descuido escorreguei e caí; não tive força para levantar. Pensei que hoje seria o meu fim. Até ouvir um latido, olhei para o lado de onde vinha esse latido e vi um cão, logicamente; daí me toquei que estava fugindo desesperadamente de um cão.



Alcília Afonso de Carvalho, «O Medo»,
in *Comunicação e Expressão*, São Paulo



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Para que melhor compreendas o texto, procura no dicionário o significado das seguintes palavras e regista no teu caderno: *bambas*, *descompassadamente*, *fôlego*, *avistei*, *ansiosa*, *tenebrosas*, *insistentemente*, *latido*.
2. Divide o texto em partes e identifica cada uma delas.
3. «... raramente encontramos uma narração sem descrição...» (consulta a página 14, Modos de Representação).
 - 3.1. Haverá, nesta narrativa, alguma descrição? Justifica a tua resposta com base num excerto do texto.
4. Consideras o presente texto como sendo literário?
5. A narradora do texto "fugia... fugia..."
 - 5.1. Por que sentimento era movida?
6. A narradora é participante.
 - 6.1. Transcreve do texto três expressões, três formas verbais e três pronomes que comprovem esta afirmação.
7. Segundo a narradora do texto, qual foi a principal causa do medo?
8. Explica o sentido das expressões:
 - 8.1. «Senti um frio no estômago...» (l. 3);
 - 8.2. «...minhas pernas ficaram bambas...» (l. 3).



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. «... aumentei minhas passadas e as passadinhas aumentaram também...» (l. 12 e 13).
 - 1.1. Identifica, nesta frase, duas palavras da mesma família.
 - 1.1.1. Qual delas é a palavra primitiva?
 - 1.1.2. Como classificas a outra, atendendo ao seu processo de formação?
2. «... até ouvir aquelas tenebrosas passadinhas...» (l. 19).
 - 2.1. Em que grau se encontra o adjectivo sublinhado?
 - 2.2. Indica a função sintáctica que este adjectivo desempenha na frase.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Dia de sorte

Três dias depois já o Jorge tinha lido aquele livro e ainda um outro do mesmo autor, que foi buscar a casa do Joel. O tal Ruben Galeano era mesmo bom.

5 Os livros dele contavam histórias emocionantes que envolviam completamente os seus leitores. Os olhos corriam as linhas e as páginas sem se dar por isso. E os finais? Eram quase sempre inesperados, surpreendentes.

10 Foi assim que o Jorge se descobriu um leitor. Quem diria!? O pior era o trabalhinho de Português. Se não estivesse tapado por faltas, não punha os pés na escola. Arranjava uma má disposição e ficava em casa. Quem lhe dera ficar esticadinho na cama a ler, a ler. Mas não foi possível. Às oito e meia da manhã lá estava ele na escola, triste e abatido como um condenado.

15 Entrou na sala cabisbaixo e preocupado. Sentia dores de barriga e lembrou-se que talvez fosse dos nervos, ou talvez fosse por já ter mascado três pastilhas elásticas, ou então estava mesmo doente e devia ter faltado. Quando se sentou na carteira, dobrou-se para a frente, baixou a cabeça e chegou-se mais para a direita para ficar encoberto pelo colega da frente. Nem reparou que a Dra.
20 Odete estava acompanhada. Ao lado dela estava um homem alto com um ar simpático, apesar da barba de três dias. Quem era ele e o que estava ali a fazer? Seria um ajudante da professora? Um inspetor escolar?



25 O Jorge levantou a cabeça. Afinal havia a esperança de a aula poder ser diferente e ele não ter que falar.

- Bem... - disse a Dra. Odete, depois de tossir duas vezes. - Antes de mais nada quero apresentar-vos o Dr. João Castil, meu colega. É ele que me vai substituir. A partir de hoje, é o vosso professor de Português. Eu vou desempenhar funções a tempo
30 inteiro no Conselho Directivo e, já disse, tenho de vos deixar.

Ninguém se mexeu. Os alunos ficaram por momentos paralisados pela surpresa, num silêncio absoluto que se tornou incómodo para a professora.

- Pois é - disse ela, depois de mais duas tossidelas. - Vou-me
35 embora. Onde é que estão essas lágrimas?

Não houve lágrimas. E se houvesse eram de alegria.

- Hoje é o meu dia de sorte - pensou o Jorge. E foi esse de certeza o pensamento quase geral. Mas também não adiantava ficar contente antes de saber como era o outro professor. Até
40 podia ser pior, embora não parecesse. Tinha uma expressão inocente e um ar bondoso e sereno. Acompanhou a Dra. Odete até à porta e depois apresentou-se e disse-lhes o que esperava deles. Falou dele, contou histórias e enterneceu-os e fê-los rir com vontade. Sorria sempre enquanto falava e irradiava um bem-estar inesperado que se espalhou por toda a sala. E os alunos
45 ficaram confusos. Se aquilo continuava a ser uma aula, por que razão estavam eles tão atentos ao que o professor dizia? Por que se sentiam tão bem?

Álvaro Magalhães, O Assassino Leitor,
Edições Asa.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. «Foi assim que o Jorge se descobriu um leitor. Quem diria!?» (l. 8).
 - 1.1. Que facto permitiu ao Jorge fazer esta descoberta?
 - 1.2. Que sentimento revela a frase «Quem diria!?»?
 - 1.2.1. Justifica a utilização simultânea dos pontos de exclamação e de interrogação.
2. Que aconteceu naquela manhã de escola que fez com que Jorge pensasse que aquele era o seu dia de sorte?
3. Como já sabes, quando construímos uma narrativa, podemos utilizar diferentes modos de representação: a narração, a descrição, o diálogo e o monólogo.
 - 3.1. A narração corresponde aos momentos de avanço da acção. É o modo de representação que melhor transmite os acontecimentos e os comportamentos das personagens.
 - 3.1.1. No terceiro parágrafo do texto, que acções nos são relatadas?
 - 3.2. A descrição pode desempenhar, entre outras, as seguintes funções:
 - situar no tempo e/ou no espaço um acontecimento importante;
 - dar a conhecer o carácter (a maneira de ser) de uma personagem ou as suas características físicas;
 - sugerir a atmosfera que reina num lugar, de acordo com os acontecimentos que aí se desenrolam.
 - 3.2.1. Parece-te que, neste excerto, a descrição cumpre estas funções? Justifica a tua resposta, exemplificando.
 - 3.3. O diálogo contribui para dar maior vivacidade à «história» e pode surgir sob a forma de discurso directo ou indirecto.
 - 3.3.1. Assinala os diálogos do texto, indicando a forma como aparecem.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. «Tinha uma expressão inocente e um ar bondoso e sereno.» (l. 40 e 41).
 - 1.1. Indica a função sintáctica que cada um dos adjectivos desempenha.
 - 1.2. Identifica o grau em que se encontram.
 - 1.2.1. Reescreve a frase com o 1º adjectivo no grau superlativo absoluto analítico.
2. «Se não estivesse tapado por faltas, não punha os pés na escola.» (l. 9 e 10).
 - 2.1. Indica o número de orações que constituem a frase, classificando-a.
 - 2.2. Reescreve esta frase do texto de forma a construíres duas frases simples. (Faz as transformações necessárias.)

Álcool, o líquido que liquida

Um dia estávamos eu e os meus irmãos guardando a manada do meu pai. Era a estação das chuvas. Junto ao lugar onde estávamos, passava um trilho, e os bois andavam por ali, uns dum lado, outros do outro, cobrindo uma área bastante extensa.

5 A dada altura, ouvimos vozes que vinham de longe e nos pareciam vir do lado das lavras da nossa aldeia. Vozes humanas. À medida que se aproximavam, tornavam-se mais audíveis. Em breve se juntaram às próprias figuras donde emanavam. Caminhavam vagarosamente pelo trilho.

10 Nós escondemo-nos atrás de arbustos para podermos ver os trausentes sem eles nos verem a nós. Apenas viam os bois espalhados pela meta onde passavam.

As vozes tornavam-se cada vez mais altas. Eram alguns homens. Cedo reparámos que, para uns, o trilho era estreito demais.

15 Tinham um andar estranhamente oscilante. Uma dança irregular. Uma marcha titubeante.

Fomos olhando para cada homem que ia passando. A nossa atenção concentrou-se sobretudo num que estava bem emborrachado.

20 Sim, era bem ele! O meu pai! Estava bêbado como nunca o tinha visto. Foi por isso que esta imagem se fixou na minha memória. Umas vezes tinha-o visto alterado, com a voz pastosa, um pouco eufórico. Mas nunca como daquela vez.

25 Numa determinada altura, o meu pai deixou totalmente de beber qualquer tipo de bebida alcoólica.

Um dia, o meu pai e eu entrámos numa cantina, para comermos e bebermos qualquer coisa. Quem estava a atender-nos era o namorado da minha irmã. Foi imediatamente buscar cerveja bem fresca para nós. Retirou-se para ir buscar outra coisa. Quando

30 voltou, o meu pai, muito bruscamente, devolveu a cerveja e pediu gasosa para os dois.

Eu já era grande naquela altura, um jovem. O meu pai sorriu para mim. Aproveitou logo para fazer uma pregação sobre os males do álcool. Dizia sempre: «O álcool faz muito mal às pessoas.

35 *Mas também tem muitos defensores».*

O pomar do velho Kandungo

Vivia na Comuna da Kaota, o velho Kandungo. Com ele viviam outros velhos, jovens, adultos, mulheres e crianças; era a composição da população do município.

5 Todas as manhãs o velho Kandungo saía a percorrer o pomar, examinando uma a uma, vagarosamente, as árvores maravilhosas.

O que havia de extraordinário nas belas árvores é que elas não frutificavam como outras. Os seus frutos eram de ouro fino e, no tempo da colheita, o lavrador enchia com eles grandes cofres.

Na época da florescência redobravam os cuidados do velho.

10 Certo parente, ouvindo falar da riqueza do velho, procurou-o com ambição.

O velho recebeu-o na sua casa, compreendendo imediatamente que o homem o visitava, não porque se interessasse pela saúde, como dizia, mas porque queria conhecer o segredo da sua fortuna que crescia com as colheitas.

15 - Deus do céu! Mas não há rei na terra que possua tesouro comparável ao vosso - exclamou o hóspede. A mim disseram-me que as vossas árvores produzem ouro, mas eu nunca acreditava em tais palavras. Agora que vejo, não sei explicar tão extraordinário caso. Parece que tem pacto com o inferno...

20 - Não, parente amigo, não há no que vês nada que não tenha vindo de Deus. Eu devo ao Senhor o meu esforço. Se alguém vos falou assim é pessoa que não me conhece, que nunca visitou a minha casa, onde tudo é pureza e honradez.

25 - Oh! se o parente me fizesse a esmola de umas mudas destas árvores, como eu viveria feliz!...

- Leva quantas quiseres, parente; escolhe à vontade...



Passaram várias estações até que, numa tarde, reaparece nas terras do velho.

30 Vinha queixoso:

- Parente, as árvores lá estão, mas não produzem. Parece que o encanto está na terra do vosso pomar...

- Talvez, disse o lavrador. É possível que assim seja, mas eu vou convosco para ver as vossas árvores.

35 Logo que entrou no pomar, sorriu tristemente vendo a erva brava, alta e forte e, pelos ramos, os parasitas e insectos voadores.

- Ah! parente amigo, como queres que as tuas árvores produzam ouro se as deixas abandonadas? Como queres fortuna, se tudo deixas às leis da natureza?

FNUAP-MEC,
in A Ambição Castiga

Conto tradicional

O conto **tradicional** é uma **narrativa curta** que transmite uma **moralidade**. Foi criado para ser escutado, isto é, é uma história da tradição oral. Por isso, a sua **linguagem** é **espontânea e dialogada**.

As acções situam-se num **tempo** e num **espaço** indeterminados.

As **personagens** servem-se de manhas e esperteza para concretizarem os seus objectivos.

Alguns dos **temas** presentes são o elogio da honradez, o triunfo da inocência, a maldade, a mentira, a infidelidade e a crença no destino.

São histórias de grandes **contrastes**: os mais ricos (sobas, senhores, proprietários) e os mais pobres (servidores, camponeses); o soba com grandes terras, mulheres e posses e o parente pobre e invejoso (mas que não gosta de trabalhar). E também de frequentes **associações**: o pobre tem bom coração e o rico, má índole; a beleza associa-se à virtude e a fealdade, aos maus instintos; os sacos de dinheiro e a riqueza relacionam-se com a ascensão social, etc.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Verifica se este conto está de acordo com as características do conto popular, fazendo referência aos seguintes aspectos:

- localização da acção no espaço e no tempo;
- modo de actuar das personagens;
- características da linguagem;
- características temáticas;
- moralidade.

2. Identifica as personagens do texto.

3. Descreve a personagem principal, indicando:

- 3.1. características físicas;
- 3.2. características psicológicas;
- 3.3. características sociais.

4. Que sentimentos nutria o parente pelo velho?

4.1. Justifica a resposta com expressões do texto.

5. Qual era, afinal, o principal obstáculo para a produção nas terras do parente?

6. Apresenta os sinónimos das palavras:

- desânimo
- hostilidade
- queixoso
- honradez

7. Explica o sentido das expressões:

7.1. «Na época da florescência redobravam os cuidados do velho.» (l. 9).

7.2. «Parece que o encanto está na terra do vosso pomar...» (l. 31 e 32).

8. «Como queres fortuna, se tudo deixas às leis da natureza?» (l. 38 e 39).

PARA SABER MAIS

Podemos dividir este texto em duas partes:

Na primeira (l. 1 - 9), os verbos estão no **pretérito imperfeito** e no **gerúndio**, pois indicam uma ideia de continuidade: a de um trabalho feito de forma sempre igual em todas as estações.

Na segunda (l. 10 - 39), os verbos surgem, de uma forma geral, no **presente**, porque a acção reflecte um acto em presença; e no **pretérito perfeito**, indicando uma acção acabada.

Surge ainda o **imperfeito do conjuntivo** (expressando o desejo ou a possibilidade): «se o parente me fizesse a esmola...» (l. 25).



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Dá outros exemplos de expressões com os verbos nos tempos indicados em cada uma das partes em que dividimos o texto.
2. Justifica a utilização das reticências no final do sexto e do oitavo parágrafo do texto.
3. Identifica alguns advérbios e locuções adverbiais e classifica-os.
4. Assinala as formas verbais do último parágrafo do texto e classifica-as.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!



TEMPO DE ESCRITA

Num texto de cerca de 40 linhas, imagina o que o parente terá feito depois da lição dada pelo velho Kandungo.

Um dos momentos mais tristes da minha vida

Em 1918, de Junho a Agosto, estive com a minha mãe em Lourenço Marques. Hospedámo-nos em casa dos meus tios Tricamos. Nessa altura a minha irmã Hawa estava para dar à luz, o que veio a acontecer pouco antes da reabertura das aulas. A criança nasceu prematuramente e a minha irmã precisou de assistência

5 permanente, pelo que a minha mãe tinha que se manter ao lado dela.

Fui então sozinho para Ricatla, para avisar o meu professor de que não podia regressar por enquanto à escola, dado não ter com quem ficar em Ricatla. O professor Moiana falou com o director, que objectou, dizendo que eu era bom

10 aluno e ficaria prejudicado se perdesse aulas. Ele propôs-me que ficasse a viver em sua casa, mas acabei por aceitar ficar em casa do próprio professor Moiana.

Durante esse período tive muitas saudades de minha mãe, pois que em casa do professor Moiana recebia um tratamento muito diferente daquele a que estava habituado.

Um dia foram dizer-me que a minha mãe já voltara, mas estava doente. Voltei

15 para casa e, com efeito, encontrei a minha mãe num estado de saúde precário. Ela contou-me que saíra de Lourenço Marques acompanhada do empregado do meu cunhado, e no caminho fora acometida da doença que então estava em

voga e se chamava febre espanhola. Naquela altura viajava a pé. Por alturas das

Malhotas, ela tinha-se sentido mal com o calor intenso que fazia. Os seus pés

20 ficaram inchados e queimados e ela tremia de febre e tinha muita sede.

Numa certa povoação, tinham-lhes dado guarida e água e eles ali se mantiveram de um dia para outro. Depois, sentindo-se um pouco melhor, minha mãe resolvera prosseguir a marcha até Ricatla, onde chegaram depois de um dia inteiro de caminhada.

25 Vendo o estado de saúde de minha mãe, mandei chamar a minha prima Babalala.

Uma semana depois, numa sexta-feira, dia 28 de Outubro de 1918, pelas 22.30 horas, minha mãe acabou por falecer.

30 Fui à escola comunicar ao professor, que por sua vez comunicou ao director Junod. Vieram as pessoas da igreja para me assistir na organização do funeral e para me dar apoio. Avisados os tios Tricamos em Lourenço Marques, enviaram quatro mulheres para representarem aquela família dizendo que, uma vez que a minha mãe não fora da sua religião, a maometana, se fizesse o enterro

35 segundo os ritos tradicionais.

Mantenho viva a imagem do corpo de minha mãe a ser tirado da sua palhota para a sepultura. No entanto, quando uma pessoa vai a enterrar, não retiram o corpo pela porta da palhota, mas sim por uma abertura praticada na parede. Como minha mãe e eu só

40 tínhamos uma única palhota, durante os dias que se seguiram à sua morte eu tinha que dormir ao relento. Quatro ou cinco dias após o enterro, o tio Tricamo mandou que me trouxessem para Lourenço Marques, para eu não ficar só. Tinha eu então treze anos.

45 Durante a viagem lembrei-me várias vezes de minha amada mãe e senti que o momento em que a perdi foi um dos momentos mais tristes da minha vida.

Raúl B. Honwana, Memórias
(extracto adaptado)



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Localiza a acção da narrativa no tempo.
2. Indica as personagens que intervêm na narrativa.
 - 2.1. Qual é a única personagem que se mantém ao longo de toda a narrativa?
3. As personagens movimentam-se em vários espaços.
 - 3.1. Indica-os.
4. De que morreu a mãe do autor? Que sintomas teve?
5. No excerto, os dois encontros do narrador com a sua mãe ocorrem em locais diferentes.
 - 5.1. Explica as condições em que se realizou cada um desses encontros.
6. O que fez o narrador após a morte da sua mãe?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. «Durante esse período tive muitas saudades de minha mãe, pois que em casa do professor Moiana recebia um tratamento muito diferente...» (l. 11 - 12).
 - 1.1. Classifica morfologicamente a palavra e a expressão sublinhadas.
 - 1.2. Divide e classifica as orações do período.

2. «O pobre homem perdeu a mãe muito cedo...»
«Disse para o pobre homem...»
 - 2.1. Que significado atribuis ao adjetivo «pobre» em cada uma destas frases?
 - 2.2. Explica as diferenças de sentido dos adjectivos sublinhados nas seguintes frases:
 - a) Tenho saudades da minha antiga casa. Naquela rua há uma casa antiga.
 - b) Aquele é um triste homem. Este é um homem triste.

3. «Uma vez foi chamado porque a mãe estava doentíssima.»
 - 3.1. Indica uma palavra homófona de «vez», integrando-a numa frase.
 - 3.2. Indica a classe morfológica a que pertence a palavra «doentíssima».
 - 3.3. Classifica a palavra «doentíssima» atendendo ao seu processo de formação.
 - 3.3.1. Indica a palavra primitiva que deu origem a «doentíssima».
 - 3.3.2. Constrói uma frase em que a palavra «doente» pertença a outra classe morfológica.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Dona Semo e o pássaro

Dona Semo vivia com seus pais e a cada homem que fosse pedi-la aqueles respondiam: «Tu queres a nossa filha? Você, feio assim? Queremos um genro que se diz genro de verdade, não é você.»

- 5 E os homens iam-se embora.
Numa semana apareceu um homem:
 - Dá licença?...
 - Pode entrar. O que vieste fazer?
 - Quero a Dona Semo.
- 10 - A Dona Semo está aqui para amigar, mas queremos um genro que se diz.
E o homem foi-se embora. Esperou... esperou. E um dia pensou: «Essa Dona Semo, os homens que vão à casa dela não são aceites. Eu vou virar pássaro.» Bem foi para sua casa, cozinhou e dormiu.
- 15



Na casa de Dona Semo, antes de ir dormir, esta despediu-se dos pais:

- Papá e mamã, até amanhã...

Cerca da meia noite, o homem transformado em pássaro apareceu no telhado da casa de Dona Semo e pôs-se a cantar:

20 - Ndó... ndó. Vim ver a Dona Semo que tem a fama de disparatar. Hoje vai disparatar...

Dona Semo levantou-se:

- Papá e mamã, olhem o pássaro do Senhor Bento, olhem o pássaro. Mas os pais não acordaram. E o pássaro de novo:

25 - Ndó... ndó. Vim ver a Dona Semo que gosta de disparatar...

Dona Semo chegou à porta, abriu-a; o pássaro entrou:

- Como é então, hoje vim e preciso uma resposta. Você, Dona Semo, que despreza todos os homens, hoje quero ouvir a tua resposta.

30 - Papá e mamã, olhem o pássaro do Senhor Bento, olhem o pássaro. Quem está a dormir, acorda! Olhem o pássaro, olhem o pássaro do Senhor Bento, olhem o pássaro - gritava Dona Semo, mas ninguém acordava.

E o pássaro:

35 - Ndó... ndó. Vim ver a Dona Semo que gosta de disparatar. Hoje vai disparatar.

O homem esperou a resposta, mas nada. «Vuum...» Foi-se embora.

De manhã, Dona Semo bateu à porta do quarto dos pais e disse:

40 - Como é então, o homem veio aqui, mas eu vi só um pássaro que veio de cima da casa, pousou no quintal e chegou até no meu quarto e depois foi-se embora.

A partir daí, os homens que iam pedir Dona Semo passaram a ser tratados com muita consideração.

António Fonseca,
in Contribuição ao Estudo da Literatura Oral Angolana

BIOGRAFIA - António Fonseca

António Fonseca (António Antunes Fonseca), nasceu em Ambriz, Província do Bengo, Angola, a 9 de Julho de 1956. Licenciado em Economia pela Universidade Agostinho Neto. É diplomado em Estudos Superiores Especializados de Políticas Culturais e Acção Artística Internacional pela Faculdade de Direito e Ciências Políticas da Universidade de Bourgogne, França onde igualmente frequentou sob a égide do Ministério francês da Cultura a «Formação Internacional Cultural» em Comparação, Decisão e Gestão Culturais. É funcionário superior do Ministério da Cultura. É Professor Universitário da Universidade Agostinho Neto.

Iniciou a actividade jornalística em 1976 na Emissora Católica de Angola, ingressando posteriormente na Rádio Nacional de Angola, onde desde 1978 realizou e apresentou o Programa ANTOLOGIA.

É membro da União dos Escritores Angolanos. Foi co-fundador da Brigada Jovem de literatura. Foi várias vezes membro de júri dos prémios libérios António Jacinto e Sagrada Esperança assim como do Prémio Maboque de jornalismo a que presidiu durante alguns anos.

Obras: *Raízes, Sobre os Kikongos de Angola, Poemas de Raiz e Voz, Crónicas dum tempo de Silêncio, Contribuição ao Estudo da Literatura Oral Angolana, Histórias e Memória, Contos de Antologia, etc.*

Faustino

Maria lhe trazia os cigarros que ele fumava. Trabalhava numa fábrica de tabacos. Mas às vezes não ia trabalhar de manhã, ficava a falar com ele. Gostava de o ver com a farda junto de elevador. E era sempre com espanto que via o elevador subir quando carregava no botão.

5 Faustino gostava de flores. Regava-as com carinho, não deixando cair água de muito perto, salpicando-as só. Depois colhia uma e dizia em voz baixa:

- Pedúnculo, cálice, corola...

10 - Que chatice! Já te disse mais de uma vez que o teu trabalho não é estragar as flores. Estás aqui para as regares e não para lhes tocares. As flores são para as senhoras do prédio. Qualquer dia vais para a rua. Pretos há muitos para este emprego. Ora esta, a mexer nas flores! Isso não é para as tuas mãos. Anda lá, anda lá depressa a regar o jardim que ainda tens de lavar as escadas.

15 Faustino não sorriu. Não gostava que o encarregado dissesse aquilo. Flores são flores, não são de uns nem de outros. São de todos. Nascem da terra se os brancos plantam ou se os pretos plantam. E não nascem mais bonitas por serem plantadas por brancos.

Ficou a olhar o encarregado que se afastava e dentro dele ia crescendo a raiva que o acompanhava há dias. Depois que Maria não trouxera mais cigarros porque fora despedida. O encarregado não deixava trazer mais. Só se ela fosse a casa dele.

20 Para ouvir uns discos de baiões e mambos - como ele disse. Maria era a flor de Faustino e disparatou o encarregado. Foi despedida.

25 Desde esse dia Faustino não riu mais. Já não sorria ao fechar ou abrir as portas do elevador. E não se interessava se os meninos corriam ou não perigo. Assim, naquele momento teve ganas de deitar fora a mangueira, despir a farda e ir-se embora com os seus livros para a sombra do seu quarto ou das suas mandioqueiras do quintal, estudar, estudar muito até ser alguém.

O menino malcriado corria por cima da relva. Chegou-se junto de Faustino, deitou a língua de fora e gritou:

- Bóbi, Bóbi!

30 Faustino não podia aguentar mais. O encarregado gritava do fundo do quintal para ele acabar de regar o jardim. O menino e outros meninos, todos de língua de fora, formavam roda e gritavam:

- Bóbi! Bóbi! Bóbi!

35 Lá em cima, do terceiro andar, o Bóbi gritou. O jacto de água da mangueira apanhou os meninos e molhou-os da cabeça aos pés. Ficaram encharcados, choramingando. Depois subiram as escadas e foram fazer queixa às mães.



BIOGRAFIA - José Luandino Vieira

José Luandino Vieira, é o nome literário de José Vieira Mateus da Graça, nascido na Lagoa do Furadouro, Vila Nova de Ourém, Portugal, a 4 de Maio de 1936. Com três anos partiu com os pais para Angola e aí fez os estudos primários, secundários e liceais, em Luanda, tornando-se, a seu tempo, gerente comercial. Militante Político do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), foi preso mais de 11 anos, 9 dos quais no Tarrafal, entre 1961 e 1973. Com residência fixa em Lisboa, passa a trabalhar numa editora, até regressar a Luanda em 1975. Desempenhou importantes cargos directivos tanto no MPLA como em empresas e instituições do estado. Foi Director da Televisão Popular de Angola (TPA), Director do Instituto Angolano de Cinema (IAC), tendo desempenhado também as funções de Secretário-Geral da União dos Escritores Angolanos (UEA), de que é co-fundador, de 1977 a 1980 e de 1984 a 1991 e Presidente da Comissão Directiva, no biénio 1991-1992. Poeta, ficcionista sobretudo, pertencente a gerações da *Cultura (II)*, foi vencedor de diversos prémios.

Obras publicadas: *A Cidade e a Infância (1957)*, *A Cidade e a Infância (1960)*, *1ª Canção do Mar (1961)*, *Duas Histórias de Pequenos Burgueses (1961)*, *Luuanda (1964)*, *Vidas Novas (1968)*, *Duas Histórias (1974)*, *Vida Verdadeira de Domingos Xavier (1974)*, *No Antigamente da Vida (1974)*, *Nós, os do Makulusu (1975)*, *Macandumba (1978)*, *João Vêncio, os seus Amores (1979)*, *Lourentino, Dona Antónia de Sousa Neto & Eu (1981)*, *Kipapa (1998)*, etc.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Lê atentamente os dois textos anteriores e preenche o quadro que se segue.

	Dona Semo e o pássaro	Faustino
Protagonistas		
Outras personagens		
Sequências da acção		
Narrador (classificação)		
Tempo		
Espaço		

Separação

O meu pai e a minha mãe dão-se agora muito bem.

- São muito civilizados - diz a tia Benedita.

5 - Modernices... - resmunga o avô Bernardo. - No meu tempo, quando acontecia uma coisa dessas, as pessoas tinham vergonha na cara e nunca mais se falavam. Cada um ia à sua vida e estava o caso arrumado. As pessoas tinham princípios.

- E não só - conclui sempre a avó Tita.

10 Por isso ainda hoje o avô Bernardo tem uma certa dificuldade em falar com o meu pai, se por acaso o encontra lá em casa ou se calha atendê-lo ao telefone.

Eu também me lembro dos primeiros dias a seguir à separação e sei que não foram fáceis. Tão estranho estar ali ao pé de nós e de repente não estar, tão estranho ele e mãe a dividirem as coisas, este disco é teu, este livro é meu, deste-me tu no dia dos meus anos, aquele quadro é meu, não é nada

15 mas podes levá-lo, para que quero eu aquela porcaria, e se quiseres
leva a casa inteira a ver se me ralo, não estás a facilitar as coisas,
Luísa, ah, essa tem graça, o senhor fez o que fez e ainda acha que
eu é que tenho de facilitar a vida, Luísa, olha as crianças.

Depois ele saiu, e a minha mãe teve uma conversa comigo e com
20 o António, uma daquelas que de certeza estão em todos os livros de
psicologia e em todas as revistas para serem utilizadas em alturas
semelhantes. A velha conversa do «*ele-é-vosso-pai-e-gosta-muito-
-de-vocês-e-vocês-têm-de-continuar-a-gostar-muito-dele*», e, lá no
fundo, a gente estava mesmo a vê-la a chamar-lhe bandido, traidor,
25 filho desta e daquela, que a minha mãe sempre teve a língua muito
bem afiada, mesmo antes de ter escrito e publicado um artigo sobre
a «*Linguagem Popular em Gil Vicente*».

Claro que a avó Tita, quando soube, a coisa melhor que encontrou
para consolar a minha mãe, de olhos vermelhos do choro de muitas
30 noites, foi:

- Tu é que tiveste a culpa.

Para a avó Tita, as mulheres são sempre as culpadas de tudo.
Mesmo antes de saber pormenores, já ela sabe que não há outro
culpado possível.

35 Por estas e por outras está o António sempre a dizer que as
mulheres são más como as cobras e ele há-de morrer solteiro.

Coisa difícil de acontecer: eu bem vejo os olhinhos que a Renata
lhe deita.

Já para não falar na Luciana, evidentemente.

40 E isto apesar da borbulha no queixo.

Alice Vieira, *Caderno de Agosto*



COMPREENSÃO DO TEXTO

No quadro abaixo, apresentamos uma síntese dos assuntos do texto situados no tempo. Copia-o para o teu caderno e, depois, completa-o: identifica os parágrafos correspondentes a cada assunto e responde às perguntas da coluna da direita.

1. Observa a coluna da esquerda do quadro que completaste.

1.1. Parece-te que foi ou não seguida uma ordem cronológica na narração das acções, isto é, a ordem real dos acontecimentos corresponde à sua ordem textual?

Tempo	Assunto	Parágrafo	Perguntas
Presente	<p>A narradora...</p> <p>→ menciona o relacionamento actual dos pais;</p> <p>→ apresenta diferentes pontos de vista e reacções da família a esse relacionamento.</p>		<p>1. Transcreve o advérbio de tempo que situa os factos no presente.</p> <p>1.1. O emprego desse advérbio permite-te concluir sobre o modo como os pais da narradora se relacionavam no passado? Justifica.</p> <p>2. Apresenta os diferentes pontos de vista de familiares sobre o relacionamento actual do casal.</p> <p>3. Justifica a utilização da locução coordenativa conclusiva «por isso», no início do quinto parágrafo.</p>

Tempo	Assunto	Parágrafo	Perguntas
Passado	A narradora recorda acontecimentos do passado.		<p>4. Em que momento do passado se situam as suas recordações?</p> <p>5. Da separação dos pais, que episódio ficou na memória da narradora? Como o narrar: num tom dramático, divertido, irónico...?</p> <p>6. Luísa teve uma conversa com os filhos, daquelas, «para serem utilizadas em alturas semelhantes» (l. 21 e 22).</p> <p>6.1. Que alturas?</p> <p>6.2. Pelas palavras da narradora, deduz-se que os filhos já contavam com essa conversa e com o seu conteúdo. Justifica esta afirmação.</p> <p>6.3. Achas que a narradora e o irmão conheciam bem a mãe? Porquê?</p> <p>7. Considera a atitude da avó Tita, perante a separação da filha. Que traços da sua personalidade revela?</p>
Presente	A narradora «regressa» ao presente, justificando a opinião do irmão sobre as mulheres.		<p>8. Sublinha as formas verbais aqui utilizadas, identificando o tempo em que se encontram.</p> <p>9. Qual é a opinião de António sobre as mulheres? Quem o influenciou?</p> <p>10. A narradora não acredita que esta opinião vá durar muito. Porquê?</p>



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 1.** Considera as seguintes frases do texto:
 - a)** «Este livro (...) deste-me tu no dia dos meus anos...» (l. 13 e 14);
 - b)** «Aquele quadro é meu (...) mas podes levá-lo...» (l. 14 e 15);
 - c)** «O meu pai e a minha mãe dão-se agora muito bem.» (l. 1).
 - 1.1.** Os verbos assinalados fazem parte dos tipos especiais de conjugação verbal. Classifica-os.

- 2.** Atenta novamente na frase: «O meu pai e a minha mãe dão-se agora muito bem.» (l. 1).
 - 2.1.** Como a classificas quanto ao número de orações?
 - 2.2.** Analisa-a sintacticamente.

- 3.** Transcreve a frase complexa que constitui o 1º período do 6º parágrafo.
 - 3.1.** Divide e classifica as orações que a compõem.
 - 3.2.** Indica a função que desempenham os pronomes «eu» e «me» na oração em que se encontram.
 - 3.3.** Reescreve a frase, colocando o pronome «me» depois do verbo. Faz as alterações que considerares necessárias.

- 4.** Transcreve do texto quatro advérbios e classifica-os.

Sábios em nossos compromissos

Certo hindu estava em alto mar, quando foi surpreendido por uma tempestade. Ondas enormes atacavam a frágil embarcação e a sua vida estava em perigo. No desespero da situação resolveu apelar para o deus dos mares: «Caso saia com vida desta tempestade, quando chegar em casa oferecerei dez bois como sacrifício de gratidão por teres salvo minha vida.»

Feita a promessa, ficou na expectativa de o mar acalmar-se. O deus dos mares atendeu seu pedido, a tempestade parou e nosso amigo da história conseguiu sobreviver.

Ainda em meio viagem começou a pensar no tipo de voto que havia feito.

Achou um pouco exagerado. Dez bois? Fez então algumas considerações: «Acho que de qualquer maneira iria sair com vida daquela tempestade. Não vou dar dez bois de presente, apenas cinco.»

Quando chegou ao porto de destino já havia decidido em seu coração que cinco bois seria muito; daria apenas dois, afinal ele usava os animais para o serviço e estes lhe fariam muita falta.

Chegou em casa e contou à esposa o ocorrido, falando também da promessa que havia feito. A reacção de sua esposa foi negativa. Ele sugeriu:

- Vamos dar o bode que temos em casa!

- O bode é um animal de estimação, não podemos fazer isso, retrucou a esposa.

À noite foi deitar-se, pensando no que fazer para cumprir a promessa. Pela manhã chegou à seguinte conclusão: «Darei um saco de amendoim da última colheita ao deus dos mares por ter salvo minha vida durante aquela tempestade.»

Saiu cedo de casa para levar a oferenda. O templo ficava distante de sua casa, várias horas, o caminho longo. Na estrada caminhando e pensando, começou a comer os amendoins. Caminhando e comendo chegou ao templo e só restavam as cascas dos amendoins. Perto do ídolo entregou as cascas e disse: «Deus dos mares, aqui está minha oferta de agradecimento por teres salvo minha vida durante aquela tempestade em alto mar - cascas de amendoim!»



COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1.** Nesta divertida narrativa, a personagem principal é um hindu que não foi fiel ao seu compromisso.
 - 1.1.** Justifica esta afirmação.
 - 1.2.** Por que razão o hindu fez tal promessa ao deus dos mares?
 - 1.3.** Transcreve expressões que comprovem que o hindu não encontrou apoio da parte da esposa, depois de lhe contar o que tinha acontecido.

- 2.** Estás perante um texto narrativo.
 - 2.1.** Identifica as marcas deste tipo de texto.
 - 2.2.** Dessas marcas, quais as que constam no texto que leste?

- 3.** Explica, por palavras tuas, as expressões:
 - 3.1.** «oferecerei dez bois como sacrifício de gratidão...» (l. 5).
 - 3.2.** «O bode é um animal de estimação...» (l. 22).



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 1.** Indica as funções de linguagem presentes no texto.
 - 1.1.** Por que razão podemos considerar que existe a função referencial?

- 2.** Os recursos expressivos (a comparação, a adjectivação, o advérbio, a metáfora...) são fundamentais para enriquecer o texto.
 - 2.1.** Identifica, no texto, três adjectivos e três advérbios.

- 3.** Considera as palavras «deus», «tempestade», «conseguiu» e «sobreviver» na 2ª frase do 2º parágrafo.
 - 3.1.** Classifica-as morfologicamente.
 - 3.2.** Que função sintáctica desempenham na frase?
 - 3.3.** Escreve uma frase em que as palavras «deus» e «tempestade» desempenhem outra função sintáctica.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

As árvores

O Rafael respirou fundo, mordeu os lábios e subiu até ao primeiro andar.

Em casa, voou para o quarto, levou o gato para a cama e fechou os olhos a ver se conseguia libertar-se da imagem tenebrosa da gravata do pai. (...)

5 - Ainda bem que não usas gravata, Pessoa - disse para o gato, deitado ao seu lado sobre a colcha azul. - Aposto que o velho Elias era capaz de te impingir uma nojenta, toda colorida, às palmeiras amarelas e verde-alface... (...) Bom, agora vai para o chão e deixa-me em paz, que tenho de corrigir o artigo para o dia da Árvore, senão a Quarta Idade chaga-me a cabeça.

10 E o gato lá foi depositado no tapete, onde ficou de olhar expectante, observando os movimentos do dono, à procura do papel dentro da pasta.

- Cá está, ora vamos lá ver...

As árvores morrem de pé. E ali permanecem erguidas, de pés agasalhados no berço onde nasceram. Morrem de mansinho, sem fazer alarde.

15 *Ainda de braços elevados ao céu, mas de fé perdida, deixam-se acariciar suavemente pelos últimos raios de sol. E saboreiam pela derradeira vez o afecto do vento, eterno companheiro desde a primeira hora, já sem folhas que estremegam no gesto do habitual reconhecimento.*

20 *Então, despida e vazia de seiva e esperança, a árvore olha os ramos, outrora cheios de folhagem, flores e frutos e recorda, por breves instantes, o calor dos verões. E, se um pássaro jovem lhe pede abrigo, ela estica ainda um braço seco e magro, oferecendo-o sem nada pedir em troca. E o pássaro inquieto, alheio à proximidade da morte (tão perto já!), faz um trinado desafinado, um curto ensaio de canto. Depois, num ímpeto sem razão, abre as asas e escapa-se para um telhado ou um banco de jardim.*

25 *E a árvore fica, finalmente, só.*

30 *Os braços, irremediavelmente erguidos, já não cansam. No tronco, o vazio deixado pelo último casal de esquilos já não faz saudade. Fecha os olhos e respira devagar. O ar imundo da cidade que amou já não a sufoca. Então, fitando o céu, percebe que apenas os pés a prendem à terra. E solta a alma como um grito mudo.*



As árvores morrem de pé. Por isso não nos apercebemos da sua morte...

Releu uma vez mais o texto. Pareceu-lhe, então, demasiado sombrio.

- 35 Afinal, o Dia da Árvore comemorava a vida, o início da Primavera, o renascer de todas as coisas. Era um facto. Mas também era certo que as árvores lhe lembravam sempre os velhos abandonados, semeados pelas ruas de Lisboa, gente sem tecto de quem ninguém sabe o nome, a idade, a identidade... Gente que, como as árvores,
- 40 vai morrendo aos poucos, até que um dia, sem razão aparente, fica onde está, num passeio qualquer ou num banco de jardim, perante o olhar cego dos apressados.

Passou o artigo à máquina e guardou-o na pasta.

Maria Teresa Maia Gonzalez, *Poeta (às vezes)*, Difel



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Repara na estrutura do texto que Rafael redigiu e responde às perguntas:

1.1. Parte I: apresentação do assunto (1º parágrafo).

«*As árvores morrem de pé (...)* sem fazer alarde.»

- a) Transcreve deste parágrafo a locução adverbial que reforça a ideia da morte «discreta» das árvores.

1.2. Parte II: descrição dos momentos que antecedem a morte da árvore.

1.2.1. 2º parágrafo:

- a) Quais são as suas últimas «sensações»?
b) Quem as provoca?

1.2.2. 3º parágrafo:

- a) Que recordação surge «*por breves instantes*»?

1.2.3. 4º parágrafo:

- a) Indica os seus últimos «gestos».

1.2.4. 5º parágrafo:

- a) No final, que «sentimentos» dominam a árvore?

1.3. Parte III: retoma-se a ideia do 1º parágrafo, apresentando uma conclusão (6º parágrafo).

- a) Que conclusão?
b) Classifica a locução «*Por isso*» que inicia o último período e justifica a sua utilização.

- 2.** Às árvores são atribuídas características humanas.
- 2.1.** Exemplifica-as e indica o recurso expressivo utilizado nessas expressões.
- 3.** «... de pés agasalhados no berço onde nasceram.» (l. 12 e 13).
«Ainda de braços elevados ao céu...» (l. 14).
- 3.1.** «Pés», «berço» e «braços» são metáforas que ajudam a personificar as árvores. Que termos reais representam?
- 4.** Comenta o valor expressivo do advérbio «*irremediavelmente*» e da repetição dos advérbios «*já*» e «*não*» (ll. 26-28).
- 5.** Quando releu o seu texto, Rafael achou-o «sombrio». Porquê?
- 5.1.** Que semelhanças encontra Rafael entre as árvores e os velhos?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 1.** «Vai para o chão, que tenho de corrigir o artigo para o Dia da Árvore.»
- 1.1.** Substitui a conjunção «que» por outra que exprima a mesma ideia.
- 1.2.** Como classificas a oração iniciada por esta conjunção?
- 2.** O Rafael pensou que o seu artigo era demasiado sombrio.
- 2.1.** Classifica as duas orações que constituem esta frase complexa.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

O escorpião e a rã

Um dia, a floresta pegou fogo. E incêndio não tem medo de rabo de escorpião. Só havia um jeito de fugir da morte: era atravessando o rio, para o outro lado. Os bichos que sabiam nadar pulavam na água, levando seus amigos nas costas. Mas o escorpião não tinha amigos nem sabia nadar. E não havia ninguém que se arriscasse a oferecer-lhe carona.

O escorpião, então, valentia e coragem sumidas ante o fogo que se aproximava, foi forçado a se humilhar. Dirigiu-se com voz mansa à rã, que se preparava para a travessia.

- Por favor, me leve nas suas costas - ele disse.

- Eu não sou louca. Sei muito bem o que você faz a todos os que se aproximam de você - replicou a rã.

- Mas veja - argumentou o escorpião -, eu não posso picá-la com o meu ferrão. Se o fizesse, você morreria, afundaria, e eu junto, pois não sei nadar.

A rã ponderou que o raciocínio estava certo. Podia ser que o escorpião fosse muito feroz, mas não podia ser burro. Todo mundo ama a vida. O escorpião não podia ser diferente. Ele não iria matar, sabendo que assim se mataria... E como tinha bom coração resolveu fazer esta boa acção.

- Muito bem - disse a rã ao escorpião. - Suba nas minhas costas. Vou salvar sua vida...

O escorpião se encheu de alegria, subiu nas costas lisas da rã, e começaram a travessia.

- Que coisa - ele pensou -, é a primeira vez que me encosto em alguém de corpo inteiro. Antes era só o ferrão... E até que não é ruim. O corpo da rã é bem macinho...

Enquanto isso, a rã ia dando suas braçadas tranquilas, nado de peito, deslizando sobre a superfície.

- E como é gostoso navegar - continuou o escorpião nos seus pensamentos. - Estes borrifos de água, como são gostosos. É bom ter a rã como amiga...

Estavam bem no meio do rio. O escorpião olhou para trás e viu a floresta em chamas.

- Se não fosse a rã, eu estaria morto neste momento.

E um estranho sentimento, desconhecido, encheu seu coração: gratidão.

Nem sempre veneno e ferrão são a melhor solução. A vida estava com a rã, macia e inofensiva, que não inspirava medo a ninguém...

Sentiu seu corpo a descontrair-se. Achou que a vida era boa... Era bom poder baixar a guarda e descansar.

Voltou-se de novo para trás para olhar a floresta incendiada, mas, ao fazer isto, viu-se reflectido, corpo inteiro, na água do rio que brilhava à luz do fogo. E o que viu o horrorizou: seu rabo, dantes erecto, agora dobrado, desarmado.

Escorpião de rabo mole... Todos ririam dele. E sentiu ódio profundo da rã.

- Espelho, espelho meu, existe bicho mais terrível do que eu?

A resposta estava naquele rabo mole, reflectido no espelho da água. E a única culpada era a rã...

Sem um outro pensamento, enrijeceu o rabo e o enfiou nas costas da rã.

A rã morreu. E com ele o escorpião.

A estupidez do poder é maior que o amor à vida.

O Sexa e o Gulungo

O senhor Sexa e o senhor Gulungo eram muito amigos. Habitavam ao lado um do outro. Às refeições, as duas famílias revezavam-se, cozinhando um dia uma, cozinhando outro dia outra, comendo depois todos em conjunto, hoje em casa do senhor Sexa, amanhã em casa do senhor Gulungo.

5 O senhor Sexa tinha quatro filhos, e o senhor Gulungo três. Viviam da pilhagem, assaltando as lavras alheias. Mas sucedeu escassearem os géneros; e as mulheres, não sabendo o que apresentar, fizeram-lhes ver o aperto da situação.

- Eh, Sexa - diz-lhe particularmente o senhor Gulungo -, quero-te pôr uma conversa, mas que fique só entre nós os dois, nada de as nossas mulheres saberem.

10 - Fale à vontade, tio. Que é mesmo?

Então o senhor Gulungo, debaixo de uma árvore distante de casa, propôs:

- Sabes bem, meu sobrinho, como estamos a passar. Comida não há, e as nossas mulheres já se queixaram. Para não morrermos só de fome, pensei em comermos os nossos filhos: um dia matamos de um; no outro dia matamos do outro. Que dizes?

15 - Muito bem, tio. O conselho é mesmo bom. Mas primeiro começamos pelo seu filho.

O senhor Gulungo melindra-se:

20 - Ai, Sexa! Tens conversas que aborrecem! Então começa por mim, que sou o teu mais velho, e não por ti, que és criança?

- Não, tio, não se zangue "só". Eu não disse que não matava os meus filhos... mato mesmo. Ih! Se o outro mata, eu não mato também? Mas primeiro começamos pelos seus filhos, foi o tio quem saiu com a conversa.

25 - Pronto já, começa por mim! Tu, Sexa, tens muitas manhas! - cedeu o senhor Gulungo. Em casa, chamando a consorte de parte, o senhor Gulungo pôs a sua mentira:

- Já ouviste a ordem que saiu da banza?

O soba disse que, como há falta de comida, cada um fosse comendo os seus filhos.



- 30 - Hela! Essa ordem saiu mesmo da banza? Foi mesmo o soba quem a deu? - espantou-se ela.
- Foi mesmo o soba quem esteve a gritar: «Escutem, vocês da sanzala: na terra não há comida, agora cada pessoa coma os seus filhos!» Já falei com o amigo Sexa e ficou combinado comeremos
- 35 um dia o filho de um, no outro dia o filho do outro. Começa pelos nossos.
- Mataram um filho. O senhor Sexa e família repimpam-se com a carne. Mas no dia seguinte, quando lhe tocou a vez de abater o seu filho, abalou para longe e surripou umas galinhas.

Óscar Ribas, *Sunguilando*

BIOGRAFIA - Óscar Ribas

Óscar Bento Ribas (1909 - 2004), nasceu em Luanda a 17 de Agosto de 1909. Fez os estudos primários em Luanda, passando pelo "Seminário-Liceu" desta cidade. Iniciou os estudos em Luanda, mas foi em Portugal que os terminou. Foi ali que estudou Aritmética Comercial, regressando posteriormente a Angola onde começou a trabalhar na Direcção dos Serviços de Fazenda e Contabilidade. Residiu nas cidades de Novo Redondo, hoje Sumbe, Benguela, Salazar, hoje Ndalatando e Silva Porto, hoje Kuito (Bié).

Os primeiros sintomas de cegueira manifestaram-se aos 22 anos quando vivia em Benguela e, aos 36 anos, a sua cegueira era definitiva. No entanto, nunca deixou de "escrever" os seus livros, fazendo-o através do punho de um seu irmão a quem ditava aquilo que a inspiração e o conhecimento lhe sugeriam. Óscar Ribas é considerado um dos fundadores da moderna ficção angolana. Iniciou a sua actividade literária ainda nos tempos do Liceu. Numa primeira fase, publicou *Nuvens Que Passam*, em 1927 e *Resgate de uma Falta*, em 1929. Numa segunda fase, e após 20 anos sem publicar, Óscar Ribas surpreendeu os seus leitores com a publicação de *Flores e Espinhos*, em 1948, *Uanga*, em 1950 e *Ecossistemas da Minha Terra* em 1952.

Publicou ainda: *Lundo, Missosso, Alimentação Regional Angolana, Izomba, Tudo Isto Aconteceu, Sunguilando, Dicionário de Regionalismos Angolanos, etc.*



EXERCÍCIO

1. Após a leitura dos textos "O Escorpião e a Rã" e "O Sexa e o Gulungo", completa o quadro que a seguir se apresenta.

	O Escorpião e a Rã	O Sexa e o Gulungo
Personagens (breve caracterização)		
Ação (síntese)		
Sequências da acção		
Tempo		
Espaço		
Tipologia (Conto, lenda ou fábula)		
Objectivos do texto		

SERÁ

QUE

JÁ

SEI?

SERÁ QUE JÁ SEI?

Recorda o que aprendeste nesta unidade e assinala a opção correcta.

1. O texto narrativo:

- a) relata acontecimentos ou situações vividas por personagens.
- b) apresenta informações sobre produtos, com o objectivo de promover a sua venda.
- c) noticia um acontecimento, sendo da responsabilidade de um jornalista.

2. A acção estrutura-se em:

- a) introdução, recuo e fim.
- b) introdução, desenvolvimento e conclusão.
- c) desenvolvimento e fim.

3. As personagens:

- a) não têm qualquer importância para a narrativa.
- b) são responsáveis pelo desenrolar dos acontecimentos da história.
- c) raramente fazem parte de uma narrativa.

4. As personagens, quanto ao relevo, podem ser:

- a) principais, secundárias ou figurantes.
- b) principiantes, secundárias ou figurantes.
- c) principais, ausentes ou figurantes.

5. O espaço e o tempo:

- a) têm que ser adivinhados pelo leitor.
- b) podem ser identificados através de expressões que vão surgindo ao longo da narrativa.
- c) nunca são referenciados num texto narrativo.

6. O narrador:

- a) não tem qualquer importância para a narrativa.
- b) tem como função narrar a história.
- c) raramente existe numa narrativa.

7. O narrador, quanto à presença, pode ser:

- a) participante ou não participante.
- b) ausente ou não participante.
- c) participante ou nulo.

RESULTADO

Se acertaste em 0, 1, 2 ou 3 respostas... **Precisas de estudar mais!**

Se acertaste em 4 ou 5 respostas... **Foi bom, mas é necessário rever alguns conteúdos.**

Se acertaste em 6 ou 7 respostas... **Parabéns, óptimo resultado!**

TEXTTO

DESCR

CRITIVO

O TEXTO DESCRITIVO OU DESCRIÇÃO

A descrição é uma **modalidade de expressão** que revela as **características de uma pessoa, um animal, um objecto, ou uma paisagem** (que podem ser próprias do que é descrito ou resultar das impressões de quem descreve).

O próprio local onde nos encontramos influi sobre o nosso estado de espírito e conseqüentemente, sobre a descrição que fazemos do que nos rodeia: um mesmo lugar pode mudar com a hora do dia ou o estado do tempo; uma praia risonha em pleno dia pode tornar-se misteriosa e aterradora na solidão da noite. Cada lugar produz em nós uma impressão: uns alegram-nos, outros entristecem-nos, outros fazem-nos sentir mais pequenos... É essa impressão pessoal que expressamos também na descrição.

O exercício fundamental para a descrição é a **observação**. Devemos situar as personagens ou objectos no seu enquadramento, captando a impressão geral do lugar, depois fixar-nos nos pormenores e escolher os mais significativos, situando os vários elementos: objectos, tamanhos, cores, luzes e sombras, cheiros, sons, etc.

Os verbos mais utilizados na descrição são: **olhar, ver, dizer, afirmar, ir, vir, andar, voltar...**

Vejamos, por exemplo, a acção de «olhar». «Olhar» pode expressar-se de diversas formas, consoante o sentido que queremos imprimir à acção:

Quando «olhamos» com atenção, dizemos que estamos a «ver»;

Quando «olhamos» de muito perto, dizemos que estamos a «examinar»;

Quando «olhamos» com prazer, dizemos que estamos a «contemplar»;

Quando «olhamos» ao longe, dizemos que estamos a «avistar», «divisar», «lobrigar»;

Quando «olhamos» às escondidas, dizemos que estamos a «espreitar» ou a «espiar»;

Quando «olhamos» para identificar, dizemos que estamos a «distinguir» ou a «fixar».

Numa descrição podemos distinguir diferentes planos: 3º plano: lá longe, ao fundo, além, aquele; 2º plano: mais adiante, lá, a seguir, esse; 1º plano: aqui, perto de mim, este.

Uma maneira prática de distinguir a posição dos diferentes planos é a seguinte: quando viajamos de comboio ou de carro, por exemplo, os objectos situados no primeiro plano «passam por nós a grande velocidade»; os que estão no segundo plano «passam mais lentamente»; os que se situam no terceiro plano vão «passando muito lentamente» (dir-se-ia até que estão parados).

Caracterização de uma personagem numa descrição (retrato)

Caracterização física

É o retrato das características exteriores da personagem, observáveis a olho nu: a aparência, a estatura, a fisionomia (rosto, olhos, nariz, boca...), a voz, a fala, a idade, os gestos, a indumentária, etc.

Caracterização psicológica

Tem a ver com a representação interior da personagem, ou seja, aquilo que a alma espelha, desde as emoções e os sentimentos às qualidades e defeitos. Em suma, corresponde ao temperamento das personagens, à sua maneira de ser e de se comportar.

Caracterização social

Diz respeito às informações sobre o grupo/classe social a que pertence uma personagem.

Emigrantes

Os homens transitam do Norte para o Sul, do Leste para o Oeste, de país para país, em busca de pão e de futuro melhor.

Nascem por uma fatalidade biológica e quando, aberta a consciência, olham para a vida, verificam que só a alguns deles parece ser permitido o direito de viver.

- 5 Uns resignam-se logo à situação de elementos supérfluos, de indivíduos que excederam o número, de seres que o são apenas no sofrimento, no vegetar fisiológico duma existência condicionada por milhentas restrições. Curvam-se aos conceitos estabelecidos de há muito, aceitam por bom o que já estava enraizado quando eles chegaram e deixam-se ir assim, humildes, apagados, submissos, do
- 10 berço ao túmulo – a ver, pacientemente, a vida que vivem outros homens mais felizes. Nem todos, porém, se resignam facilmente. A terra em que nasceram e que lhes ensinaram a amar com grandes tropos patrióticos, com palavras farfalhantes, existe apenas, como o resto do mundo, para fruição duma minoria. Mas eles, mordidas as almas por justificada ambição, querem também viver, querem também
- 15 usufruir regalias – iguais às que desfrutaram os homens privilegiados. E deslocam-se, e emigram, e transitam de continente a continente, de hemisfério a hemisfério. E dão a volta ao planeta, cada um com a sua esperança de redenção e todos com a ânsia de conquistar fortuna, porque todos eles compreendem que, dado como se apresenta a vida colectiva, só o dinheiro tem valor para satisfação de determinados
- 20 prazeres e para assegurar, com o bem-estar familiar, a tranquilidade na velhice.

Mas em todo o mundo, ou em quase todo o mundo, vão encontrar drama semelhante, porque semelhantes são as leis que regem o aglomerado humano.

- Não esmorecem, apesar disso. Continuam a transitar, de olhos postos na lumieira que a sua imaginação acendeu, enquanto
- 25 os mais ladinos, aproveitando todas as circunstâncias favoráveis ou criando-as até, quando a esperteza é maior, fazem oiro com a ingenuidade dos ingénuos.

- 30 Eles continuam a transitar com uma pátria no passaporte, mas, em realidade, sem pátria alguma, pois aquela que lhes é atribuída pertence apenas a alguns eleitos.

Ferreira de Castro, *Emigrantes*
(excerto adaptado)





COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Encontra no dicionário o significado das seguintes palavras:

- | | |
|-------------|-------------|
| → supérfluo | → restrição |
| → submisso | → usufruir |
| → redenção | → drama |

2. Explica por palavras tuas o sentido das expressões:

2.1. «Nascem por uma fatalidade biológica...» (l. 3).

2.2. «... no vegetar fisiológico duma existência condicionada...» (ll. 6 e 7).

2.3. «... e que lhes ensinaram a amar com grandes tropos patrióticos...» (ll. 11 e 12).

3. Define «emigração» e assinala as causas mais frequentes deste fenómeno.

3.1. Por que razão se diz que a emigração é um drama?

4. «... seres que o são apenas no sofrimento, (...) duma existência condicionada por milhares restrições...» (ll. 6 e 7).

4.1. Comenta o valor expressivo das palavras sublinhadas na frase.

4.2. Caracteriza psicologicamente o «grupo dos resignados».

5. «Mas em todo o mundo vão encontrar drama semelhante...» (ll. 21 e 22).

5.1. Comenta esta afirmação.

6. Transcreve do texto expressões que sugiram sentimentos.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. «... aberta a consciência...» (l. 3).
 «... curvam-se aos conceitos...» (ll. 7 e 8).
 «... mordidas as almas...» (l. 14).
 - 1.1. Que figuras de estilo se encontram nas expressões?
 - 1.2. Explica-as por palavras tuas.
2. Analisa sintacticamente o primeiro parágrafo do texto.
3. «Nascem por uma fatalidade biológica...» (l. 3) .
 «Uns resignam-se logo à situação de elementos supérfluos...» (l. 5).
 - 3.1. Faz a análise morfológica das expressões transcritas.

CONSULTA
 O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!



TEMPO DE ESCRITA

Imagina que, um dia, te vias obrigado a deixar o teu país para poderes ter uma vida melhor. Num texto de cerca de 40 linhas, faz o relato das tuas primeiras impressões e experiências.

Mbangu a Musungu

Há quantos anos? Ninguém o sabe. Mas o que não suscita dúvida, é que esta história foi vivida em época remota, certamente antes da ocupação portuguesa.

5 E seu protagonista, apesar da camada de anos que sobre si se formou, ainda faz reflectir esse longínquo passado: na hereditariedade do eco, a lenda tem sabido manter a vitalidade de Mbangu a Musungu.

10 Régulo de uma importante região angolana, hoje designada pelo seu nome, possuía muitas lavras, doze mulheres e, arrebanhado pelo absolutismo, um povo inteiro. Era grande, grande em tudo: na ostentação, na crueldade. Sem poderio, irradiava fama: todos falavam dele, as bocas abriam-se de horror.

15 Em seu ilimitado despotismo, os apetites confinavam com a loucura. Os escravos não lhe inspiravam o menor sentimento de humanidade, para ele constituíam seres inferiores, bichos como outros quaisquer. E porquê? Porque os adquiria com pouco dispêndio, quer em troca de irracionais, quer em caçadas resultantes de surtidas frequentes que ordenava, quer em aprovisionamento dos vencidos nas lutas com outras tribos.

20 Dispunha sempre de gente. Mas, pela sua abjecção, desprezava-os fidalgamente – razão por que, quando se sentava ou levantava, se apoiava a duas varas terminadas por um aguilhão, que espetava nos corações de dois escravos prosternados em cada lado da sua benza¹.

25 E diariamente sacrificava tantos homens quanto o dobro das vezes que ocupava ou deixava o assento régio. Mas isso não lhe importava: as reservas não findavam, os servos conseguiam-se facilmente.

Óscar Ribas, *Ecoss da minha Terra*

¹ Esta prática, também observada por Ngola Kiluanji Kia Samba, parece ser a norma dos potentados despóticos.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Procura no dicionário o significado das seguintes palavras:

- arrebanhado
- ostentação
- despotismo
- surtidas
- prosternados

2. Explica o sentido das expressões:
 - 2.1. «Era grande, grande em tudo, na ostentação, na crueldade...» (ll. 10 e 11).
 - 2.2. «Em seu ilimitado despotismo, os aspectos confinavam com a loucura...» (ll. 13 e 14) .
3. Identifica o tempo e o espaço da descrição.
4. Caracteriza fisicamente a personagem principal do texto.
5. Assinala expressões do texto que sugiram sentimentos da personagem principal.
 - 5.1. Comenta os processos utilizados pela personagem principal para demonstrar a sua crueldade.
6. Transcreve expressões que indiquem o poder da personagem principal.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Nas expressões que se seguem, sublinha, com um traço, os adjectivos que desempenham a função sintáctica de atributo e, com dois traços, os que são predicativos do sujeito.
 - 1.1. «... ainda faz reflectir esse longínquo passado...» (l. 5).
 - 1.2. «Em seu ilimitado despotismo...» (l. 13).
 - 1.3. «Os escravos (...) para ele constituíam seres inferiores.» (ll. 14-15).
 - 1.4. «... caçadas resultantes de frequentes surtidas.» (ll. 17-18).
 - 1.5. «... ocupava ou deixava o assento régio...» (l. 26).
2. Sabendo que o sentido de um adjectivo pode mudar consoante este se encontre antes ou depois do substantivo, indica a diferença de significado entre:
 - 2.1. «uma refeição magra» e «uma magra refeição».
 - 2.2. «um régulo simples» e «um simples régulo».
 - 2.3. «uma lavra grande» e «uma grande lavra».
 - 2.4. «um homem triste» e «um triste homem».
 - 2.5. «os instrumentos antigos» e «os antigos instrumentos».
3. Coloca entre parênteses os termos a que se referem os predicativos sublinhados.
 - 3.1. Os escravos eram jovens.
 - 3.2. As flores murcharam perfumadas.
 - 3.3. Achei o Carlos mais magro.
 - 3.4. O gatinho bebeu a água apressado.
 - 3.5. A vizinha ouviu a notícia apavorada.
 - 3.6. A turma considera-o um sabichão.
 - 3.7. A sociedade tornou-o indiferente.
 - 3.8. O professor ouviu-me satisfeito.

Os Humildes

Tarde alciónica de Março. Atmosfera ligeiramente nublada, sol moribundo em suave agonia. Brisa deleitosa, painel de melancólicas tonalidades.

De entre outros focos, Lisboa crepita no cais. Fatos elegantes, andainas grosseiras, tudo fervilha na mesma labareda. E como faúlhas ressaltando da combustão, os ímpetos faíscam dos sentimentos: bocas que pedem, bocas que beijam, olhos que prometem, olhos que choram; fremem as mãos nos apertos efusivos, arquejam os peitos nos cordiais amplexos, esfarrapam-se as almas na fusão do pranto. E cada um vai depondo, no pedestal do afecto, as primícias da saudade.

O «Angola» afasta-se pesadamente. Apita. Então, como que arrepiados, centenas de lenços secundam a grande voz do coração:

- Adeus!... Adeus!...

Como vagalumes em noite cerrada, as interrogações lucilam na bruma da tristeza. Ah! Quem sabe se voltarão? Quantas mães ficarão sem maridos? Quanta alegria, quanta amargura lhes reserva a separação? Serão eles felizes nessas regiões febreantes? Acharão os empregos, as fortunas, as elevações de dignidade? Deus os ajude nas suas aspirações!

Ressoa outro silvo. Chora o espaço, chora o amor dentro do eu. Mais electrizados, os lenços - Adeus!... Adeus!... na sua linguagem agora falam sozinhos, nas fauces da distância sucumbe o queixume.

Numa última saudação, o pacote vibra com mais lugubridade, a melancolia redobra, converte-se em nevoeiro glacial. Aquela plangência, ai! Sugere um arranco da morte.

E seguidos de gaivotas - mensageiras dos que ficam - lá vão eles no seu mundo flutuante, trocando Portugal por terras longínquas. Será para sempre? Ninguém o sabe! A vida constitui uma interrogação que subordina a alma.



Óscar Ribas, *Ecos da minha Terra*



TEMPO DE ESCRITA

Imagina que, vais a bordo do "Angola". Para trás deixas amigos e família. Escreve-lhes uma carta onde dê conta dos teus sentimentos nesses primeiros dias longe deles. (Consulta a página 222)

Búzio

Quando eu era pequena, passava às vezes pela praia um velho louco e vagabundo a quem chamavam o Búzio.

O Búzio era como um monumento manuelino: tudo nele lembrava coisas marítimas.

5 A sua barba branca e ondulada era igual a uma onda de espuma. As grossas veias azuis das suas pernas eram iguais a cabos de navios. O seu corpo parecia um mastro e o seu andar era baloiçado como o andar dum marinheiro ou dum barco. Os seus olhos, como o próprio mar, ora eram azuis, ora cinzentos, ora verdes, e às vezes mesmo os vi roxos. E trazia sempre
10 na mão direita duas conchas. Eram daquelas conchas brancas e grossas com círculos acastanhados, semi-redondas e semi-triangulares, que têm no vértice da parte triangular um buraco. O Búzio passava um fio através dos buracos e atava assim as duas conchas uma à outra, de maneira a formar com elas umas castanholas. E era com essas castanholas que ela marcava o
15 ritmo dos seus longos discursos cadenciados, solitários e misteriosos como poemas.

O Búzio aparecia ao longe. Via-se crescer dos confins dos areais e das estradas. Primeiro julgava-se que fosse uma árvore ou um penedo distante. Mas quando se aproximava via-se que era o Búzio.

20 Na mão esquerda trazia um grande pau que lhe servia de bordão e era o seu apoio nas longas caminhadas e sua defesa contra os cães raivosos das quintas. A este pau estava atado um saco de pano, dentro do qual ele guardava os bocados secos de pão que lhe davam e os tostões. O saco era de chita remendado e tão desbotado pelo sol que quase se tornava branca.

25 O Búzio chegava de dia, rodeado de luz e de vento e, dois passos à sua frente, vinha o seu cão, que era velho, esbranquiçado e sujo, com o pêlo grosso, encaracolado e comprido e o focinho preto.

E pelas ruas fora vinha o Búzio com o sol na cara e as sombras trémulas das folhas dos plátanos nas mãos.

30 Parava em frente duma porta e entoava a sua longa melopeia ritmada pelo tocar das suas castanholas de conchas.



Sophia de Mello Breyner Andresen, *Contos Exemplares*



COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1.** Este texto é puramente descritivo e a personagem principal é minuciosamente descrita.
 - 1.1.** Justifica a atribuição do nome dado à personagem principal.
 - 1.2.** Caracteriza-a psicologicamente.
 - 1.3.** Transcreve expressões que a caracterizem fisicamente.

- 2.** Comparar significa relacionar dois seres para estabelecer as semelhanças ou as diferenças existentes entre eles.
 - 2.1.** Assinala, no texto, algumas comparações.

- 3.** Caracteriza o companheiro de Búzio.

- 4.** Identifica, no 3º parágrafo do texto, os diferentes planos em que aparece a personagem.
 - 4.1.** Transcreve as expressões que introduzem esses planos.

- 5.** Para além do cão, Búzio fazia-se sempre acompanhar de dois objectos.
 - 5.1.** Identifica-os, apresentando as suas características.

- 6.** «E trazia sempre na mão direita duas conchas» (ll. 9 e 10).
 - 6.1.** Caracteriza-as.
 - 6.2.** Para que serviam?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. «E pelas ruas fora vinha o Búzio com o sol na cara e as sombras trémulas das folhas dos plátanos nas mãos.» (Il. 28 e 29).
 - 1.1. Assinala, na frase, os recursos expressivos empregues.
 - 1.2. Reescreve a frase com o adjetivo no grau superlativo relativo de superioridade. Faz as transformações que considerares necessárias.

2. «A este pau estava atado um saco de pano...» (l. 22).
 - 2.1. Analisa sintacticamente a frase.
 - 2.2. Acrescenta à frase um complemento circunstancial de modo.

3. «O Búzio passava um fio através dos buracos...» (Il. 12 e 13).
 - 3.1. Reescreve a expressão utilizando a voz passiva.
 - 3.2. Classifica sintacticamente os elementos que compõem a frase que formaste.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!



TEMPO DE ESCRITA

Já alguma vez encontraste alguém que te fizesse lembrar um monumento como o Búzio? Num texto de cerca de 30 linhas, elabora a tua descrição.

Mandioca

- Uma raiz tropical, que foi domesticada no Brasil antes de 1500 e que os portugueses espalharam por África e pelo resto do Império Português. A planta da mandioca é um arbusto lenhoso que cresce de 5 a 12 pés de altura, com folhas de 5 a 7 lobos de
- 5 extremidade dos ramos. As folhas são comestíveis, mas a parte mais importante da planta para a alimentação são as raízes, as quais muitas vezes atingem 1 a 2 pés de comprimento e 2 a 6 polegadas de diâmetro. Várias raízes irradiam de um caule e cada
- 10 planta pode dar até 8 kg de raízes. Há duas principais variedades de mandioca: a doce e a amarga. A doce tem um período de crescimento mais curto e pode ser colhida entre 6 a 9 meses. As raízes são simplesmente descascadas e comidas como um
- 15 legume. Se não forem colhidas logo após a maturação, depressa se estragam. A amarga exige 12 a 18 meses para amadurecer e não se estraga se não for colhida durante vários meses e assim as mulheres podem colhê-la quando querem. A desvantagem da variedade amarga é que pode conter elevados níveis de ácido grússico, o que pode ser mortal se este não for devidamente
- 20 removido através da demolha na água. Resiste aos gafanhotos, o que é um aspecto importante na África. Uma vez processada, pode ser conservada e armazenada em clima tropical como farinha ou como pão. É muito versátil como alimento, pois pode ser cozinhada numa papa, assada, ou mesmo consumida como pudim (tapioca).

in Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil



EXERCÍCIO

Faz o levantamento das características da mandioca, tentando fazer a verificação dos seguintes aspectos:

- origem: _____
- características morfológicas: _____
- variedades: _____
- aplicações: _____

A razão da grandeza do ninho de "naphipi"

Quando, por qualquer circunstância, somos levados a passar em locais pantanosos, geralmente encontramos neles uma ave de cor parda e lodosa, de que é uniformemente revestida do alto aos joelhos.

5 Por vezes, ela levanta as penas da cabeça, o que lhe empresta a aparência de um ser com dois bicos, à semelhança de um pequeno martelo...

Não tem aspecto de uma ave de constituição robusta e o seu voo é, de certo modo, curto e cambaleante. Em suma: é uma ave frágil.

10 Alimenta-se basicamente de peixes de pequeno porte, de rãs e de girinos, por lhe serem de fácil alcance, sendo este o principal motivo da sua frequência e assiduidade às águas de pequena profundidade dos pântanos.

Em língua macua essa ave chama-se «naphipi» ou «naxekwa», e não sei qual é o nome que se lhe dá em português. Será «cegonha»?...

15 Duvido muito, porque a cegonha que me foi mostrada no tempo dos meus estudos primários na matéria da língua portuguesa era uma ave pernalta de cor branca, de corpo esguio e gracioso, de voo suave e elegante, contrastando grandemente com o «naphipi».

20 Seja como for, penso que o nosso conto da personagem em português ou em outra língua qualquer não interessa como tal. O importante nesta ave não é, de facto, o seu nome, nem o seu aspecto físico, nem o seu hábito de passar horas e horas com as patas mergulhadas na lama dos pântanos cheios de sujidade e de mosquitos..., mas sim o ensinamento que dela a sabedoria popular tira para aplicá-lo à vida real da sociedade dos homens.

25 Mas como se consegue construir um ninho de tão grandes dimensões, sendo ela de constituição fraca?

30 Dizem os nossos versados na matéria, da sociedade macua, que o «naphipi», apesar da sua insignificância, é o bondoso e estimado rei de todos os pássaros e aves, e que o seu casarão é resultado da contribuição de cada um daqueles seus queridos súbditos, os quais lho constroem durante a noite, fora dos olhares dos homens e de outros seres curiosos, indiscretos e... invejosos da vida alheia...

Alberto Viegas, *O que Dizem Certos Animais*





COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Identifica o animal descrito no texto.
2. Refere-te às suas características físicas.
3. Por que razão este animal se encontra frequentemente junto de pântanos com pequena profundidade?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. «... fora dos olhares dos homens e de outros seres curiosos, indiscretos e... invejosos da vida alheia...» (III. 32; 33 e 34).
- 1.1. Identifica os adjectivos presentes na frase e indica o grau em que se encontram.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!



O alambamento

A entrega de certas quantias de dinheiro, objectos, bebidas e animais que a família do noivo faz à noiva, deve preceder os casamentos tradicionais. A família do noivo, em troca, recebe um valor, a mulher.

5 Chamamos «alambamento» a este conjunto de preparativos e entregas que preparam e legitimam o casamento. Uma família junta a quantidade de bens necessários para que um membro seu receba uma mulher de outro grupo, que enriquecerá o grupo com os filhos e o trabalho agrícola; a outra família condivide os bens recebidos.

10 Este costume aparece tão difundido que especifica o casamento negro-africano. Note-se, porém, que não se fala de «compra» ou «venda» de mulher embora esta instituição dê azo a abusos e prepotências que a deformam.

15 Os bens que compõem o alambamento variam segundo as regiões, nível e tipo de economia e proximidade dos ambientes destribilizados. A beleza e juventude da mulher, seus dotes e preparação têm, sem dúvida, influência. A jovem educada que, além de ter a instrução primária, sabe cozinhar, lavar e passar a ferro, é mais valorizada. O mesmo acontece com a mulher que deu provas da sua fecundidade ou demonstrou a sua perícia e laboriosidade na agricultura.

20 Em muitos grupos, a virgindade reveste-se de valor notável. A condição social pode também fazer encarecer o alambamento. Não esqueçamos que no interior destas sociedades aparecem bem delimitadas as camadas sociais. E uma jovem que transmite a sua nobreza detém uma especial dignidade.

25 O alambamento pode ser composto de objectos de utilidade, como alimentos, artesanato, pérolas, joalheria, álcool, armas, utensílios de lavoura, roupas. Outros podem basear-se no dinheiro ou animais domésticos, vacas, cabras, ovelhas. Normalmente, é um conjunto destas coisas. Hoje, em quase todos os casos entra dinheiro, bebidas, animais e roupas.

Nenhum nome banto dá a entender que o alambamento seja uma compra mediante pagamento. Se aparece esta cambiante ou se se verifica esta triste realidade, é devido a abusos ou à corrupção dos costumes.

30 No genuíno direito tradicional banto não aparece a noção de compra-venda da mulher, nem há lugar para instituições que formalizem o tráfico de mulheres apoiado no contrato matrimonial.

35 O alambamento, segundo o seu significado original, converte-se no mais comum instrumento de aliança e amizade entre os grupos sociais bantos. Torna-os solidários, já que estreita laços físicos e espirituais e chega a fundir os vitais e místicos.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Em que consiste o alambamento?
2. Os bens que compõem o alambamento podem variar.
 - 2.1. Indica os factores que os determinam.
3. Que noção pode ser erradamente associada ao alambamento?
4. Quais as vantagens do alambamento?
 - 4.1. Transcreve as expressões que introduzem esses planos.
5. Indica sinónimos de:

→ perícia	→ laborioso
-----------	-------------



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Considera as palavras «virgindade» e «fecundidade».
 - 1.1. Classifica-as quanto ao processo de formação.
 - 1.2. Identifica, em cada uma, a palavra primitiva.
 - 1.3. Constrói uma família de palavras a partir de cada uma.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Comércio

Na venda de produtos agrícolas, cada um tinha as suas preferências por este ou aquele freguês, o negociante que lhe pagasse pela melhor cotação ou ainda que lhe facilitasse créditos, factor principal na maioria dos casos. Ao descer à povoação comercial, o Soba ou Seculo, o Chefe de família ou outro «mais velho»
5 duma aldeia, comandava a caravana, composta normalmente por dez ou quinze pessoas, carregadas com produtos.

5 Chegada à porta da loja, a caravana era recebida com ares de satisfação, tanto pelo negociante como pelos serventes da casa, em praxe bem conhecida por todos eles. Os carregadores, depois de poisarem as cargas e escorrendo suor por
10 todos os poros, iam descansar à sombra de imbondeiro, mangueira ou frondosa mandioqueira, enquanto o «mais velho», indumentado com panos a arrastar, cobertor de fantasia cobrindo os ombros, turbante garrido na cabeça e arrimado a luzidio cajado, era mandado sentar em cómoda cadeira colocada na varanda,
15 quando não fosse no fundo do quintal, acompanhado de suas mulheres, sobrinhos ou um neto.

Tal como no mar o mestre de traineira tem olhos argutos para calcular o peso do cardume a capturar, também o funante mede a carga a olho, bastando-lhe perguntar que produto trazem. Da resposta e depois de uma olhadela furtiva nos volumes uma vez mais, fica a saber da quantidade da transação a fazer. Manda
20 então distribuir «omukuvi» para todos, com excepção do chefe da caravana, a quem manda entregar um litro de vinho licoroso Palmela Imperial, para as primeiras impressões. Depois de terem descansado todos, chama-os para a pesagem das cargas.

A cada pesagem corresponde um vale com a designação daquilo que o cliente deseja obter, panos ou dinheiro. Cada volume a pesar traz sempre um saquito de contrapeso, o «epete», que só se pesa em conjunto quando o comerciante regateia. Fora disso, destina-se à troca por miudezas como sal, fósforos, agulhas, capoteiras ou peixe seco. Enquanto decorre a pesagem, o chefe assiste, sentado numa cadeira em frente do balcão, acenando com a cabeça, em sinal aprovativo
30 do peso aceite pelo negociante, o qual, enquanto avia os fregueses, não deixa de dar conversa à freguesia inteira, atirando uma ou outra piada picante, em umbundo vernáculo, que faz sorrir o circunspecto chefe e gargalhar as mulheres. Às pesagens sucedem-se os pagamentos. Há o regateio próprio do camponês que, por tendência, desconfia ou finge insatisfação no negócio feito. Mas, regateia
35 aqui, graceja ali, fecha-se o negócio.

Fazem-se compras. Pagam-se as fucas, abrem-se outras, o que sempre acontece desde que o freguês comece a beber depois de engodado pelo próprio funante.



Em dias de negócio no interior, atrás duma caravana vem outra, cabendo aos primeiros chegados receber os outros com a euforia que se apoderou deles. Já piscos e palradores, identificando-se com os recém--chegados, a comunicação sobe ao quente em pouco tempo. O chefe da primeira caravana oferece da sua bebida, que já comprou ou mandou escrever no livro. Trocam-se amabilidades. Cruzam-se abraços e ouvem-se aplausos por terem descoberto parentesco entre si. As mulheres pedem «samacacas» e lenços estampados. Querem missangas reluzentes.

Os maridos, na jactância de poder económico, dizem que não querem bebida de pobres, exigem caixas de vinho do Porto ou aguardente cinco estrelas.

É um pandemónio no local mas o negociante, feliz, sorri de satisfação por ter feito um grande dia de permuta. Não se importa com a desordem nem com o barulho, pois espera apenas por quem queira gastar mais.

Raul David, *Narrativas ao Acaso*

BIOGRAFIA - Raúl David

Nasceu em Benguela a 23 de Março de 1918. Depois de estudar na escola primária da vila, prosseguiu os estudos no seminário menos de Galangue, de onde saiu habilitado com o grau escolar do 6º ano, em 1938.

Obras publicadas: *Colonizados e Colonizadores (1974)*, *Poemas (1977)*, *Contos Tradicionais da Nossa Terra I (1979)*, *Narrativas ao Acaso (1981)*, *Contos Tradicionais da Nossa Terra II (1982)*, *Cantares do Nosso Povo (1987)*, *Escamoteados na Lei (Rebelados) (1987)*, *Brado Patriótico, Crónicas de Ontem para Ouvir e Cantar (1989)*, *Contra Lei e Pela Grei (1988)* e *Do Julgamento dos Umbundos (1997)*.

Nos finais de 1980, foi Cultural da Embaixada de Angola na Zâmbia. Até à sua morte, viveu em Benguela, sua terra natal, onde exerceu as funções de Assessor na Direcção Provincial da Cultura e na Televisão Pública de Angola.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Procura no dicionário o significado das palavras:

- | | | |
|----------------|-------------|------------|
| → praxe | → vernáculo | → funante |
| → circunspecto | → arrimado | → engodado |

2. Explica o sentido da frase:

2.1. «Já piscos e palradores, identificando-se com os recém-chegados...» (ll. 40 e 41).

3. O texto fala-nos essencialmente do comércio.

3.1. No teu caderno assinala com uma cruz a forma como se processava este comércio:

- a) Venda a dinheiro.
- b) Troca de produtos.
- c) Vale correspondendo a dinheiro ou artigos.
- d) Crédito.

- 3.2. Como era composta a caravana comercial?
- 3.3. Quem os recebia, onde e como?
- 3.4. O que era servido à caravana?
4. Que trocas se faziam, essencialmente? Justifica a tua resposta.
5. Indica algumas personagens do texto, caracterizando-as psicologicamente.
6. Quem mais beneficiava com este tipo de comércio?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Classifica as seguintes palavras quanto ao seu processo de formação:

- | | | | |
|--------------|----------------|------------------|------------|
| → aguardente | → desconfia | → licoroso | → camponês |
| → desordem | → insatisfação | → recém-chegados | → olhadela |

2. Como se classificam as palavras sublinhadas quanto ao seu sentido e à sua forma?

2.1. Enquanto avia os fregueses, reparou que havia pouca mercadoria.

2.2. Sem pensar muito, comprei as mangas a cem kwanzas.

2.3. Nada há que sobre do que vês sobre esta mesa.

2.4. Entre e veja a desordem que há entre as coisas desta casa.

2.5. Canto o meu canto no canto da sala.

3. Classifica o sujeito nas orações:

3.1. «cada um tinha as suas preferências...» (l. 1).

3.2. «Depois de terem descansado...» (l. 22).

3.3. «Manda então distribuir “omukuvi” para todos...» (ll. 19 e 20).

3.4. «Os carregadores (...) iam descansar à sombra do imbondeiro...» (ll. 9 e 10).

4. Quando o sujeito de uma oração não está claramente determinado, chama-se sujeito indeterminado.

4.1. De acordo com o exemplo, transforma as frases que se seguem de forma a que o sujeito passe a ser um sujeito indeterminado:

Ex.: Comprei todos os produtos. => Compraram todos os produtos.

- a) Pesei a mandioca.
- b) O comerciante apreciou a mercadoria.
- c) A caravana carregou os sacos embrulhados.
- d) O Soba, ou Seculo, comandou a caravana.
- e) Calculei a carga a olho, bastando perguntar que produto traziam.

5. Atenta no 2º período do 2º parágrafo do texto.

5.1. Sublinha as formas verbais encontradas.

5.2. Divide e classifica as orações que o constituem.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Cultura Cokwe

Um artista anónimo, de quem as elites intelectuais pouco evoluídas teriam dito «pertencente à etnia cokwe» e de quem nós hoje preferimos dizer «referenciado na cultura cokwe», um artista anónimo, dizíamos, talhou em madeira a obra-prima conhecida pelo nome de *O Pensador*.

5 Trata-se de uma estatueta com cerca de 12 cm de altura que reformula, afectivamente, um tema que parece tradicional da cultura cokwe – e não só...

Desde Rodin, na velha França, aos planaltos do Huambo, verificamos que a sociedade humana gosta deste tema. É uma personagem sumariamente caracterizada, uma mulher, uma velha talvez, sentada com as mãos apoiadas na cabeça e os cotovelos nos joelhos, um arabesco tal que a linha de força geral realmente preponderante se apresenta como uma oval.

Haverá quem queira descortinar aí o «simbolismo», o «significado», a «carga mágica» desta obra-prima exposta no Museu Nacional de Antropologia. Haverá quem diga que a oval corresponde ao símbolo psicossociológico desta ou daquela relação do homem com as forças da natureza, ou quem veja na velhice ou no sexo aparente da personagem uma apresentação matriarcal. Acima de tudo isso estão, porém, a forma e o movimento extraordinário da estatueta, cuja abstracção chega a ser maior que a figuração, de tal modo que a personagem ali representada é apenas uma figura carregada de humanidade, numa postura fantasticamente humana, no acto de pensar ou de recordar, no acto de estabelecer com o mundo material a relação social da consciência ou da reflexão. A forma expressa é por sugestão, ou por aproximação, uma forma humana, mas com características tais que só com grande esforço poderemos nela reconhecer uma mulher, uma velha, uma criatura cokwe.

Frequentemente encontramos outras versões de *O Pensador* na cultura cokwe, assim como noutras culturas. Algumas serão talvez mais antigas, outras são sem dúvida mais rebuscadas, mais fantasiadas, mas todas elas parecem pálidas imitações ou derivações daquela, de tal modo que, embora incorrectamente, ganhámos o costume de chamar-lhe «o módulo original».

Ao lado desta obra-prima, vamos encontrar, saídos também da cultura cokwe, outros testemunhos extraordinários da grandeza particular dessa cultura.

Temos assim, conhecidas ou localizadas, duas ou três versões do fundador do Império ou do Estado Lunda, em suma o herói **Tchibinda Ilunga**. São estatuetas onde a quantidade e a qualidade de trabalho (a técnica de talhe, o gosto artístico, etc.) se associaram de uma maneira nova na cultura tradicional, já bastante exigente, e criaram uma forma nova, poderosa, cheia de personalidade, de força e de mando. Todas estas estatuetas de extraordinária

40 concepção e tratamento pertencem, ao que se pensa, à cultura cokwe do estilo chamado «do país de origem», onde se multiplicaram escolas, como as do Moxico, Muzomba e outras.

Esta abundância exprime o encantamento que uma personagem histórica, Tchibinda Ilunga, exerce sobre a cultura cokwe e exprime-se com tal vigor que

45 ninguém hesitará em chamar ao estilo do país de origem de cultura cokwe uma das maiores conquistas formais, ou estéticas, da arte africana.

Henrique Abranches, *Sobre Culturas Regionais Angolanas*

BIOGRAFIA - Henrique Abranches

Henrique Mário de Carvalho Moutinho (1932 - 2006), Escritor, Artista Plástico e Antropólogo. Nasceu em Lisboa e veio para Angola logo após a Segunda Guerra Mundial. Nasceu a 29/09/1932. Cursou Desenho, na Sociedade de Belas-Artes, em Lisboa. Na cidade do Lubango, o escritor iniciou diversas actividades: política, literária, pictórica e etnográfica. Em Luanda começou a escrever, principalmente poesia e textos de etnologia, para a *Sociedade Cultural de Angola* e para a Revista da Associação dos Naturais de Angola, dirigida, na época, por António Jacinto. Participou activamente da Luta de Libertação Nacional, chegando mesmo a ter a sua cabeça a prêmio. Em Paris, sob a recomendação de Agostinho Neto, Abranches viaja para Argélia e funda, com os outros companheiros, dentre eles Pepetela, o Centro de Estudos Angolanos (CEA). É lá também que publica vários trabalhos, dentre eles: a História de Angola, editada mais tarde no Porto, pela Editora Afrontamento, e a primeira banda desenhada angolana, intitulada *Contra a Escravidão* e prefaciada por Agostinho Neto, causou forte impacto no povo, como esclarecimento, mobilização e arma revolucionária.

Obras: *Cenas da vida tradicional* (1962), *Manual de etnografia* (1962), *Titânia: duas novelas* (1966), *A Konkhava sobre a cultura nacional* (1980), *Cântico Barroco* (1987), *Kissoko de guerra: prosa* (1989), etc.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Os dois primeiros parágrafos do texto fazem a apresentação de uma obra de arte e do seu autor.
 - 1.1. Descreve minuciosamente a obra de arte.
 - 1.2. Quem foi o seu autor?
 - 1.3. Onde pode ser encontrada?

2. Cita os vários significados atribuídos à estatueta.

3. Qual a tua opinião em relação a ela?

4. Explica por palavras tuas o sentido das expressões:
 - 4.1. «... estas estatuetas de extraordinária concepção e tratamento...» (ll. 39 e 40).
 - 4.2. «Esta abundância exprime o encantamento que uma personagem histórica (...) exerce...» (ll. 43 e 44).

5. De que outras obras nos fala o texto?
 - 5.1. Caracteriza-as.

6. Parece-te importante conservar obras da cultura tradicional? Porquê?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. «Algumas serão talvez mais antigas, outras são sem dúvida mais rebuscadas, mas todas elas parecem pálidas imitações...» (III. 27; 28 e 29).

1.1. Assinala os adjectivos da expressão transcrita.

1.2. Indica o grau em que se encontram.

1.3. Reescreve a frase, colocando-os no grau superlativo absoluto sintético.

2. Como sabes, podem formar-se substantivos a partir dos verbos:

Ex.: sentir => sentimento

2.1. Reescreve as seguintes expressões, transformando os verbos em substantivos:

- a) lembrar-se da mulher;
- b) conhecer a arte;
- c) dedicar-se à pesquisa.

2.2. Reescreve também as que se seguem, transformando, agora, os substantivos em verbos:

- a) a venda da estatueta;
- b) a resolução do problema;
- c) a descoberta da verdade.

3. Indica, nas expressões abaixo, as palavras que são empregues no sentido próprio e as que estão em sentido figurado:

3.1. «outras versões de *O Pensador* (...) parecem pálidas imitações...» (II. 26-29).

3.2. «... ganhámos o costume de chamar-lhe “o módulo original”.» (I. 30).

4. «Frequentemente» e muitas outras palavras terminadas em «-mente» são advérbios de modo.

4.1. Sublinha os advérbios de modo do texto.

4.2. Forma advérbios de modo a partir dos substantivos:

→ quantidade → grandeza → humano

5. «Haverá quem queira descortinar o “simbolismo”... desta obra-prima...» (II. 12 e 13).

5.1. Procura no dicionário o significado das palavras sublinhadas na frase.

5.2. Refere-te ao significado da expressão «obra-prima».

5.2.1. Classifica esta palavra quanto ao seu processo de formação.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

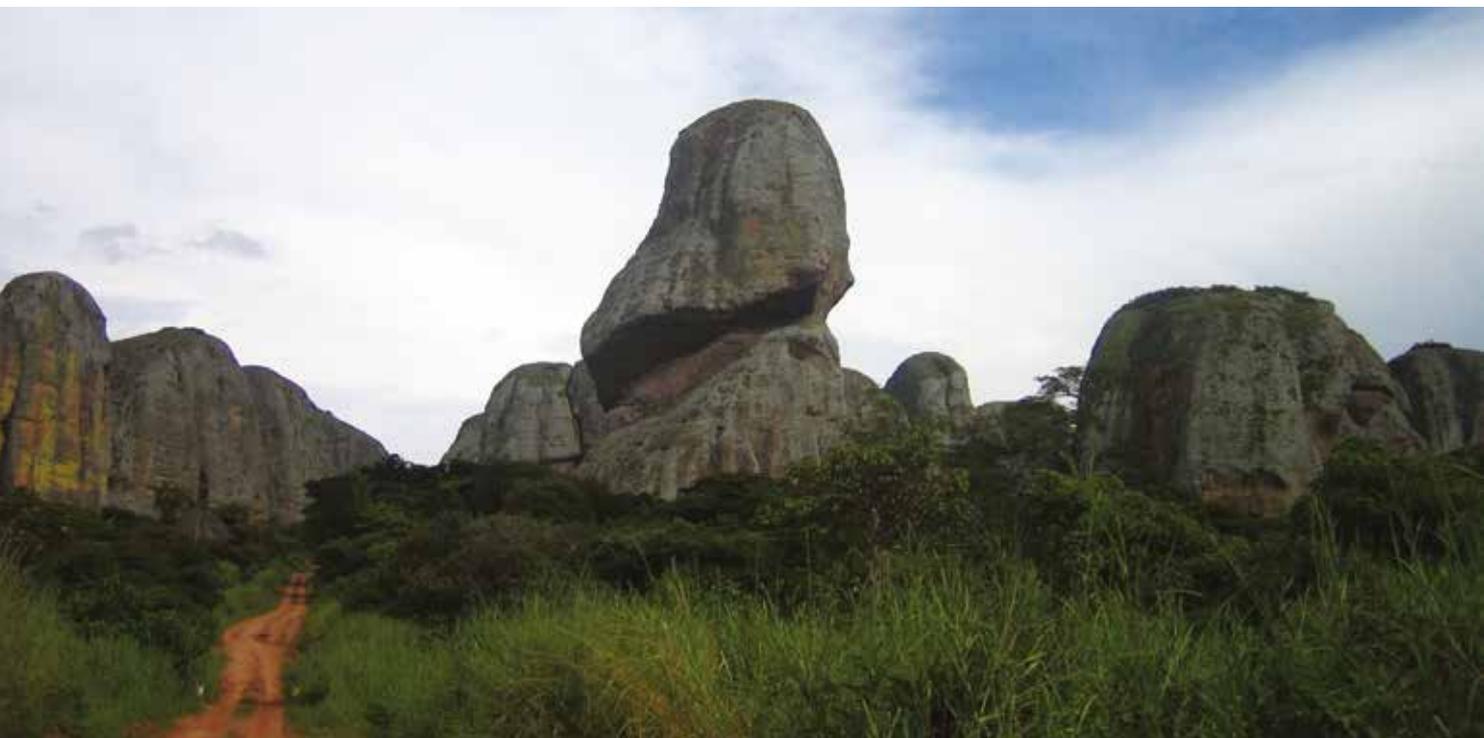
Pedras Negras

São cinco horas da tarde. Vai subir o comboio de Malange, espreitado pelo sol grande e vermelho que quase se deita na linha do horizonte. Depois... a natureza é pródiga. E a planície surge para libertar a máquina possante do seu esforço triunfal de horas consecutivas. O comboio apita. Não está próxima nenhuma estação. Será para saudar a vitória de máquinas na sua prolongada subida? Ninguém o sabe. Mas o viajante olha maquinalmente para a direita e lá longe, onde o sol começa a esconder-se, um espectáculo grandioso, empolgado e multiforme o espera: enormes megálitos atrás dos quais o astro rei irá desaparecer dentro de momentos. Quantos? O viajante não tem tempo de os contar, empolgado perante a majestade que a natureza lhe oferece e confundido pela linha interminável das grandes pedras ali colocadas pela mãe Natureza, sabe-se lá há quantos milhares ou milhões de anos...

O viajante está agora à janela da sua carruagem. Os olhos voltados para trás seguem com interesse e entusiasmo esse espectáculo que ainda continua a sê-lo mesmo quando as grandes pedras começam a desenhar-se ao longe como silhuetas perdidas no crepúsculo que se aproxima... Já sentado no seu camarote, o viajante na linha Luanda-Malange que, pela primeira vez, percorre a distância entre a cidade do litoral e a cidade do planalto, recorda os seus conhecimentos de História de Angola. E encontra-se a recordar em voz alta:

- É verdade, são as famosas Pedras Negras de Pungo Andongo!!

O comboio chegou ao termo da sua história de hoje, da sua história diária de cerca de 500 quilómetros percorridos, ora lenta ora velozmente, numa ânsia contínua de atingir o seu destino normal.



25 Mas a história não terminou para o viajante que se sentiu empolgado pelo espectáculo formidável daqueles momentos da natureza, que também o foram da História de Angola em épocas remotas e atribuladas que, embora bem distantes, documentam ainda alguma coisa do gigantesco esforço dos homens do antanho...

30 - Mas então as Pedras de Pungo Andongo são obra da Natureza ou do Homem?

Pungo Andongo, reduto quase inexpugnável de reis e sobas, é um marco milenário da História de Angola, monumento que fala paradoxalmente pelo silêncio de pedra e pelos restos que ali evidenciam a passagem de homens de todos os níveis.

35 Ali teve o rei do Ndongo a sua fortaleza e a sua corte. Ali esteve também a célebre rainha Njinga. E em local bem assinalado aponta-se hoje ao viandante uma pegada humana - ou pelo menos algo de muito semelhante - que a tradição atribui à legendária rainha, de nome poderoso, que enche também uma boa parte da História de Angola.

40 Mais nos diz ainda a tradição. Por exemplo, que a bela Njinga - na realidade uma bela e esbelta mulher bem documentada em gravuras da época - teve ali nesse reduto das Pedras Negras, das também chamadas Pedras de Mapungo, a sua corte, os seus capitães e soldados, os seus favoritos. Numa das grandes pedras - diz-se - tinha a rainha Njinga a sua piscina onde se
45 banhava guardada por gente fiel que, com panos e peles, vedava o lugar do banho real...

Alfredo Diogo Júnior, *Angola na Tradição e na Lenda* (excerto adaptado)



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Lê com atenção o texto apresentado.
 - 1.1. Salienta as suas características que nos permitem qualificá-lo de texto descritivo.

SERÁ

QUE

JÁ

SEI?

SERÁ QUE JÁ SEI?

Recorda o que aprendeste nesta unidade e assinala a opção correcta.

1. Descrever consiste em:

- a) apresentar, através de palavras.
- b) fazer um relato de um acontecimento.
- c) imaginar um diálogo entre duas personagens.

2. Para descrever uma paisagem:

- a) é fundamental observar o que nos rodeia.
- b) eu limito-me a utilizar o sentido da visão.
- c) não é preciso fazer qualquer observação, basta usar a imaginação.

3. Numa descrição:

- a) os elementos devem ser apresentados de acordo com os planos de observação.
- b) a apresentação dos elementos não obedece a qualquer ordem.
- c) devemos ignorar os elementos mais próximos e dar atenção apenas aos mais distantes.

4. Os tempos verbais que predominam num texto narrativo são:

- a) o presente e o pretérito imperfeito.
- b) o futuro e o pretérito imperfeito.
- c) o pretérito perfeito e o futuro.

5. Ao elaborar um retrato:

- a) eu devo atender apenas aos pormenores físicos.
- b) eu devo atender apenas aos pormenores psicológicos.
- c) eu devo atender apenas aos pormenores físicos, os psicológicos e sociais.

6. Na descrição de um objecto:

- a) apenas devo atender a aspectos físicos do objecto.
- b) devo considerar para além dos aspectos físicos, aspectos funcionais e afectivos.
- c) devo ignorar os aspectos físicos do objecto.

7. A descrição é um modo de apresentação do discurso:

- a) que pode surgir integrado numa narrativa.
- b) que nunca fez parte de uma narrativa.
- c) exclusivo dos textos de imprensa.

RESULTADO

Se acertaste em 0, 1, 2 ou 3 respostas... **Precisas de estudar mais!**

Se acertaste em 4 ou 5 respostas... **Foi bom, mas é necessário rever alguns conteúdos.**

Se acertaste em 6 ou 7 respostas... **Parabéns, ótimo resultado!**

TEXTO

POÉTICA

LÍRICO

O

CO/

O

O TEXTO POÉTICO/LÍRICO

Ao contrário do texto não literário (que é essencialmente informativo e utilitário), o texto literário tem uma **intenção estética**: transmite uma mensagem de forma original e criativa.

A sua **linguagem** é predominantemente conotativa: muitas vezes as palavras não têm um sentido literal (como no texto não literário), mas conotativo, sendo pois enriquecidas com novos sentidos. O texto literário é, então, um texto plurissignificativo (as suas palavras podem ter, ao mesmo tempo, vários significados).

A importância da dimensão estética e da criatividade leva, por vezes, a utilizar uma linguagem que apresenta **desvios em relação à norma**.

É na poesia, porém, que estes aspectos se tornam mais salientes, pois a **poesia é o domínio por excelência da linguagem conotativa**. Por isso se diz que o texto literário é, em alto grau, um texto poético.

A sua linguagem caracteriza-se pela exploração de vários **recursos expressivos**, como a repetição, a personificação, a metáfora, a enumeração, a aliteração...

Utiliza também as **convenções de versificação**, em particular a métrica, a rima e o ritmo.

O **texto lírico** foca essencialmente os **sentimentos íntimos do poeta**. São muito importantes a subjectividade e a plurissignificação.

NOTA:

Podemos organizar a variedade de produções literárias segundo critérios de:

- **Forma** (textos literários em verso e textos literários não versejados);
- **Conteúdo** (textos líricos, textos narrativos e textos dramáticos).

Quero ser tambor

Tambor está velho de gritar
o velho deus dos homens
deixa-me ser tambor
corpo e alma só tambor

5 só tambor gritando na noite quente dos trópicos

E nem flor nascida no mato do desespero
Nem rio correndo para o mar do desespero
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero

10 Nem nada!
Só tambor velho de gritar na Lua cheia da minha terra
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra!

Eu!

15 Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala
Só tambor velho de sangrar no batuque do meu povo
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Ó velho deus dos homens eu quero ser tambor
e nem rio

20 e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.

Só tambor ecoando como a canção da força e da vida
Só tambor noite e dia

25 dia e noite só tambor
até à consumação da grande festa do batuque!

Oh, velho deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor!

José Craveirinha

BIOGRAFIA - José Craveirinha

Nasceu em Moçambique, em 1922. Recebeu vários prémios, como o Prémio Alexandre Dáskalos, o Prémio Nacional, em Itália, o Prémio Lótus, da Associação Afro-Asiática de Escritores e o Prémio Camões, em 1991. É um dos mais reconhecidos poetas da Língua Portuguesa e um dos maiores escritores africanos. A sua primeira obra, foi *Xibugo*, data de 1964.

Essa que eu hei-de amar...

Essa que eu hei-de amar perdidamente um dia,
Será tão louca, clara, vagarosa e bela
que eu pensarei que é o sol que vem, pela janela,
trazer luz e calor a esta alma escura e fria.

5 E, quando ela passar, tudo o que eu não sentia
dá vida, há-de acordar no coração, que vela...
E ela irá como o sol, e eu irei atrás dela
como sombra feliz... Tudo isso eu me dizia,

10 quando alguém me chamou. Olhei: um vulto louro,
e claro, e vagaroso, e belo, na luz de ouro
do poente, me dizia adeus, como um sol triste...

E falou-me de longe: «Eu passei a teu lado,
mas ias tão perdido em teu sonho dourado,
meu pobre sonhador, que nem sequer me viste!»

Guilherme de Almeida, *Presença da Literatura Brasileira III*





COMPREENSÃO DO TEXTO

1. No caderno, assinala, com uma cruz, a ideia central do poema:

- | | |
|---|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> a) a expectativa | <input type="checkbox"/> d) o coração |
| <input type="checkbox"/> b) a desilusão | <input type="checkbox"/> e) o amor |
| <input type="checkbox"/> c) a felicidade | <input type="checkbox"/> f) a beleza |

2. O poeta cria em sua mente um tipo perfeito de mulher e apresenta-a como objectivo a ser alcançado na realidade.

2.1. De que recursos se vale para nos dar uma ideia precisa de sua idealização?

3. O poeta compara a sua amada ao Sol. Com que objectivo faz essa comparação?

4. A amada passa, mas o poeta não se apercebe da sua aproximação. Porquê?

5. Quanto ao conteúdo, o poema pode ser dividido em duas partes.

5.1. Delimita-as e dá um título adequado a cada uma.

6. Na tua opinião, a idealização do amor pode impedir que as pessoas reconheçam e vivam um amor ideal? É possível chamar amor a um sentimento que permanece no plano dos sonhos, sem se expressar em acções?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Divide e classifica as orações do último terceto do texto.

2. A partir de «além», forma uma palavra composta por justaposição.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!



TEMPO DE ESCRITA

Redige um texto sobre um dos sentimentos de amor que te envolveram até hoje: amor maternal, paternal, filial, fraternal, espiritual, etc.

Rumo ao infinito

Embarquei no teu sorriso
Sem bilhete sem apelo

Apelei aos anjos sua ajuda
Ajudei a reencontrar-me
5 Nu qual espírito e alma

Tatuei-te com o cheiro da minha voz
Vacinei-te contra a letargia no amor

Rumaremos a pé até ao INFINITO.



Inocência incolor

Descobrir a forma da poesia
nas formas que dão forma à tua alma
açucena

Beber-te com os olhos mansamente

5 Sorver-te gole a gole
na maré dum sentimento sem idade

que se sente e se presente
por detrás da inocência incolor

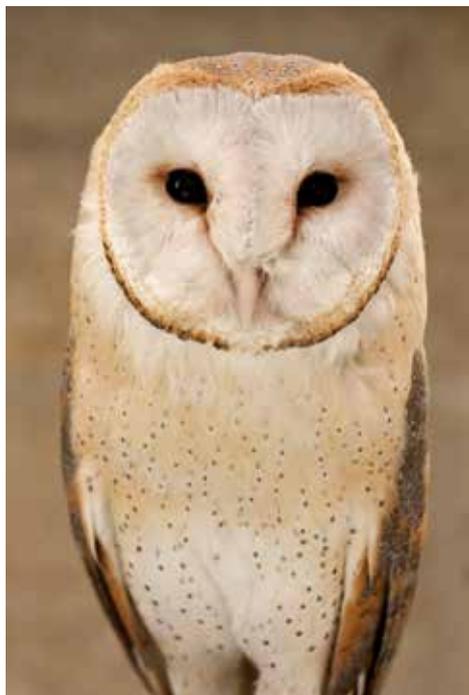
de marfim teu ser.

António Gonçalves

BIOGRAFIA - António Gonçalves

António Gonçalves (António Domingos Gonçalves), nasceu em Luanda a 10 de Agosto de 1960, tendo efectuado os seus estudos nesta cidade. Começou a escrever aos 13 anos e em 1978 escreveu a sua primeira narrativa: *Cenas que o Mundo conhece*, e que se mantém ainda inédita. Em 1980 entra na Brigada Jovem de Literatura (BJL) e nesse mesmo ano contribui com um poema intitulado «reflexão», para uma antologia de poemas dedicada ao fundador do Estado Angolano: *O Caminho das Estrelas. Nova Poesia de Agostinho Neto*. Na década de 80 dedicou-se exclusivamente à procura poética.

Publicou: *Gemido de Pedra* (1994); *Versos Libertinos* (1995); *Adobe Vermelho da Terra* (1996) e *Buscando o Homem. Antologia Poética* (2000).



A coruja

O pior da coruja
 nas enlugaradas
 margens da lagoa
 expia lágrimas
 5 de malfadadas crianças
 tragadas
 pelo jacaré.

Cantos

Metamorfoseado
 na janela quadriculada
 da lua
 sinto as noites
 5 arrastarem-se

 lá fora
 o grilo canta
 canta
 canta
 10 para me adormecer.



Fragata de Morais

BIOGRAFIA - Fragata de Morais

Nasceu na Província do Uíge, a 16 de Novembro de 1941.

Obras publicadas: *Terruer en Verzeta* (1972), *Inkuna-Minha Terra* (1997), *Jindunguices* (1999), *Sumáuma* (2005) seu primeiro livro de poesia(...)

Criar

Criar, criar,
 criar no espírito, criar no músculo, criar no nervo,
 criar no homem, criar na massa,
 criar,
 5 criar com os olhos secos

Criar, criar
 gargalhadas sobre o escárnio da palmatória
 coragem nas pontas das botas do roceiro
 força no esfrangalhado das portas violentadas
 10 firmeza no vermelho sangue da insegurança
 criar,
 criar com os olhos secos

Criar, criar,
 estrelas sobre o camartelo guerreiro,
 15 paz sobre o choro das crianças,
 paz sobre o suor, sobre a lágrima do contrato,
 paz sobre o ódio,
 criar,
 criar paz com os olhos secos

20 Criar, criar
 criar liberdade nas estradas escravas,
 algemas de amor nos caminhos paganizados do amor,
 sons festivos sobre o balanceiro dos corpos em forcas simuladas,

criar,
 25 criar amor com os olhos secos

Agostinho Neto, *Sagrada Esperança*

BIOGRAFIA - Agostinho Neto

Agostinho Neto (António Agostinho Neto) nasceu em Catete, Município de Icolo-e-Bengo, Província do Bengo (Angola), a 17 de Setembro de 1922. Fez os estudos primários e secundários em Angola. Licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa, embora tivesse também frequentado a Faculdade de Coimbra. Quer em Coimbra quer em Lisboa, esteve sempre ligado à actividade política onde, com Lúcio Lara e Orlando de Albuquerque, fundou a revista *Momento* em 1950. Foi preso mais do que uma vez e desterrado para Cabo Verde. Foi Presidente do M.P.L.A e primeiro Presidente da República (Popular) de Angola (11.11.1975). Morreu em Moscovo, ex-União Soviética, de doença (10.08.1979). Obras do autor: *Quatro Poemas de Agostinho Neto*, *Renúncia Impossível*, *Sagrada Esperança* (esta encontra-se traduzida em muitas línguas europeias e asiáticas).

Ser mulher

Ser mulher é saber amar
ter uma ilimitada capacidade de dar
compreender como ninguém os defeitos de alguém
ter ingenuidade e pureza

5 e saber acarinhar.
E muitas vezes por piedade
mentir
e enganar...

Ser mulher é saber sentir.
10 Nunca magoar.
Usar de artifícios para agradar.
fazer-se bela e desejável.
Saber beijar.

Ser mulher é ser mãe.
15 Seus filhos proteger
e educar.

Por eles roubar
morrer
até matar!

20 Ser mulher, muito mulher
é ser meiga. Carinhosa.
É não ter orgulho e perdoar.

É deitar-se na cama à noite e saber amar.

Ser mulher é ser frágil no amor.
25 Forte na dor.
Ter ilimitada capacidade de chorar.
Ser sempre uma menina a quem deseja proteger
e uma leoa, pronta a seu homem defender.

Ser mulher... é muito bom!





COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Explica o sentido:
 - 1.1. da 1ª estrofe do poema;
 - 1.2. dos versos 27 e 28.

2. «Ser mulher é saber sentir.» (v. 9).
 - 2.1. Sentir o quê?
 - 2.2. Quando?
 - 2.3. Como?

3. «Usar de artifícios para agradar.» (v. 11).
 - 3.1. Dá exemplos desses artifícios.

4. O que é para ti...
 - 4.1. ... «ser mulher»?
 - 4.2. ... «saber amar»?

5. Assinala duas figuras de estilo no poema.

6. Que tipos de rima encontras no poema?
 - 6.1. Dá exemplos.

7. Classifica os tipos de estrofes do poema.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Assinala, no poema, verbos na conjugação perifrástica.
 - 1.1. Classifica as formas que compõem cada uma das expressões.

2. «ter ingenuidade e pureza» (v. 4).
 - 2.1. Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.
 - 2.2. Classifica estas duas palavras quanto ao seu processo de formação.
 - 2.2.1. Indica as palavras primitivas que estão na origem de «ingenuidade» e «pureza».
 - 2.3. Indica outras palavras da mesma família de «puro».

3. Considera as palavras «acarinhar», «piedade», «meigo» e «desejar».
 - 3.1. Transforma os verbos em adjectivos.
 - 3.2. Transforma o substantivo num adjectivo.
 - 3.3. Transforma o adjectivo em substantivo.
 - 3.4. Constrói uma ou várias frases em que empregues essas palavras.

4. «Ser mulher é ser frágil no amor. / Forte na dor.» (vv. 24 e 25).
 - 4.1. Classifica as palavras sublinhadas tendo em conta a relação de sentido que estabelecem entre si.
 - 4.2. Constrói outras frases em que empregues palavras com o mesmo tipo de relação de sentido entre si.

Pedras e ossos da humanidade

Cansadas de algarismos as pedras
enchem vazios. Algumas prosperam
levantadas nas catedrais ou quando as
nações presenteiam-se de pedras

- 5 Escutadas da boca cansam as espáduas
como quando atiramos aos ombros
qualquer desses dias escavados e desérticos.
D'um deserto com raízes, núcleo e citoplasma,
tão próximos os ossos da humanidade.

Tristes léguas

Iça a boca metamorfiza asa e
as mãos fazem corvos no temporal
um suspiro materializa forças
de que é capaz o ventre e,
5 p'los fundamentos do corpo
as mãos cheias de horas
as horas repletas de cansaços
os minutos aportam as tristes léguas
entre dois orientes içavam

- 10 os ovos da ave rentável
no meu arco nativo.

João Tala

BIOGRAFIA - João Tala

Nasceu em Malanje, em 1959. Exerce a profissão de médico e inicia a sua actividade literária no Huambo, onde foi co-fundador da Brigada Jovem de Literatura. Recebeu o prémio *Primeiro Livro* da União dos Escritores Angolanos, em 1997, e o primeiro lugar dos Jogos Florais do Caxinde, em 1999. *O Gasto da Semente* valeu-lhe, em 2000, a menção honrosa do prémio literário Sagrada Esperança.

Novo golfe

Queimavam-se aqui os pés
na explosão da areia ao sol
agora transpirado de cimento.

5 Olhos de nós sem céu dentro do zinco
começam a sair das órbitas da areia
começam a subir alto nos andaimes.

A água chega nos braços
entra na areia faz traços
engole poeira e suor
10 e a outra areia da praia
junta-se à cal, ferro e aço
carregado nos camiões
que também trouxeram árvores
cortadas longe no mato
15 serradas apolainadas
e furadas com broquins.
E na areia de repente
ficam-se os olhos da gente
e ver escolas do povo
20 debruadas de jardins.

Num capacete de operário
abre-se a janela pronta
para um menino sonhar
um Golfe com muitos Golfes
25 de Golfes com casas novas
de nunca mais acabar.

Manuel Rui



BIOGRAFIA - Manuel Rui

Nasceu na cidade do Huambo, em 1941. Foi poeta, contista, ensaísta, crítico literário. Depois de ter feito os seus estudos universitários em Portugal, regressou a Angola para participar activamente na vida cultural e política do seu país, no período que se segue à independência. Publicou *O Regresso Adiado*, *Memória de Mar*, *Sim*, *Camarada!*, *Quem me Dera Ser Onda*, *Crónica de um Mujimbo*, *1 Morto & Os Vivos*, *Rio Seco*, *Da Palma da Mão*, etc.

Nas margens pacíficas do rio Zaire

No ar destas chuvas que se levantem
 Os raios de todos os horizontes
 Esvaziados de trovões e relâmpagos das
 Proas desaprovadas nas margens
 5 pacíficas do Rio Zaire

No ar destas chuvas que se levantem
 Os otchilis indesmentíveis dos lombis
 do oceano eléctrico as caudas
 das raias.

F. Ningi

BIOGRAFIA - Frederico Ningi

Nasceu em Benguela, Angola, a 17 de Fevereiro de 1950. Estudou na Escola de Artes e Ofícios D. Filipa de Lencastre, no Ciclo Preparatório Cerveira Pereira e no Liceu Nacional Comandante Peixoto. Influenciado pelas lições de Hatha e Yoga dados pelos professores Hermenegene e George Stobbaerts, matriculou-se no Instituto Médio de Educação, no Lobito e, posteriormente no Instituto Médio de Educação Física, em Luanda. Estudou, finalmente, Jornalismo no Instituto Médio de Jornalismo Makarenko. Jornalista, fotógrafo e artista plástico. Tem colaboração esparsa na página cultural do Jornal de Angola, e foi nos anos oitenta, redactor principal de programas culturais para a então Televisão Popular de Angola (TPA). Seu nome figura no catálogo Internacional de Artistas Contemporâneos Africanos, editado em França. É membro da União dos escritores Angolanos (UEA) e da União Nacional dos Artistas Plásticos (UNAP) e de International Writes and Artists Association (IWAA). **Obras publicadas:** *Os Címbalos dos Mudos, Poesia (1997)*.

Convicção

O meu sorriso
 - Flor da minha vaidade -
 arrasta solenemente
 o feitiço de orquestrar parélios ortodoxos
 5 sobre a frescura das chuvas torrenciais.

O meu feitiço há-d'arrastar
 as cordas vocais da minha guitarra
 O meu sorriso há-de ser
 a sétima sinfonia do sol nascente.

10 Mas cadê o meu sorriso
 Ígnea medalha de amor
 Na selva das minhas malambas?

O meu sorriso há-de voltar.

Sapyruka, *Quando o Sol Nascer Comum*



BIOGRAFIA - Sapyruka

Sapyruka (António João Manuel dos Santos), nasceu em Luanda a 14 de Novembro de 1963.

Obras publicadas: *Quando o sol Nascer Comum (1995)*, *Menção Honrosa do Prémio Literário António Jacinto e A Erosão do Fogo (2002)*.

Canto para Angola

Hei-de compor um dia
um canto sem lirismo
nem tristeza,
digno de ti, ó minha terra.

- 5 Hei-de compor um canto
livre e sem regras
que de boca em boca vai partir
nos lábios de velhos e meninos.

- 10 Será o canto do pescador
com todos os sons do mar
com os gemidos do contratado
nas roças de São Tomé.

- 15 Será o canto de todos os dramas
do algodão do Lagos & Irmão
o das tragédias nas minas
da Kitota e da Diamang.

- 20 Será o canto do povo
o canto do lavrador
e do estudante
do poeta
do operário
e do guerrilheiro
falando de toda Angola
e seus filhos generosos.

Jofre Rocha, *Assim se Fez Madrugada*



BIOGRAFIA - Jofre Rocha

Nasceu no Bengo, em 1941. Foi escritor, poeta e jornalista angolano. Devido à sua actividade política, esteve na prisão diversas vezes. Depois da independência de Angola, foi co-fundador da União de Escritores Angolanos (UEA) e colaborou com vários jornais e revistas. Entre as suas obras contam-se *Tempo de Cicio*, *Estória de Musseque* e *Entre Sonho e Devario*.

Canção do menino proletário

E trabalha, trabalha.
E sua, não descansa
o pai, e não existe
ninguém melhor que ele.

Todo o mundo ia ser
assim igual que eu sou,
gente rica acabava,
se meu pai quisesse.

5 Me compra roupa nova
- a dele se rasgou.
e diz que todo o mundo
vai ser feliz, um dia.

Muita gente tremia, 25
se meu pai falasse,
não tinha sossego
pra viver gozando.

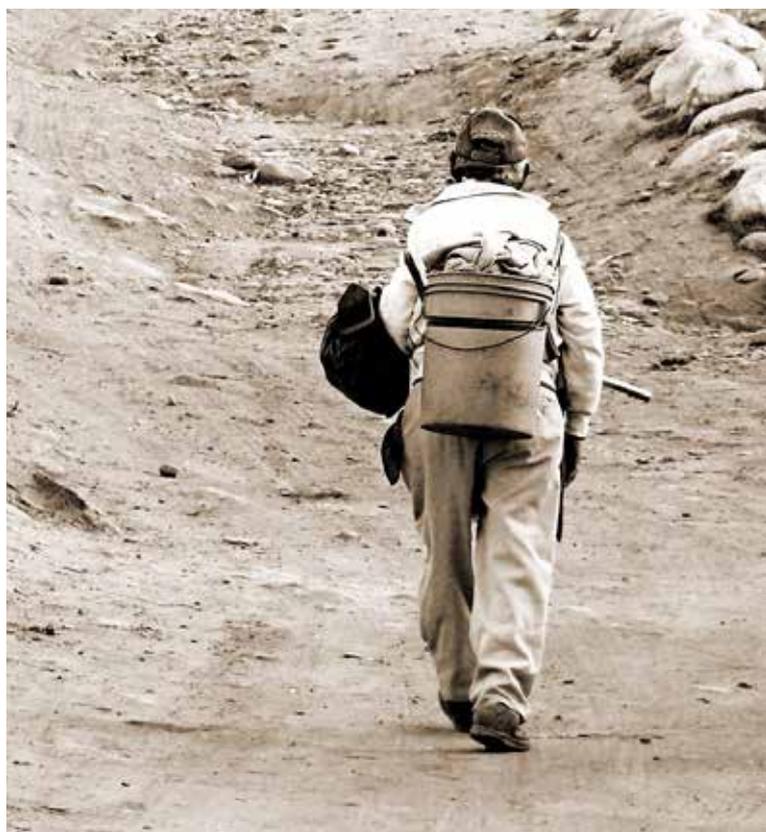
10 É escravo dessa gente
rica que explora ele,
mas de noite me conta
estória de esperança.

O pai, só trabalhando. 30
O pai é forte, mesmo.
O rei não vale mais
do que meu pai, tão bom.

Endré Ady

Para nós, ele é grande;
engole desaforo,
15 briga, mas fica firme
e ninguém compra ele.

Se não fosse por mim,
o pai que vive triste
já tinha arrebetado
20 essa vida de lobo.



A nossa liberdade

A nossa liberdade
 viva
 nas cinzas nos punhos na prisão do Povo
 em
 5 luta
 a nossa liberdade
 antiga dos nossos avós
 teimosamente crescendo
 à
 10 toa
 semeada
 no ódio no medo na opressão do Povo
 inteiro
 solidário
 15 universal.

David Mestre, *Do Canto à Idade*



BIOGRAFIA - Arnaldo Santos

Arnaldo Santos (Arnaldo Moreira dos Santos), nasceu em Luanda a 14 de Março de 1936. Usou também o pseudónimo de Ingo Santos. Fez os estudos primários e secundários em Luanda. Funcionário público, jornalista, chefe de redacção da revista *Novembro*, dirigiu o *Jornal de Angola*, o Instituto Nacional do Livro e do Disco (INALD) e o Instituto Angolano de Cinema (IAC). Ficcionista importante, poeta e contista... Recebeu o prémio "Mota Veiga" pela publicação da obra *Tempo de Munhungo*. Sua obra ilustra diversas antologias como: *Poetas Angolanos* (1960), *Contistas Angolanos* (1960), *Poetas Angolanos* (1962), *Antologia Poética Angolana* (1963), *Literatura Africana de Expressão Portuguesa* (1967), *Contos Portugueses do Ultramar* (1969), *No Reino de Caliban, Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa II* (1976), *Sonha Manana África* (1988), *Poetas Africanos* (1989). **Publicações:** *Fuga. Poemas* (1960), *Uíge, Poesia* (1961), *Quinaxixe. Contos* (1965), *Tempo de Munhungo. Crónica* (1968), *Poemas do Tempo* (1977), etc.

BIOGRAFIA - David Mestre

David Mestre (Luís Filipe Guimarães da Mota Veiga) nasceu em Loures, Portugal, mas aos três meses de idade foi para Angola. Faleceu na Costa da Caparica, Portugal, a 12 de Junho de 1998. Desertor do exército colonial português, cumpriu missão militar durante três anos (período de 1971 a 1974), tendo sido libertado a 25 de Abril de 1974. Foi coordenador e editor de *Kuzuela*, durante o tempo de reclusão recebeu, em 1973, o prémio *Oscar Ribas* de poesia. Jornalista, cronista, crítico literário, poeta e ficcionista. Figura como poeta em muitas antologias, produzidas não só em língua portuguesa como em línguas estrangeiras: *Angola. Poesia* (1971), *Cancioneiro Angolano* (1972), *Os Meus Amigos* (1983), *50 Poetas Africanos* (1985), *Floriram Cravos Vermelhos* (1993), etc.

Obras: *Kir-nan* (1967), *Crítica Literária em Angola* (1971), *Crónica do Ghetto. Poemas* (1973), *O Pulmão. Narrativa* (1974), *Sombreado* (1979), etc.

As sanzalas no Uíge

As sanzalas
 eram naturalmente de terra
 do seu barro e do seu capim.
 Nas sanzalas
 5 eram naturalmente da terra
 da nudez do seu humo
 e com o cheiro das florestas
 a sua gente.
 As sanzalas
 10 nasceram com ninhos
 ninhos de fomes ratos e raivas
 acarretados lenta lentamente
 das fazendas minas e cidades.
 Foi
 15 pois naturalmente
 que descessem das sanzalas
 os homens da terra
 com as suas fomes raivas e ratos
 e a *Revolução*
 20 naturalmente.

Arnaldo Santos, *Poemas no Tempo*

Chuva fina

Chuva fina
matutina
manselinho orvalho quase
névoa ténue sobre a selva,
5 pela relva
desdobrada, etérea gaze.

Chuva fina
matutina
10 O pardal de húmidas penas,
a folhagem e a formosa
clara rosa
sonham que és seu sonho, apenas.

Chuva fina
matutina
15 pelo sol evaporado,
como sonho pressentida
no clarão da madrugada.

Chuva fina
matutina
brilham flores, brilham asas 20
brilham as telhas das casas
em tuas águas velhidas
e em teu silêncio brunidas...

Chuva fina
matutina 25
que foste a outras paragens.
Invisível peregrina
clara operatória divina,
entre límpidas viagens.

Cecília Meireles



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Identifica o tema principal do poema.
2. Que efeitos benéficos, originados pela chuva, se podem perceber no poema?
3. Identifica e exemplifica três recursos expressivos.
4. Refere-te à estrutura externa do poema.
5. Classifica, quanto à métrica, o tipo de versos do poema.
6. Como classificas as rimas de «Chuva fina»?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Procura os sinónimos mais adequados para as seguintes palavras:

→ ténue → etérea → brunidas

1.1. Escreve três frases com estes adjectivos.

2. Analisa morfológicamente o verso 17.

3. Assinala, no poema, três verbos de diferentes conjugações e faz a respectiva análise.

4. Transcreve três preposições do poema e classifica-as.

5. «Chuva fina / matutina...» (vv.1 e 2); «névoa ténue...» (v. 4).

5.1. Que função sintáctica desempenham as palavras sublinhadas?

5.2. Substitui o adjectivo «matutina» por uma expressão equivalente.

6. Considera as palavras «folhagem» e «desdobrada».

6.1. Classifica-as quanto ao seu processo de formação.

6.2. Indica, em cada uma, a palavra primitiva.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

O grande mão aberta

5 Era uma vez uma mão
que o tempo todo vivia
com a palma para baixo
apertada sobre o chão
como alguém que escondesse
sob a mão assim pousada
um dinheiro ou a semente
de uma árvore da fortuna,
ou como quem prende um pássaro
10 que não quer deixar voar.
Ela queria guardar
tudo, tudo, pra ela mesma!

15 E outra mão existia
com a palma para cima
com o gesto de quem dá
e quem liberta. E que rima
com doação ou oferta.
E por estar deste jeito
o seu dono era chamado
20 de o Grande Mão Aberta.

Um homem que dava tudo,
generoso, companheiro...
E por estar deste jeito
- com a mão voltada para cima -
25 tudo do céu lhe caía:
o mel puro das abelhas,
os raios de ouro do sol
a boa chuva benfazeja
tão boa pra plantação.

Pois, quem tem a mão aberta 30
para o mundo, mais lhe caem
coisas na mão do que saem.
Recebe mais, muito mais
aquele que dá - não tira -
35 com a naturalidade
de quem sorri ou respira.

Ziraldo, *O Segredo de U*, Ed. Melhoramentos

É preciso plantar

	É preciso plantar, mamã, é preciso plantar	e da terra ensanguentada da voz que agoniza e do coro de braços que se erguem	20
5	é preciso plantar nas estrelas e sobre o mar	por toda a parte, por toda a parte, por toda a parte mamã,	
	nos teus pés nus e pelos caminhos	por toda a parte é preciso plantar a certeza	25
10	é preciso plantar nas esperanças proibidas e sobre as nossas mãos abertas,	do amanhã feliz, nas carícias do teu coração, onde os olhos de cada menino renovam a esperança	30
15	na noite presente e no futuro a criar, por toda a parte, mamã,	Sim, mamã é preciso é preciso plantar pelos caminhos da liberdade a nova árvore da Independência Nacional	35
	é preciso plantar, a razão dos corpos destruídos		

Marcelino dos Santos, *Poesia de Combate*

BIOGRAFIA - Marcelino dos Santos

Marcelino dos Santos nasceu em Lumbo, Moçambique, em 1929. Concluiu o Curso Industrial na Cidade de Lourenço Marques (actual Maputo), Moçambique. Estudou Engenharia no Instituto Industrial de Lisboa, na Universidade de Grenoble e Ciências Políticas na Sorbonne. Foi membro fundador da Frelimo, de que foi Vice-Presidente. Tem obras publicadas em russo e ainda escreveu em português *Canto de Amor Natural* (1987).





COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Identifica o tema do poema.
2. A quem é dirigido o texto «É preciso plantar»?
 - 2.1. Faz o levantamento das marcas textuais relativas ao destinatário do poema.
3. «É preciso plantar», // a razão / dos corpos destruídos // e da terra ensanguentada / da voz que agoniza / e do coro de braços que se erguem» (vv. 16-21).
 - 3.1. Explica o significado destes versos.
4. Identifica o recurso expressivo presente em «é preciso plantar, // a razão / dos corpos destruídos» (vv. 16-18).
5. Continua agora tu o poema, formulando os teus desejos pessoais.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Identifica a palavra primitiva que deu origem ao verbo «plantar».

→ ténue	→ etérea	→ brunidas
---------	----------	------------
- 1.1. Elabora uma família de palavras a partir de «plantar».
2. «O povo planta a nova árvore da Independência Nacional.»
 - 2.1. Reescreve a frase, utilizando a voz passiva.
 - 2.2. Classifica sintacticamente os elementos da frase que construístes.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Pano de sonho

Caminho estreito
imposto à catanada pelo vasto
sonho
o povo acordou desfez o nó
5 cobriu o pó com o medo
o medo com a força
a força com o vento
o vento com o aroma
surgiu o texto
10 no contexto do gesto
escreveu o suor no pano.

Amélia Dalomba



BIOGRAFIA - Amélia Dalomba

Amélia Dalomba (Maria Amélia Gomes Barros da Lomba do Amaral)(Tichinha) nasceu em Cabinda, a 23 de Novembro de 1961. Estudou Psicologia Geral e trabalhou em programas radiofónicos. Frequentou seminários de Jornalismo, Administração e Gestão de Empresas e Formação Política. Tem artigos e poemas publicados em jornais de Angola. Declamadora. É membro da União dos Escritores Angolanos. **Obras publicadas:** *Ânsia* (1995) e *Sacrossanto (s.d)* (1955?)

Olha que história

Vou-te contar a história
daquilo que vou contar

porque é preciso contar
o que não nos conta a história

5 que a história não está na história
mas na história de a contar

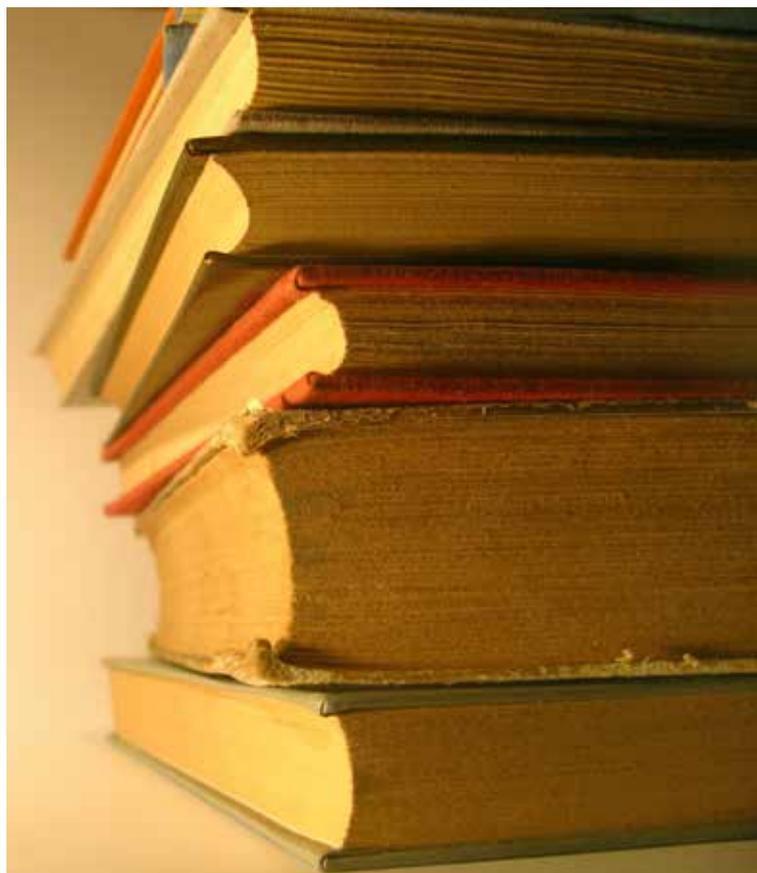
pelo que te vou contar
como se conta a história
ou seja, contar da história

10 na história de te contar

de como te quis contar
a história que só é história

por ser história de contar.

Mário Castrim, «*História c/Juízo*»



História

- Entre o sonho que me tem
E as palavras necessárias.
O desespero e o desencanto
Nestes músculos que ponho
- 5 Na caneta
das emoções várias,
Sempre, em letra, aquém
Do que ficou pensado...
- Fugaz combate
- 10 Entre o desejar
e o ser bravo,
Sem fonte que mate
O desejo, o rio
Que me saiba nascer...
- 15 Irrealizado
Aqui deixo o esboço
Destas palavras
Como o camponês
De que me queixo
- 20 Com esforço
Nesta história:
Tanto no sonho fez e desfez
E tão pouco foi acabado!...

António Cardoso, *Nunca é Velha a Esperança*



BIOGRAFIA - António Cardoso

António Cardoso (António Mendes Cardoso) nasceu em Luanda a 8 de Abril de 1933. Fez os seus estudos primários e secundários em Luanda. Foi empregado de escritório do Banco Nacional de Angola. Durante a era colonial esteve preso vários anos nas cadeias de Luanda e no campo de concentração do Tarrafal, Cabo Verde. Depois da independência nacional, desempenhou funções superiores na Rádio Nacional de Angola, na Secretaria de Estado da Cultura e foi Secretário da União de Escritores Angolanos. Obras do autor: *Economia Política Poética* (1981), *Chão de Exílio* (1980), *Lições das Coisas* (1980), *Nunca é Velha a Esperança* (1980).

Obras publicadas: *Poemas de Circunstância* (1961), *Panfleto* (1979), *21 Poemas de Cadeia* (1979), *Economia Política* (1979), *A Fortuna - Novela de Amor* (1980), *Baixa & Muceques* (1980), *A Casa de Mãezinha - Cinco Histórias Incompletas de Mulheres* (1980), *Lição de Coisa* (1980), *Nunca é Velha a Esperança* (1980), *Chão de Exílio* (1980) e *Poemas de Circunstância* (2003).

SERÁ

QUE

JÁ

SEI?

SERÁ QUE JÁ SEI?

Recorda o que aprendeste nesta unidade e assinala a opção correcta.

1. O texto poético:

- a) apresenta-se como um texto que revela o mundo interior de um sujeito poético.
- b) narra a história de alguém.
- c) descreve paisagens e objectivos.

2. A linguagem poética caracteriza-se por ser:

- a) concisa e objectiva.
- b) objectiva e complexa.
- c) subjectiva, sugestiva e musical.

3. Uma estrofe é:

- a) a linha de um poema.
- b) um conjunto de versos.
- c) uma frase.

4. Uma estrofe com sete versos chama-se:

- a) sétima.
- b) sextilha.
- c) quadra.

5. Quando os versos rimam dois a dois, a rima denomina-se:

- a) cruzada.
- b) emparelhada.
- c) interpolada.

6. Quando os versos não obedecem a qualquer tipo de rima, designam-se por:

- a) versos soltos ou brancos.
- b) versos desgarrados.
- c) versos imperfeitos.

7. Um verso de sete sílabas designa-se por:

- a) heptassílabo ou redondilha maior.
- b) hexassílabo.
- c) sétima.

RESULTADO

Se acertaste em 0, 1, 2 ou 3 respostas... **Precisas de estudar mais!**

Se acertaste em 4 ou 5 respostas... **Foi bom, mas é necessário rever alguns conteúdos.**

Se acertaste em 6 ou 7 respostas... **Parabéns, óptimo resultado!**

O TEXT T
INFORM

TO MATIVO

O TEXTO INFORMATIVO

Como o próprio nome indica, o texto informativo pretende:

- informar;
- esclarecer;
- comunicar;
- avisar;
- indagar.

Podemos incluir, neste grupo, um texto sobre:

- um conceito;
- uma exposição;
- uma descoberta;
- uma experiência;
- um filme, um livro;
- um passeio;
- um facto.

Constitui também um texto informativo: a notícia, a reportagem, a entrevista, a crónica ou comentário; a carta, o telegrama.

Ao analisarmos este tipo de texto, podemos partir da visão geral e, depois, descer às partes, ou, então, partir da visão por partes e atingir a visão geral.

O texto informativo pode não apresentar pormenores, centrando-se numa informação essencial.

Terra morta

Para lá do capinzal que se levanta acima de um homem, no alto da povoação e a seguir à sanzala dos sipaios, só havia o cemitério e o silêncio de cemitério, sem coveiro nem guarda. Ao redor era o matagal bravio com fojos de onças e pássaros a cantarem no alto das árvores de flores vermelhas e amarelas. Ali, raras vezes se dava

5 corpo à sepultura, porque os negros que morriam nas sanzalas eram enterrados à beira dos caminhos, nas margens dos rios ou nas florestas, conforme os ritos da tribo. E os que faleciam na vila, a família vinha buscá-los para lhes fazer os funerais à moda da terra, cantando-os nos batuques dos mortos. Um ou outro, sem família nem amigos, é que era enterrado no cemitério, cabendo aos presos a tarefa de abrir

10 o coval. E ninguém mais voltava lá. Só as hienas, noite calada, se aproximavam dos seus altos muros para chorarem a sua fome de cadáveres. Pela noite fora, as brisas traziam até à vila seus uivos selvagens e tristes.

Agora, o cemitério vai ter uma estrada, larga e com valetas, para durar muitos anos, porque o secretário Jaime Silva não quer que digam (ninguém diz coisa

15 alguma, mas ele anda convencido de que toda a gente tem os olhos postos na sua pessoa) que não faz nada na ausência do administrador.

Mas não ficavam por ali os trabalhos «muito urgentes» do secretário. Grupos de presos andavam desde o romper do dia ao pôr-do-sol a derrubar uma mata, nas

20 bandas do rio, para se fazer uma plantação de mandioca que desse para alimentar os presos.

Com doze dias de trabalho, ficou pronta a estrada para o cemitério. Os trabalhadores aprontavam-se para regressar às sanzalas sem a carne prometida, porque os caçadores bateram matos e campinas sem encontrarem um só antílope.

Foram esperar ordens no largo da administração.

25 - Diz lá a essa gente que pode ir descansar nas sanzalas - recomendou o Silva ao sipaio. - Diz também que o branco está contente com o trabalho que eles fizeram, e se os caçadores tivessem trazido carne todos levariam um bocado para casa.

O sipaio traduziu as ordens do secretário e os negros soltaram gritos festivos por se verem livres de trabalhos e regressarem às aldeias, mesmo sem a carne

30 prometida. Debandaram, entre gritos, alegres e palradores como escolares ao toque da sineta para o recreio.

O sipaio foi tocar o sino do meio-dia para o pessoal suspender os trabalhos e ir comer. Nesse momento, ouviu-se ao longe, no alto da vila, uma cantoria de negros. Um homem vinha a correr, estrada a baixo, gritando que se aproximava gente do

35 Lubalo.

- Vai calar essa negralhada - mandou Silva.

Um sipaio largou a correr na direcção em que os negros cantavam, a gritar de longe que se calassem. Mas ao ver uma tipóia, voltou para a Administração.

- Tem chefe Lubalo - disse ele, metendo a cabeça pela porta da Secretaria.
 40 Jaime Silva e os aspirantes foram para a varanda esperar o colega.

O canto dos negros ganhou uma nota alta e terminou bruscamente, porque os capitas gritavam de todos os lados que se calassem. As ordens eram terminantes: cantigas só nos batuques das sanzalas. Ali moravam os brancos, os senhores, e os negros não podiam levantar a voz, porque isso incomodava-os.

Castro Soromenho, *Terra Morta*

BIOGRAFIA - Castro Soromenho

Nasceu a 31 de Janeiro de 1910 em Vila de Chinde, República de Moçambique, filho de pai português, que foi governador de Lunda (Angola), e de mãe cabo-verdiana. Passou parte da infância e a juventude em Angola. Muito jovem empregou-se como recrutador de mão-de-obra numa empresa mineira, exercendo depois funções públicas de administração colonial. Aos 27 anos de idade parte para Lisboa onde se dedica à actividade jornalística e inicia uma carreira de escritor. O conhecimento profundo do processo colonial, seus agentes e suas vítimas, os seus estudos de cultura e histórias africanas, com particular acento sobre as raízes do processo nacionalista angolano, a escrita directa e rigorosa, fazem com que muitos o considerem (já) um crítico da literatura angolana.

Exilado em Paris, publicou diversos artigos na imprensa local a favor do nacionalismo e das populações desfavorecidas angolanas. Leccionou na década de 1960, em universidades brasileiras e norte-americanas, a cadeira de Sociologia da África Negra.

Faleceu em São Paulo (Brasil), a 13 de Janeiro de 1968.

Publicou, entre outras obras, *Nhári (s.d.)*, *O Drama da Gente Negra* (1938), *Noite de Angústia* (1939), *Homens sem Caminho* (1941), *Rajada e Outras Histórias* (1943).



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Em que continente e em que país se passa este episódio?
 - 1.1. Justifica a tua afirmação através de palavras ou expressões do texto.
 - 1.2. Caracteriza a fauna da região.
2. Localiza a acção no tempo.
3. Quais são as personagens do texto?
4. Segundo o texto, qual era a missão do grupo de presos?
5. Quem era o Silva e quem era o sipaio?
6. Explica o sentido das expressões:
 - 6.1. «... raras vezes se dava corpo à sepultura...» (ll. 4 e 5).
 - 6.2. «Debandaram, entre gritos, alegres e palradores...» (l. 30).
7. Um texto informativo deve apresentar informações bem estruturadas.
 - 7.1. Parece-te que este excerto cumpre as suas funções? Justifica a tua resposta, exemplificando.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Procura no dicionário os sinónimos de:

- fojos → coveiro
- debandarem → matagal

2. Identifica os sufixos nas seguintes palavras: «capinzal», «cantoria» e «negralhada».

2.1. Indica o significado de cada um deles.

3. Considera a palavra «cadáveres».

3.1. Escreve-a no singular.

3.2. Cita três palavras que formem o plural da mesma maneira.

4. Completa as palavras abaixo com **es(a)** ou **ez(a)**:

- pequen..... → limp..... → viuv.....
- invalid..... → honrad..... → bonit.....
- largu..... → fraqu..... → nud.....
- altiv..... → miud..... → grand.....

5. Reescreve as frases que se seguem, substituindo as conjunções sublinhadas pelas expressões que te apresentamos:

- assim que → contudo → quando → caso

5.1. Desde que nos conhecemos, mudei de vida.

5.2. Se os meus pais pudessem, davam-me todo o apoio.

5.3. Não foi franca, mas está arrependida.

5.4. Logo que eu volte a morar com os meus avós, escrevo-te.

6. Reescreve as frases, flexionando o verbo em destaque:

Ex.: *Viver* num meio melhor. => É preciso que eles vivam num meio melhor.

6.1. *Não ficar* com raiva de mim.

6.2. *Ter* coragem de pedir desculpas.

6.3. *Mudar* de vida.

6.4. *Esquecer* o passado.

7. Considera o período: «Ali, raras vezes se dava corpo à sepultura, porque os negros que morriam nas sanzalas eram enterrados à beira dos caminhos, nas margens dos rios ou nas florestas, conforme os ritos da tribo» (ll. 4-7).

7.1. Divide e classifica as orações que o constituem.

7.2. Faz a análise sintáctica da 1ª oração.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Complexo Escolar Marítimo do Namibe "Helder Neto"

O Instituto Médio «Helder Neto» é uma instituição de Educação Pública situada na cidade do Namibe. Os seus objectivos visam essencialmente desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos na sociedade. Favorecer a orientação e formação profissional dos jovens através da preparação técnica e tecnológica; proporcionar uma formação vocacional que permita a integração no mundo do trabalho ou o acesso às vias escolares ou profissionais subsequentes. Finalmente, visa elevar o nível cultural e profissional dos jovens, preparando-os para o trabalho, de forma a garantirem a operacionalidade da frota, dos complexos de frio, conservas e outras estruturas em terra, que fazem parte das diversas actividades atribuídas ao sector das pescas.

Antes da independência nacional, o Instituto Médio «Helder Neto» chamava-se Escola Industrial Infante D. Henriques e ministrava cursos para os ramos da Indústria e Comércio. Após este período e a partir de 1978, iniciou a formação profissional nas áreas de Electricidade, Electrónica, Radiotécnica, Mestre de Pesca, Mecânico Diesel, Mecânico de Frio, em que os alunos entram com a 6ª classe do Ensino Geral e terminam, ao fim de três anos, com equivalência à 8ª classe.

O Instituto não se limitou apenas à formação de operários especializados no período pós-independência, tendo iniciado a partir de 1979 a formação de técnicos médios especializados nas áreas de Tecnologia do Pescado, Máquinas e Motores Navais, Máquinas e Instalações Frigoríficas, Electricidade Industrial e Piloto de Altura.

Com vista a dar continuidade à formação de homens estritamente ligados ao mar, a escola está empenhada na formação de especialistas nas áreas de Carpintaria Naval e de Marinharia, sectores estes que sofrem grande estrangulamento com a saída maciça dos quadros nestes ramos.

Mário Luís França de Faria



A escola: um bem social

De forma errada faz-se entender que a escola é uma organização onde somente coexistem alunos, professores e pessoal não docente, deixando todos os outros interessados fora dela e, preferencialmente, a uma certa distância. Esta atitude é um profundo equívoco pedagógico, pois que

5 a actividade educativa deve envolver também outros participantes, designadamente os pais e os encarregados de educação, ao mesmo tempo que deve exprimir aspectos relacionados com o modo de ser e a cultura locais.

10 Sempre que uma escola se fecha dentro de si e não assume a condição de bem social das comunidades locais com todas as consequências inerentes, tende a limitar os seus objectivos educativos. Associada a uma escola existe sempre uma comunidade educativa, constituída por todos quantos se interessam pela sua actividade, no entendimento de que esse interesse deve exprimir-se sob qualquer forma de participação.

15 A par dessa comunidade educativa, pode considerar-se a comunidade restrita ou a comunidade escolar, constituída apenas por professores, alunos e pessoal não docente, pela razão única de que, na escola, realizam a sua actividade dominante.

20 A relação entre os três corpos constituintes (alunos, professores, e pessoal não docente) deverá ser de não independência: o grupo dos alunos não pode afirmar-se por si só, ficando largamente dependente do grupo dos professores para efeitos de saber o que deve fazer e como deve organizar-se. Entre o grupo de professores e o dos alunos estabelecem-se relações de mútua responsabilidade e dependência, alicerçadas no

25 conjunto de tarefas comuns que têm de realizar. Na organização de actividades e propostas de objectivos comuns, quando os professores iniciam as referidas actividades com um novo grupo de alunos dever-se-á definir um conjunto de regras de comportamento a que os alunos terão de subordinar-se. Estas regras apresentam-se como premissas indispensáveis

30 para que o trabalho a realizar se oriente para o interesse educativo. Os inspiradores dessas regras são em princípio os professores, embora, em classes mais avançadas, possam surgir contributos dos alunos. Essas regras deverão ser respeitadas pelos alunos.

35 Para a participação activa nas actividades, constroem-se modelos de participação conjunta organizada na realização das tarefas; é a fase em que se constituem grupos de trabalho entre os alunos com responsabilidades específicas.

40 Assim, as exigências, anteriormente exclusivas dos professores, começam a ser partilhadas com os alunos que, entre si, vão também desenvolvendo novas relações de trabalho.

45 Na consolidação das relações entre alunos e professores, estes modificam ainda mais a sua atitude educativa, deixando larga iniciativa aos alunos. Para eles reservam uma atitude de expectativa e permanente atenção às dificuldades potenciais dos alunos com conseqüente disponibilidade de apoio.

O papel dos docentes vai-se alterando, na evolução das relações entre alunos e professores, passando, assim, de mera posição original marcadamente directiva para outra de larga dependência da iniciativa dos alunos.

Texto adaptado



Galeria chibiana

Entre os chibianos que quebraram as amarras do anonimato, colocaria uma pequena lista, sem que esta «galeria de notáveis» vá chatear os não designados.

5 Raul «Ouro Negro», nascido no Evale por acaso, mas filho de família chibiana, guarda ainda em sua casa uma imagem gigante do santo padroeiro e «porteiro do céu», assumindo a sua costela chibiana.

10 Anastácio Francisco (1935-1975) defendeu as cores huilanas como atleta de fundo e meio-fundista. Foi campeão provincial várias vezes, tendo ficado em 2º lugar no Campeonato Angolano de Corta-Mato.

15 Óscar Gil, filho do kota Eurico Pereira Loba tem o seu nome ligado às televisões angolana e portuguesa, estando agora a lançar-se como produtor independente de cinema e televisão documental, ficcional e publicitária.

Entre os quadros huilanos são destacáveis o jovem sacerdote Aniceto Dangala e o docente de Geografia do ISCED (Instituto Superior de Ciências de Educação), Amizalak Dungula, tudo gente crescida ou nascida na Chibia.

20 Se a colonização deixou noutros pontos da Huíla o vestígio do «nariz de madeirense» em muitos chicoronhos ou a chipala de boer em camurços da Humpata, sem falar dos apelidos de muitos angolanos que testemunham componentes da primeira colónia do Lubango – como Victuro, Camacho, Serrão ou Bettencourt –, a vida da sede municipal (27 mil habitantes) caracterizou-se desde
25 muito cedo pela sua componente mestiça.

Mesmo sem as seculares tradições benguelenses, famílias como os Almeidas e Paivas são, pelo menos da Chibia, um pedaço a não esquecer.

In *Revista Chela/Press*, n.º 4/99 (Lubango)



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Justifica o título «Galeria chibiana».
2. Raul «Ouro Negro», Anastácio Francisco, Óscar Gil, Aniceto Dangala e Amizalak Dungula são os notáveis referidos no texto.
 - 2.1. Indica as áreas em que se distinguiu cada um deles.
3. Justifica a utilização das aspas em «Ouro Negro», a propósito de Raul, um dos filhos da família chibiana.
4. Indica alguns dos vestígios da colonização nos habitantes da região, segundo o texto.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Explica o sentido das seguintes palavras:
 - anónimo
 - secular
 - ficcional
2. «Se a colonização deixou noutros pontos da Huíla o vestígio do “nariz de madeirense” em muitos chicorinhos (...), a vida da sede municipal (...) caracterizou-se desde muito cedo pela sua componente mestiça.» (ll. 20-26).
 - 2.1. Identifica as orações desta frase e classifica-as.
 - 2.2. Reescreve a oração principal, conjugando o seu verbo no futuro do indicativo.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!



TEMPO DE ESCRITA

Redige agora tu um texto informativo sobre notáveis de outras regiões.

Inquérito aos agregados familiares

O inquérito aos agregados familiares sobre receitas e despesas tomou corpo a partir do dia 14 de Fevereiro, com o trabalho de recolha de informação junto às famílias. Dez mil agregados familiares serão inquiridos em sete províncias do país, num espaço temporal de 12 meses. Por isso, foram mobilizados inquiridores, revisores e não só. O investimento ultrapassa a fasquia de um milhão de dólares.

O Instituto Nacional de Estatística, promotor do evento, apela à participação das pessoas inquiridas no sentido de viabilizarem o acesso dos inquiridores à informação objectiva e concisa.

Os trabalhos de recolha de informação junto às famílias, iniciado no dia 14 deste mês, sob os auspícios do Instituto Nacional de Estatística, num acto presidido pelo Vice-Ministro do Planeamento, Severino de Moraes, prevê inquirir cerca de 10 mil agregados familiares em sete das 18 províncias do país.

A actividade está a ser desenvolvida em sete províncias do país, nomeadamente em Luanda, Benguela, Cabinda, Lunda-Norte (Dundo), Cunene, Namibe e Lubango, com a duração de 12 meses. No Namibe e no Cunene, a acção terá como palco as áreas rurais e respectivas cidades, ao passo que nas restantes províncias, o INE concentrará as suas atenções somente nas zonas urbanas.

Para levar a bom porto o empreendimento, segundo Camilo Ceita, do INE, esta instituição dispõe de mais de um milhão de dólares, fundos disponibilizados pelo governo angolano e Banco Mundial. O montante está a ser investido na aquisição de material de apoio, tais como resmas de papel, capas e botas de chuva e no suporte logístico (transporte) e não só.

Para a prossecução do objectivo que norteia o INE, 100 pessoas foram mobilizadas, num leque que insere supervisores, revisores, inquiridores e antropometristas, sublinhou o coordenador do Gabinete de Monitorização das Condições de Vida da População, núcleo central da actividade, para quem a pertinência da realização de um evento de tal envergadura envolve, ainda, a necessidade de um conhecimento apurado sobre as condições de vida da população e a obtenção de novos ponderadores para o índice de preços ao consumidor.

40 Esta tarefa, que agora tomou corpo, é o corolário de todo um conjunto de actividades gizado e programado, a este propósito, há cerca de um ano e meio, lembrou Camilo Ceita, não deixando de enaltecer a importância relevante dos meios de comunicação social na divulgação da campanha em curso.

45 Tanto quanto soube o JA de Camilo Ceita, a consecução de tal tarefa inscreve igualmente a recolha de dados novos para o cálculo das contas nacionais e dotar o INE de elementos para a elaboração do novo perfil da pobreza em Angola, fazendo notar que este necessita de se conformar, ingentemente, com os tempos actuais: «O primeiro perfil da pobreza foi feito em 1995 e, de certa maneira, já está desactualizado».

50 A possibilidade de se realizar a actividade a nível de toda a extensão do país não foi encarada pelo Instituto Nacional de Estatística por, segundo esclarecimento de Camilo Ceita, comportar custos elevados. Parte-se do princípio de que a população que está a ser inquirida é representativa de todo o país.

55 Recorde-se que o Instituto Nacional de Estatística realizou, em Luanda, de 15 a 19 de Novembro de 1999, a «Semana Angolana de Estatística», consagrada a abordar, de uma forma multiforme, assuntos que se prendem com «os números».

Carlos Alberto



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Qual o objectivo que esteve na origem do inquérito aos agregados familiares de que fala o texto?
2. Procura, no texto, as seguintes informações relativas ao inquérito:
 - a data de início da sua realização;
 - o número de destinatários;
 - o número de regiões abrangidas;
 - o montante do investimento;
 - a entidade promotora.

Proclamação da Independência de S. Tomé e Príncipe

Com efeito, até ao aparecimento do primeiro país socialista e à formação do campo socialista, o mundo era inteiramente dominado pelas potências imperialistas e colonialistas. Nesse contexto, a luta dos povos dominados política e economicamente tinha poucas probabilidades de sucesso. Com a criação do campo socialista, depois da Segunda Guerra Mundial, a relação de forças no plano internacional modifica-se desfavoravelmente para o campo imperialista. Essas modificações tiveram a sua repercussão sobre a intensificação da luta dos povos colonizados e explorados. Foi assim que, nos anos 60, vários países africanos então colonizados conquistaram a sua independência política. Esses dois factos históricos tiveram um papel decisivo na consolidação e no desenvolvimento da luta anticolonial no nosso país. O vento da liberdade, que então soprava no Continente Africano, atingiu também S. Tomé e Príncipe, apesar de todas as medidas tomadas pelo regime fascista colonialista para isolar as suas colónias das influências «nefastas» do exterior.

Foi nessa altura que a luta do povo de S. Tomé e Príncipe adquiriu um conteúdo revolucionário totalmente novo. O nosso povo já não se contenta em exigir a satisfação das suas reivindicações, sem contestar directamente o regime colonial. Ele exige a destruição do sistema colonial e vê na independência imediata e total, a única solução para o problema colonial no nosso país. Para isso, era necessário a existência de uma organização que encarnasse a vontade popular e que servisse de dinamizador das acções a serem empreendidas em prol do objectivo escolhido. Foi nessa conjuntura que nasceu o MLSTP, organização nacionalista que se propunha mobilizar as massas trabalhadoras e organizar o nosso povo para a luta pela conquista da liberdade e da independência.

Dirigido pelo MLSTP, o nosso povo enveredou pelo caminho difícil da luta política. A luta política no interior do nosso país era reforçada pela acção do MLSTP no plano internacional, o que nos permitiu, juntamente com os povos das outras colónias portuguesas, isolar o colonialismo fascista português.

Depois do 25 de Abril, com a queda do fascismo em Portugal, as condições foram criadas para a intensificação da luta em S. Tomé e Príncipe. Desde então, manifestações e paralisação do trabalho foram métodos utilizados pelo nosso povo para acelerar a abertura de negociações imediatas entre o MLSTP e o Governo Português.

Ao mesmo tempo, acções políticas foram intensificadas no plano internacional junto da Organização da Unidade Africana, das Nações Unidas e ao nível bilateral, com o fim de desmascarar os objectivos federalistas do Governo Português, com respeito à nossa terra.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Indica as forças que dominavam o mundo até ao aparecimento do socialismo.
2. Quais as repercussões deste acontecimento a nível mundial?
3. Que consequências teve na luta do povo de S. Tomé e Príncipe?



Angola

- Educação/Cultura

Angola é um país caracterizado pela existência de vários grupos etnolinguísticos, que ainda no século XV se constituíam em verdadeiras nações com organização e administração próprias. Posteriormente, os seus reinos foram sendo progressivamente dominados e submetidos à administração colonial portuguesa.

Após o desenvolvimento de acções políticas e de uma guerra levada a cabo a partir de 1961, por grupos nacionalistas angolanos, contra o regime colonial português, Angola tornou-se num país soberano a 11 de Novembro de 1975, mas já em clima de guerra civil, num dos períodos mais acentuados da guerra fria.

De um modo geral, entende-se que o controlo da administração colonial se fez simultaneamente em todo o território angolano durante cinco séculos, o que nada corresponde à verdade.

Por este facto, a política de assimilação imposta pelo regime colonial e que assentava numa perspectiva eurocêntrica e até etnocêntrica, acabou por não atingir os propósitos da sua «acção civilizadora» em Angola, como, aliás, nas restantes colónias de expressão portuguesa. A título de exemplo é de salientar que Angola, Moçambique e a Guiné Bissau apresentavam como herança colonial taxas de analfabetismo superiores a 85%, na altura das suas respectivas independências.

Mas, se por um lado, a preocupação da administração portuguesa era procurar demonstrar ao mundo e ensinar aos angolanos que Angola não era uma colónia portuguesa, mas sim uma província ultramarina, no pós-independência, o sistema educativo revelava mais do que uma preocupação predominantemente didáctico-pedagógica. Logo, os aspectos ligados à diversidade linguística que caracterizam o mosaico cultural angolano foram sempre passando à margem das atenções da escola pública primária angolana desde o tempo da colonização. Apenas as escolas das missões religiosas - protestantes e católicas - foram dedicando uma atenção especial a este facto.

A urgência do estabelecimento de um quadro de paz, de coexistência e convivência social para a construção da desejada unidade nacional, forjou, uma vez mais, o princípio da unicidade no sistema educativo num país profundamente marcado pelo multiculturalismo e pelo plurilinguismo.

Se antes da independência de Angola encontrávamos a necessidade de aculturação para acesso ao ensino e conseqüente perpetuação da dominação colonial, no pós-independência existia a visão redutora de que todos os alunos angolanos, independentemente do seu nível de pré-requisitos e da necessária competência linguística em Português, tinham, à partida, iguais oportunidades de sucesso escolar, desde que lhes fossem oferecidas simplesmente as condições similares de acesso à instrução.

45 A partir do pressuposto de que a educação é um processo de formação e de preparação de indivíduos na vida produtiva e cultural do Estado, a escola primária peca, sobretudo, por uma gritante falta de relação entre a escola e a comunidade onde está inserida; entre a escola e a família; entre a educação e a cultura.

O desafio que se coloca futuramente à educação como trave mestra do desenvolvimento em Angola, julgo ser o seguinte:

50 Será que é apenas insistindo que, juridicamente, todos os angolanos são iguais e que, como tal, deverão ser abordados do mesmo modo, é que se poderá alcançar a almejada Unidade Nacional? Ou será através do reconhecimento das diferenças existentes, que mais facilmente se poderá interiorizar a necessidade de se construir a Unidade de que realmente necessitamos?

Filipe Zau in *Revista de Sociedade e Cultura*, 13/2000



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Explica as seguintes expressões do texto:

- "grupos etnolinguísticos" (ll. 1 e 2).
- "perspectiva eurocêntrica e etnocêntrica" (l. 15).
- "mosaico cultural" (ll. 26 e 27).
- "multiculturalismo" (l. 34).
- "plurilinguismo" (l. 34).
- "aculturação" (l. 36).
- "visão redutora" (l. 37).
- "trave mestra do desenvolvimento" (ll. 47 e 48).

2. Caracteriza, de acordo com o texto, a política de assimilação imposta pelo regime colonial de Angola.

2.1. Os objectivos desta política foram alcançados? Justifica com uma frase do texto.

3. Por que razão se tornou urgente, depois da independência, conferir unidade ao sistema educativo angolano?

4. Indica a «falha» que foi cometida pelo sistema educativo angolano no período pós-independência.

5. Identifica o desafio que se coloca, agora, ao sistema educativo angolano, de acordo com o texto.

Cornos e hastes

Já os primeiros homens ficavam impressionados com as excrescências duras das cabeças dos animais que caçavam e desde cedo começaram a utilizá-las para diversos fins.

5 As hastes dos veados foram usadas para cavar e para procurar pedras para fazer ferramentas e armas. Os cornos das vacas foram utilizados como copos e como instrumentos musicais simples. Mais tarde o material córneo quer da cabeça quer dos cascos dos animais foi utilizado para fazer caixas, cabos de facas, pentes, «vidros» de lanternas e muitos outros objectos que nos nossos dias são feitos de plástico.

10 O uso simbólico dos cornos e hastes vem também dos tempos antigos. Nos mitos e na religião estão geralmente relacionados com energia ou ameaça.

Exemplos familiares são os cornos do «Deus» grego Dionísio, os do diabo e os dos elmos dos *Vikings*.

15 Sendo um derivado cutâneo, nada tem que ver com o esqueleto ósseo, embora a parte interna do corno seja de osso. Esse osso projecta-se do osso frontal do crânio e nos antílopes tem uma superfície lisa e uma estrutura interna esponjosa.

20 Nas partes centrais dos corpos dos carneiros, cabras e vacas, mas não nas dos antílopes, desenvolvem-se cavidades, de tal modo, que eles são constituídos por um eixo oco dentro de uma bainha oca. Consequentemente, o corno é mais leve, reduzindo-se a quantidade de osso que o organismo precisa de fabricar sem que seja reduzida a sua utilidade.

25 Os cornos e as hastes são, por vezes, uma defesa contra os inimigos, como, por exemplo, na pacaça e no rinoceronte africano. Contudo, se o animal tiver uma arma alternativa, ele prefere geralmente não os usar.

30 Os alces lutam com os lobos com os cascos e o rinoceronte indiano golpeia com as suas presas inferiores. O uso das patas ou de grandes dentes contra os inimigos é uma característica primitiva nos mamíferos e só ocasionalmente foi suplantada pelo uso dos cornos.



35 Para além disso, eles são muito utilizados pelos membros de algumas espécies com outros propósitos ainda não totalmente compreendidos. Considera-se que alguns animais se podem reconhecer entre si, pelo menos parcialmente, pelos seus cornos; podem servir para que um dado animal reconheça outro como da sua própria espécie, saiba qual o sexo e provavelmente indicadores visuais de hierarquia, sendo reconhecidos como animais mais importantes aqueles que, numa área particular ou num rebanho, tiverem os maiores cornos.

40 Sendo um macho dominante, a cornadura está relacionada com o êxito junto das fêmeas para o acasalamento; os cornos e as hastes são também utilizados nas lutas entre os machos para alcançarem as boas graças das fêmeas, bem como órgãos de exibição pelos machos que, assim, intimidam os seus rivais evitando lutas com outros machos mais jovens ou mais fracos.

45 Por vezes, os cornos ajudam a manter a cabeça dos oponentes em contacto, enquanto eles empurram e levantam para obter vantagem; outras vezes, são utilizados como marretas quando os animais correm directamente e chocam entre si. Qualquer que seja o tipo de luta utilizada, choque, torsão ou esgrima, a atenção está concentrada nas armas da cabeça e as partes mais vulneráveis do corpo e da própria cabeça do animal estão mais protegidas.

50 Assim, as funções dos cornos são muitas e interligadas, mas poucas são para defesa ou ataque a outras espécies.

In *Ano Africano do Turismo*, Museu Nacional de História Natural



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Após a leitura atenta e cuidada do texto, refere-te aos seguintes aspectos relativos aos cornos ou hastes dos animais:

- 1.1.** A sua origem.
- 1.2.** A sua função.
- 1.3.** O uso simbólico.
- 1.4.** As suas características, conforme o animal.
- 1.5.** A sua utilidade, conforme:
 - o animal;
 - o tempo;
 - a região onde predomina.

2. Identifica os animais do texto, incluindo-os na fauna europeia ou africana.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Atenta nas palavras sublinhadas nas expressões:

- «... desde cedo...» (l. 2).
- «... quer dos cascos dos animais...» (l. 7).
- «... para fazer (...) cabos de facas...» (ll. 7 e 8).

1.1. Como se designam gramaticalmente?

1.2. Procura sinónimos dessas palavras.

1.3. Escreve pares de frases utilizando-as com significado diferente em cada frase.

1.4. Classifica-as quanto ao sentido e à forma.

2. Considera as expressões:

- «As hastes dos veados foram usadas...» (l. 4).
- «... muitos outros objectos (...) são feitos...» (ll. 8 e 9).
- «... e só ocasionalmente foi suplantada...» (l. 31).

2.1. Identifica o tempo e o modo em que se encontram as formas verbais sublinhadas.

2.2. Conjuga-as no futuro composto e no condicional composto do indicativo.

3. Considera as expressões:

- «... o material córneo quer da cabeça quer dos cascos...» (ll. 6 e 7).
- «... desenvolvem-se (...) de tal modo que eles são constituídos...» (ll. 20-21).
- «... mas não nas dos antílopes...» (l. 20).

3.1. Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas nas expressões.

3.2. Reescreve as citações, substituindo as expressões sublinhadas por expressões sinónimas.

4. «As hastes dos veados foram usadas [pelos homens] para cavar e para procurar pedras para fazer ferramentas e armas.» (ll. 4 e 5).

4.1. Classifica as formas verbais sublinhadas.

4.2. Reescreve a frase, utilizando a voz activa.

5. «Exemplos familiares são os corvos do “Deus” grego Dionísio, os do diabo e os dos elmos dos Vikings.» (ll. 13 e 14).

5.1. Faz a análise sintáctica da frase.

6. Classifica as seguintes palavras quanto ao seu processo de formação:

- esponjosa
- simbólico
- cornadura
- acasalamento
- directamente

6.1. Identifica, em cada uma, a palavra primitiva.

6.2. Elaborar, para as várias palavras, um conjunto de palavras da mesma família.



TEMPO DE ESCRITA

Procura informação sobre um dos animais que mais admiras e redige um texto informativo (cerca de 30 linhas).

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Cabo Verde:

Roteiro gastronómico

O milho é a base de alimentação do arquipélago de Cabo Verde. É geralmente acompanhado de carne de porco, quase sempre salgada, de feijão ou mandioca, de batata doce, etc.

5 Embora simples, a culinária cabo-verdiana é, juntamente com o folclore, um elemento de unidade para o cabo-verdiano – quer no próprio país, quer no estrangeiro.

Os pratos mais conhecidos preparados com milho são a catchupa e os cuscuz, que se comem em todos os arquipélagos. De entre os pratos de peixe, o atum, muito abundante, é o mais popular.

Existem, no entanto, outros pratos igualmente apreciados.

Na ilha de Santo Antão, temos, por exemplo, o caldo de camarão, a canja de galinha e o fongo, doce feito com farinha de milho, batata doce e banana.

15 De entre os pratos mais típicos da ilha do Fogo, escolhemos o gigoti, guisado de carne de porco, couve e mandioca, e a djagacida, cozido de toucinho, feijão e rolão (trigo moído). Quanto aos doces, salientamos o pudim de café, confeccionado com o delicioso café desta ilha.

20 O xerém com capa, da ilha Brava, também é bastante característico. É um prato de milho temperado com toucinho, salsa e cebola, e cozido em caldo de carne ou legumes.

Em São Vicente podemos apreciar a saborosa lagosta grelhada e o polvo estufado.

25 Na ilha de Santiago, no dia das Cinzas, come-se a trutchida, guisado de feijão com tomate e ovos.

Na doçaria utiliza-se, quase sempre, mel, coco, papaia, banana, manga, goiaba e mandioca.

30 As bebidas alcoólicas locais são principalmente os grogues e os ponches.

Texto adaptado



TEMPO DE ESCRITA

Partindo do exemplo do texto apresentado, redige um roteiro gastronómico para a tua região.

Bibliotecas

A palavra biblioteca é formada por justaposição das palavras Biblio + Teka; quer dizer «casa onde se guardam livros para consulta».

5 Assim, melhor definido, consideramos como biblioteca toda a colecção organizada de livros periódicos impressos ou manuscritos ou todos os documentos, especialmente gráficos e audiovisuais, como os serviços do pessoal encarregue de facilitar a utilização destes documentos pelos utentes com fins de informação, pesquisa, educação ou recreio.

10 A biblioteca mais antiga de que temos conhecimento data de há cerca de 6000 anos, localizada no antigo reino de Assírios, na Ásia Menor, fundada pelo imperador Assurbanipal na cidade de Nínive.

Em Angola, a primeira biblioteca foi criada em 1876.

15 É das mais antigas ao sul do Saara e o seu acervo proveio das bibliotecas do Museu de Angola e das Associações Comerciais de Benguela, Huíla e Namibe, e parte dele encontra-se na Biblioteca Provincial de Luanda, onde pode ser consultado.

20 A Biblioteca Nacional, que funciona no rés-do-chão do edifício do Ministério da Educação, foi fundada em 1969, como dependência da Biblioteca Nacional de Lisboa, sendo o centro director da biblioteconomia no País e também a responsável pela aquisição e conservação de exemplares de todas as publicações editadas no País; funciona como biblioteca de depósito, quer por

25 força de uma lei, quer por força dos acordos particulares.

As bibliotecas nacionais, provinciais e municipais são públicas. O acesso a algumas delas é feito mediante uma contribuição pré-estabelecida.

- 30 Temos várias categorias de bibliotecas que podemos agrupar do seguinte modo:
- bibliotecas de estabelecimentos de ensino superior que estão em primeiro lugar no serviço dos docentes e discentes das Universidades;
 - 35 - bibliotecas escolares que dependem dos estabelecimentos do Ensino Primário e 1º e 2º ciclos do Ensino Secundário;
 - bibliotecas especializadas que dependem de uma associação, de uma instituição, de uma indústria, atendendo apenas os especialistas do ramo, pois estão vocacionadas para um só domínio;
 - 40 - bibliotecas públicas ou populares, que servem uma colectividade local ou regional.

Manuela Batalha, 1994



SABIAS QUE...

Numa biblioteca, os catálogos são constituídos por fichas, onde é feita a identificação de uma obra (livro, jornal, revista, enciclopédia, etc.) de forma a poder realizar consultas mais facilmente. Numa ficha bibliográfica, devem figurar vários elementos identificadores:

- 1º Apelido ou último nome do autor, em maiúsculas;
- 2º Nome;
- 3º Título da obra (sublinhado ou em itálico);
- 4º Local onde foi editada;
- 5º Nome da editora;
- 6º Colecção (se tiver);
- 7º Ano da edição;
- 8º Número da edição;
- 9º Número do volume (se forem vários);
- 10º Número de páginas.

As fichas bibliográficas ordenam-se alfabeticamente, tendo em conta o apelido do autor, de acordo com a ordem apresentada no quadro, tal como o seguinte exemplo ilustra:

CURY, Augusto, *A Saga de um Pensador, a paixão pela vida*, Cascais, Pergaminho, 2007, 1ª ed., (254 págs.).

NOTAS:

- Quando uma publicação não tem autor, o título surge no início, todo em maiúsculas.
- Escreve-se o título de uma obra em itálico. Em texto manuscrito, o título deve ser sublinhado.
- Quando se indica um capítulo ou uma parte dessa obra, devemos usar as aspas ("...").

Agricultura e desenvolvimento

A situação de grande parte dos países da África do Sul do Saara (incluindo Angola), em termos de performance económica pode ser genericamente caracterizada como sendo de crise.

5 Depois de terem experimentado um assinalável crescimento económico, no período seguinte ao alcance das independências, os países da África Sub-Saariana têm vindo a registar índices muito baixos, e nalguns casos negativos, de crescimento económico. Esta situação tem-se repercutido no fraco desempenho dos seus programas de desenvolvimento.

10 A instabilidade política que resulta em prolongados conflitos militares, a deficiente gestão económica e a desfavorável conjuntura económica internacional são, de entre outros, os factores que mais têm contribuído para o reduzido progresso que estes países têm registado no sentido do seu desenvolvimento.

15 Para uma grande parte destes países, desenvolvimento significa, antes de mais, a erradicação da pobreza, a satisfação das necessidades básicas, sendo uma delas a alimentação.

A situação alimentar é crítica e vários são os países que dependem de ajudas externas para reduzir as carências alimentares das suas populações. A este respeito, Buntig (1993) referiu que, de uma forma global, a África
20 Sub-Saariana dispõe do potencial necessário para atingir a auto-suficiência alimentar, desde que nela sejam utilizadas as técnicas agrícolas apropriadas. Todavia, os recursos não se encontram distribuídos equitativamente, e a menos que os Estados «deficitários» e «excedentários» ponham de pé um sistema de cooperação, dezanove países da região estão condenados
25 a uma escassez crónica. De notar que Angola faz parte da conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Central (S.A.D.C.C.).



- Assim, para grande parte desses países, a agricultura não é apenas a principal actividade de desenvolvimento, mas também a base para outras actividades de desenvolvimento. A sua importância reside no facto de ser a maior fonte de emprego, a fonte de alimento, a fonte de matéria-prima, a fonte de moeda externa e capital para o desenvolvimento de outros sectores da economia, a fonte de mão-de-obra excedentária para a indústria (quando a produtividade é elevada) e é o mercado para os produtos manufacturados.
- 30
- 35 Angola insere-se no quadro acima descrito.

Castro Paulinho Camarada, *Revista Comércio Externo* (extracto)



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Identifica a ideia essencial do texto.
2. Que factores têm contribuído para o reduzido progresso nos países da África Sub-Saariana?
3. Segundo o texto, qual é a situação real dos países da África a Sul do Saara? Porquê?
4. De que importância se reverte a agricultura nos países sub-saarianos?
5. O que é a S.A.D.C.C. na África de hoje?
6. Por que motivo se afirma no texto que a África Sub-Saariana é um potencial? Em quê e porquê?
7. «Na África a Sul do Saara, os recursos não se encontram distribuídos equitativamente.»
- 7.1. Comenta esta afirmação. Recorre, se necessário, a palavras ou expressões do texto.
8. Que diferença existe entre a S.A.D.C.C. e a U.A. (Unidade Africana)?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. «A situação alimentar é crítica e vários são os países que dependem de ajudas externas...» (ll. 17-18).

1.1. Faz a análise sintáctica desta passagem.

1.2. Classifica as formas verbais que nela ocorrem, indicando o tempo, o modo e forma especial de conjugação.

2. Classifica as seguintes formas verbais:

2.1. terem experimentado

2.2. têm contribuído

2.3. insere-se

3. Indica o grau em que se encontram os adjectivos nas expressões:

3.1. «... índices muito baixos...» (l. 6).

3.2. «... a produtividade é elevada...» (l. 33).

4. Considera as seguintes frases:

«Despeço-me. Vem tudo à porta para me acenar quando eu for longe.»

4.1. Substitui as formas verbais do presente pelas formas correspondentes do pretérito perfeito.

4.1.1. Houve necessidade de outra alteração? Justifica a tua resposta.

4.2. Substitui as mesmas formas pelas do futuro.

5. Coloca entre parênteses as expressões de realce contidas nas seguintes frases:

5.1. No velho casarão da missão é que era a aula.

5.2. Meu pai é que lá sabia.

5.3. Eu cá sou o moderador da reunião.

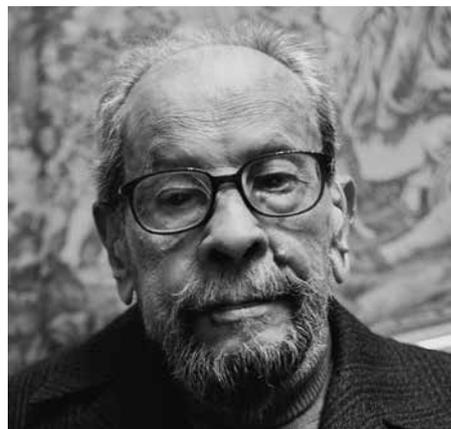
CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

África e o Prémio Nobel da Literatura

WOLE SOYINKA - Prémio Nobel de Literatura de 1986. É nigeriano, dramaturgo, poeta e ensaísta. Nasceu a 13 de Junho de 1934. Fez os estudos primários, secundários e superiores na Nigéria. Frequentou a Universidade de Ibadan, tendo concluído o Curso de Letras na Universidade de Leeds, Inglaterra, em 1957. Datam dessa época as suas primeiras peças de teatro. Foi professor de Literatura Comparada na Universidade de Ifé. Dos seus livros, é conhecido em língua portuguesa o romance *Os Intérpretes*. Menos conhecida no espaço lusófono é a sua obra ensaística, poética e sobretudo dramática.



NAGUIB MAHFOUZ - Prémio Nobel de Literatura de 1988. É egípcio e o ficcionista mais conhecido do mundo árabe. Nasceu no Cairo, em 1911. Fez os estudos na Universidade do Cairo, onde concluiu o Curso de Filosofia. Publicou mais de 20 romances e contos, alguns dos quais foram levados ao cinema. Um dos seus romances mais conhecidos é *O Ladrão e Cães*. Em língua portuguesa são conhecidos, entre outros, *A Viela de Midaq* e *Em Busca*.



NADINE GORDIMER - Prémio Nobel de Literatura de 1991. É sul-africana, nasceu na região de Johannesburg, em 1923. É autora de mais de dez romances, em que se destaca *A Gente de July*. A sua actividade criativa estende-se ao conto e ensaio. Em língua portuguesa é conhecido o livro *Numa Segunda-feira de Certeza*. Recebeu títulos honorários nas Universidades de Yale e Harvard, dos Estados Unidos da América.



TEMPO DE ESCRITA

O texto é constituído pela biografia de três personalidades africanas. Para saberes mais sobre este tipo de texto consulta a página 223. Seguidamente, redige a tua autobiografia.

A fonte de longevidade

Dizem as nossas lendas que existia em Angola uma fonte que rejuvenescia quem, por velho que fosse, conseguisse banhar-se nas suas águas.

5 Sem procurar o simbolismo que essas lendas contêm, bem pode dizer-se que todos temos no nosso íntimo uma fonte de longevidade não imaginária nem mitológica, mas de água rejuvenescedora, capaz de competir em eficácia com o mais afamado elixir de longa vida. E o rosto só nos denunciará os anos quando o consentir o pensamento – a sempre abundante fonte de longevidade.

10 Na verdade, é o pensamento que nos governa com base na matéria. E neste capítulo vamos falar insistentemente da influência daquele sobre esta.

Siga-nos.

15 Iniciando, afirmaremos que pela renovação dos pensamentos podemos renovar os corpos; e não há meio mais precioso de destruir um vício do que repelir primeiro o pensamento que o alimenta.

20 Temos conhecimento de que indivíduos ainda andam convencidos de que a vida termina aos setenta anos ou antes. Passada essa idade, julgam que o homem já não pode trabalhar activamente e enfronham-se de tal maneira nessa ideia que até pensam que a partir daí o homem é uma carga inútil para si e para a sociedade.

25 Não há dúvidas de que a aceitação dessa ideia por alguns fanáticos tem sido nociva para o desenvolvimento económico e social do nosso país e também para os mesmos, pois, quando não têm domínio sobre si, deixam-se levar pelos seus preconceitos, cuja influência é bastante poderosa para os convencer de que assim é, de facto.

30 Bastantes casos, na verdade, se têm visto de indivíduos dominados pela ideia fixa de que haviam de morrer em determinada idade, morrerem com efeito, embora gozassem de alguma saúde. Matou-os a sua preocupação.

35 Por outro lado, não há probabilidade de essa ideia extravagante significar uma expressa limitação da vida humana, pois o espírito de um bom conselho e de uma literatura dimanada de escritores de mentalidade sadia tende a estimular a longevidade por meio de uma conduta prudente e salutar e impõe ao homem o dever

40 de viver o mais utilmente possível, para fazer da sua vida uma obra que impulse o progresso geral do género humano. Realmente, seria uma ofensa à Natureza supor que ela limita a vida do homem a menos do triplo do período do seu crescimento orgânico, quando na maior parte dos animais a duração de vida
45 é cinco vezes a do período da sua formação. A Natureza não arranca o fruto da árvore antes da maturação, e o que chamamos mortes prematuras, ou sejam as ocorridas antes do termo natural da existência humana, deve considerar-se como uma excepção.

Mal entrevemos quão escravos somos da nossa atitude mental
50 e quão poderosamente as convicções influem na nossa conduta! Muitas pessoas estão profundamente convencidas de que não irão além da idade em que morreram os pais, embora estes tivessem falecido relativamente novos. Há tempos, na área do município de Mbanza Congo apareceu um indivíduo que informou a sua
55 família de que tinha o pressentimento de morrer no próximo dia dos seus anos e, nesse dia, não quis ir para as suas ocupações habituais, dizendo que, com toda a certeza, morreria naquela mesma noite. Alarmada a família, dirigiu-se à sede do município para chamar o médico que nenhuma enfermidade lhe achou: mas
60 ele obstinou-se em não comer e foi enfraquecendo durante o dia até que, com efeito, morreu antes da meia-noite. O convencimento de que tinha de morrer meteu-se-lhe de tal forma na cabeça que o privou da vida; e se alguém tivesse conseguido mudar-lhe a disposição mental, sugerindo-lhe ideias de longevidade e não de
65 morte, viveria possivelmente ainda bastantes anos.

Quem, como sucede à maioria das pessoas, está convencido de que aos cinquenta anos lhe hão-de chegar os achaques, que aos sessenta começará a decadência das suas faculdades e aos setenta nada mais será do que um móvel inútil, não conseguirá
70 rejuvenescer-se, mesmo banhando-se na lendária fonte de longevidade.

Na verdade, o pensamento na velhice trará a velhice. A morte fugirá quando se pensa numa longevidade alegre e juvenil e o organismo pode obedecer com docilidade ao pensamento.

Vicente Neto, *A Água e a Lenda*



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Procura no dicionário o sinónimo das seguintes palavras:

- longevidade
- rejuvenescia
- mitologia
- enfronham-se
- elixir
- maturação
- obstinou-se
- achaques

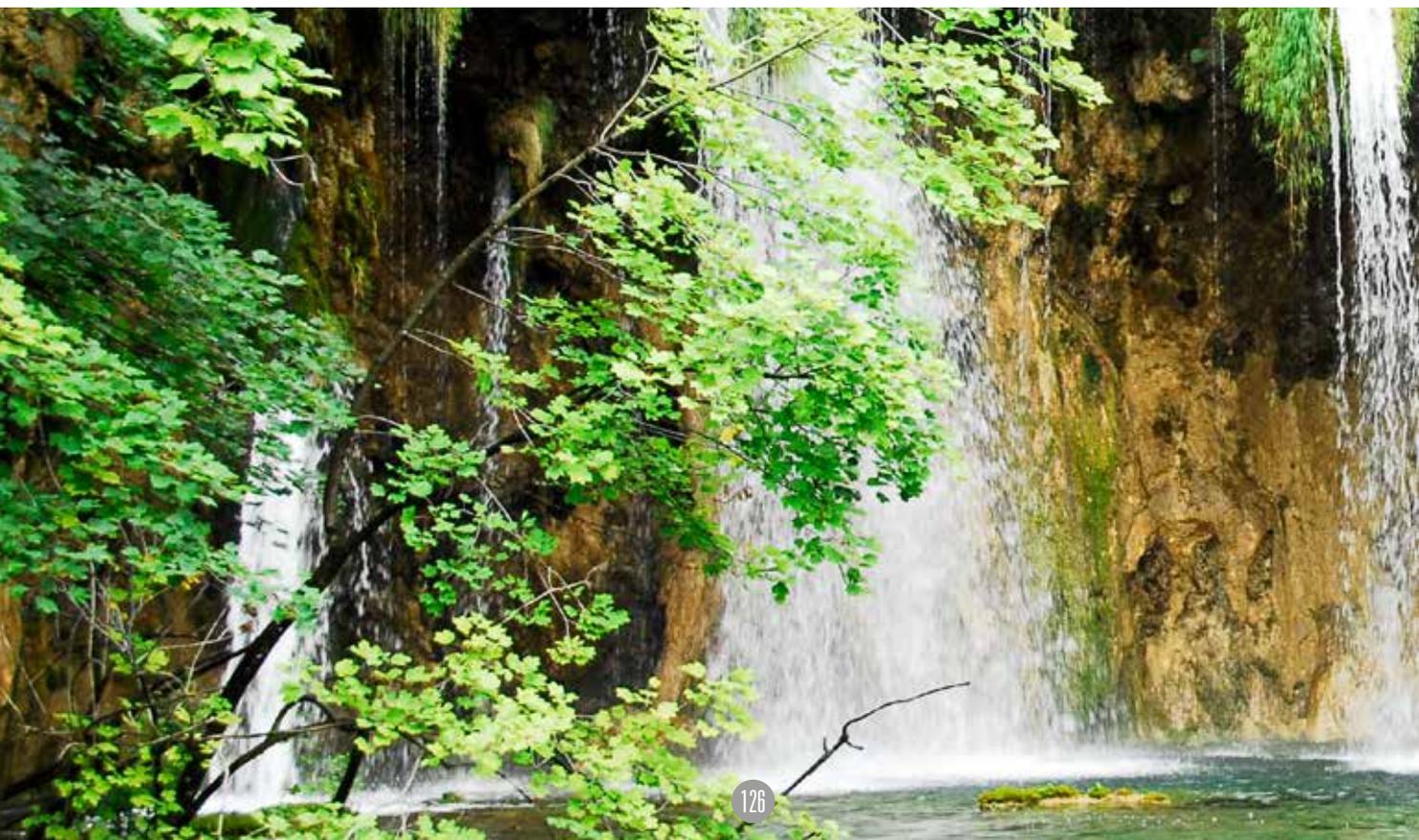
2. Explica o sentido das expressões:

2.1. «E o rosto só nos denunciará os anos quando o consentir o pensamento...» (ll. 8 e 9).

2.2. «...pois quando não têm domínio sobre si, deixam-se levar pelos seus preconceitos...» (ll. 27 e 28).

3. Em poucas palavras, comenta a expressão: «... é o pensamento que nos governa com base na matéria...» (ll. 11-12).

4. O que consideras «o dever de viver o mais utilmente possível»? (ll. 39 e 40).





FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Classifica morfologicamente as seguintes palavras:

- elixir
- renovação
- setenta
- utilmente
- impulsiona
- fanáticos

2. «Temos conhecimento de que alguns indivíduos ainda andam convencidos de que a vida termina aos setenta anos ou antes.» (ll. 19 e 20).

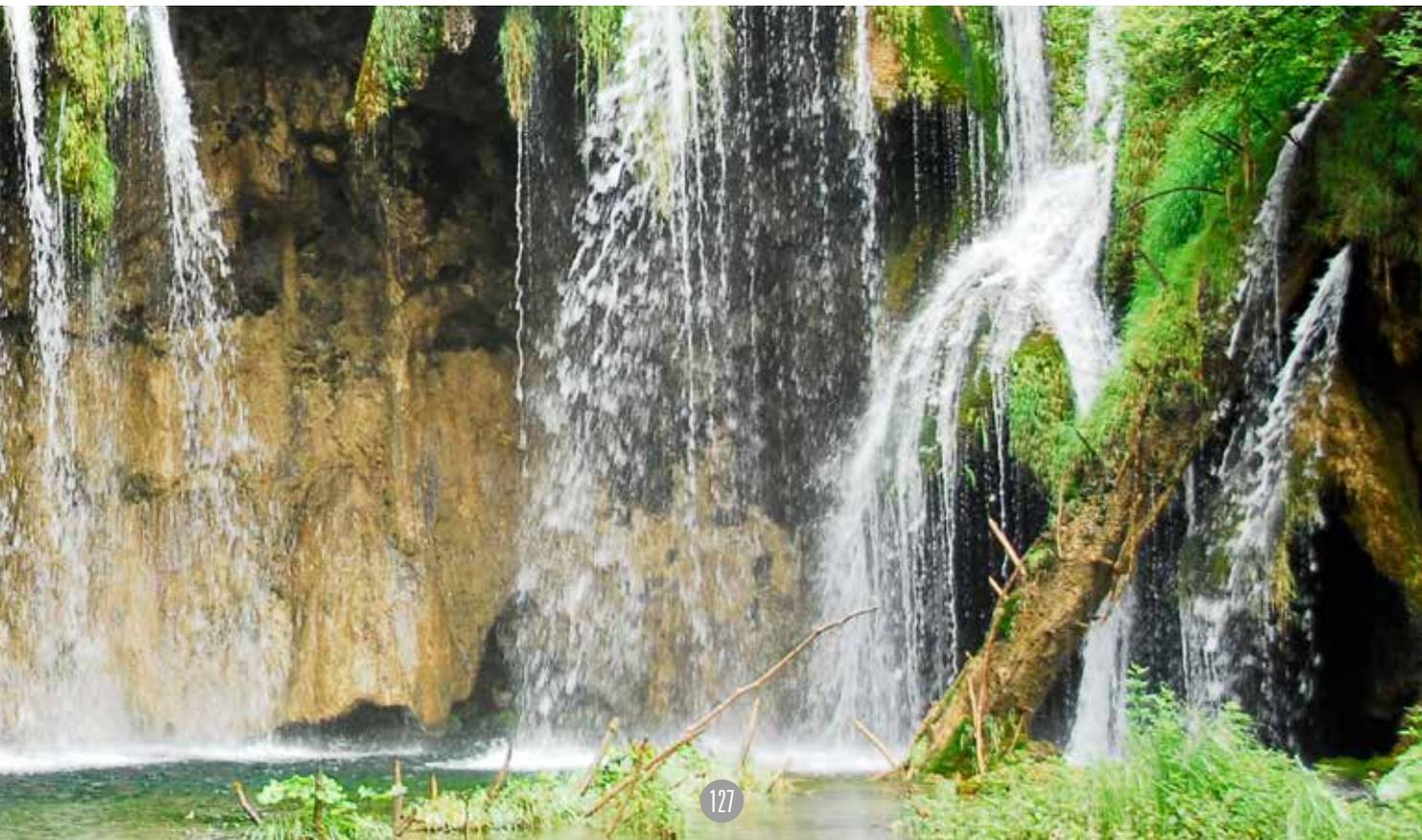
2.1. Divide e classifica as orações deste período.

2.2. Analisa sintacticamente cada uma delas.

3. Substitui os adjectivos por substantivos ou vice-versa:

- pensamento
- abundante
- renovação
- convicção
- convencido
- alegre

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!



SERÁ

QUE

JÁ

SEI?

SERÁ QUE JÁ SEI?

Recorda o que aprendeste nesta unidade e assinala a opção correcta.

1. O texto informativo serve para:

- a) informar algo a alguém.
- b) descrever uma paisagem.
- c) divertir quem lê.

2. Como textos informativos, podemos considerar:

- a) a notícia, a entrevista, a crónica.
- b) a descrição e a narrativa.
- c) o conto tradicional e a lenda.

3. A entrevista:

- a) é um diálogo entre um entrevistador e um entrevistado.
- b) apresenta descrições pormenorizadas de paisagens.
- c) narra as peripécias de alguém.

4. Os momentos fundamentais de uma entrevista são:

- a) apresentação, corpo da entrevista e conclusão.
- b) o título, o Lead e o corpo da entrevista.
- c) apresentação e conclusão.

5. A notícia é um texto informativo que tem como objectivo:

- a) dar a conhecer um acontecimento actual e de interesse comum.
- b) dar a conhecer um facto ocorrido no passado.
- c) imaginar factos que possam vir a ocorrer.

6. A estrutura de uma notícia deve compreender:

- a) o título, o Lead e o corpo da notícia.
- b) o título e o corpo da notícia.
- c) o Lead e o corpo da notícia.

7. A crónica conjuga duas funções:

- a) a informativa e a expressiva.
- b) a narrativa e a lúdica.
- c) a apelativa e a descritiva.

RESULTADO

Se acertaste em 0, 1, 2 ou 3 respostas... **Precisas de estudar mais!**

Se acertaste em 4 ou 5 respostas... **Foi bom, mas é necessário rever alguns conteúdos.**

Se acertaste em 6 ou 7 respostas... **Parabéns, óptimo resultado!**

O TEXT

INJUNT

FO
TIVO

O TEXTO INJUNTIVO

Muitas vezes escrevemos para tentar **convencer**, **incentivar** ou **persuadir** os outros.

Quando se tenta convencer alguém, deve ter-se em conta o ponto de vista do interlocutor; devem também utilizar-se frases ou expressões sugestivas, razões ou factos que interessam ao leitor.

Conhecendo já, da 7ª classe, os exemplos mais usuais de texto injuntivo, podemos citar outros, como:

- os anúncios;
- os cartazes;
- as propagandas;
- os logótipos;
- os rótulos;
- as etiquetas, etc.

Deve cuidar-se para que, relativamente à propaganda e publicidade, o **texto linguístico** esteja em perfeita harmonia com o **texto icónico** (imagem). A palavra e a imagem devem estar bem combinadas para ter impacto público.

Anúncios há em que se identifica de imediato o que se publicita; para outros, é necessário recorrer à leitura da mensagem linguística; noutros, ainda, pela simples observação da imagem se descobre o serviço anunciado.

Do mesmo modo que aparecem textos de publicidade comercial, há também anúncios cuja finalidade não é vender qualquer produto, mas sim:

- mudar atitudes;
- informar;
- educar;
- prevenir.

Há quem se pronuncie a favor ou contra a publicidade devido aos seus **aspectos positivos e negativos**. Podemos citar algumas posições favoráveis, como: «informa e orienta o consumidor, é agradável, revela criatividade»; e outras desfavoráveis, como: «leva a comprar produtos inúteis, invade a nossa liberdade, engana (dá uma ideia falsa da vida)».

Ao analisar um texto publicitário, anúncio, cartaz ou propaganda, podemos orientar-nos por alguns tópicos, como:

A imagem:

- Espaço que ocupa;
- Sentimentos e/ou emoções que pretende desencadear;
- Relação com o produto anunciado;

O slogan e o texto de argumentação:

- Características do slogan e a sua relação com a imagem e o produto anunciado;

O tipo de público:

- A que se dirige o texto publicitário, anúncio ou cartaz;

O logótipo:

- Ou a junção de letras do mesmo tipo, iniciais de determinada marca, empresa ou instituição, formando uma sigla ou palavra identificadora (constituindo também uma chamada de atenção);

O rótulo:

- Que é um letreiro, uma inscrição, uma legenda ou uma tabuleta que indica a natureza, o fim ou o destino do objecto com que se relaciona;

A etiqueta:

- Isto é, uma inscrição sob a forma de legenda ou rótulo que se coloca sobre algum objecto, matéria ou elemento para indicar o conteúdo, o preço, etc.;

O catálogo:

- Ou seja, uma lista ou relação resumida e metódica (por vezes alfabética).

O texto injuntivo utiliza, geralmente, a **função apelativa** da linguagem.

INSTRUÇÕES

No nosso dia-a-dia, são muitas as actividades que exigem a nossa orientação segundo determinadas regras ou instruções: participar num jogo, cozinhar um novo prato, tomar um medicamento, preencher um impresso, pôr a funcionar um electrodoméstico, etc. É, pois, importante que saibas como se organiza este tipo de mensagens.

Geralmente, as instruções contêm duas partes distintas:

- Uma **parte informativa**, em que se descrevem ou enumeram as características de um produto, as peças que compõem um instrumento, a composição de um medicamento, os ingredientes de uma receita, etc;
- Uma **parte apelativa**, em que são dadas as ordens, os conselhos ou as regras que o destinatário tem de respeitar para manejar um instrumento, tomar um medicamento, cozinhar uma receita, jogar um jogo, etc.

Eis algumas características deste tipo de textos:

- A distinção gráfica das partes que compõem o texto é feita recorrendo a espaços em branco, títulos, letras de tipo e/ ou tamanho diferentes;
- As instruções propriamente ditas (isto é, as acções a realizar) seguem sempre uma ordem cronológica (os períodos ou parágrafos iniciam-se com as palavras ou expressões: «em seguida», «depois» ou, ainda, «por um lado», «por outro lado», «em cima», «ao lado»...);
- Dado que o objectivo deste tipo de mensagens é levar o destinatário a fazer algo, é frequente a existência de marcas gramaticais da segunda pessoa e o emprego dos verbos no modo imperativo; no entanto, poderão surgir construções impessoais do tipo «ligue-se a máquina» ou «misturar o açúcar»;
- As palavras utilizadas para descrever um aparelho, para enumerar os componentes de um medicamento ou para indicar as acções necessárias para a realização de um jogo são termos próprios de algum ramo do saber (por exemplo, posologia, disquete...) ou palavras específicas de um aspecto da realidade (por exemplo, desporto, cozinha...).



ACTIVIDADE

1. Recolhe, na imprensa escrita, exemplos de textos publicitários não comerciais. Exemplos: campanhas anti-álcool, anti-tabágicas, anti-racismo, de limpeza, de prevenção rodoviária, de prevenção de doenças e outras. Discute com a turma um aspecto da escola que gostassem de melhorar. De seguida, em grupos, construam textos publicitários sugestivos que visem conquistar outros para aderirem às vossas ideias e afixem-nos.

2. Após a divisão da turma em pequenos grupos, cada grupo escolhe um determinado produto:

- bebida;
- alimento;
- detergente;
- electrodoméstico;
- automóvel, etc.

Recolham vários anúncios (pela rádio ou televisão) do produto seleccionado produzido por diferentes marcas. Em casa, cada elemento do grupo anota os processos utilizados por uma marca para incitar o ouvinte ou o espectador à sua compra. Na aula, os grupos reúnem os elementos recolhidos, organizando, num quadro, os processos de incitamento à compra de cada produto utilizados pelas várias marcas. Cada grupo constrói um anúncio para um produto, sem revelar a sua escolha. Podem utilizar texto e sons.

3. Em grupo, discutam sobre as vantagens e as desvantagens da propaganda.

Aprenda a envelhecer

Aprenda a ficar maduro, mais concentrado e denso, sem ficar fechado e desencantado em si.

Aprenda a aumentar a qualidade do mundo interior, onde tudo vem dar, de onde parte todo o bem que faz.

5 Aprenda a envelhecer na placidez com que morrem os dias, na serenidade com que amaduram os frutos.

Aprenda, regulando o relógio da vida pelo mesmo compasso do dia-a-dia, a mais sadia cadência que existe.

10 Aprenda a envelhecer, sem pressa e sem atrasos, deixando que passem as horas, cheguem os dias, somem-se os meses e os anos.

Aprenda, sem queixas e nostalgias tolas, ao invejar os que acordam para a mocidade.

Aprenda, desistindo de ficar examinando o passado, confiando na acção do presente, tempo e hora de fazer o bem.

15 Aprenda conservando o rosto bom, camurçado de paz, dentro das riscas veneradas do cansaço.

Aprenda treinando-se para o tramonto, com seus trabalhos quietos, seus pensamentos inocentes, suas preces maduras.

20 Aprenda a envelhecer, repassando os tempos idos, revendo um livro de textos, que tanto lhe ensinou.

Aprenda, sempre contente, dando valor a cada dia, ensinando como se vive em paz, como se marcha na fé.

25 Aprenda a envelhecer, dando, até ao fim, vontade de ficar vivo, sem mostrar no rosto, na voz e nos assuntos, que nada vale, na vida.

Aprenda a envelhecer, provando que existe alguma coisa depois da terra, uma pátria que sempre foi atracção, um pai que sempre foi paz.

30 Aprenda, aprenda isto, envelhecer, que é um céu, antes do céu; um fruto maduro que tomba ricoço, fiel e bom, dentro das duas mãos de Deus, Pai que recebe filho, no doce prémio da paz.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Explica o sentido das expressões:
 - 1.1. «Aprenda a envelhecer na placidez com que morrem os dias...» (l. 5).
 - 1.2. «... a mais sadia cadência que existe...» (l. 8).

2. Rescreve as frases, substituindo as expressões sublinhadas por outras de igual significado:
 - 2.1. «... sem ficar fechado e desencantado em si.» (ll. 1 e 2).
 - 2.2. «Aprenda, sem queixas e nostalgias tolas...» (l. 11).

3. O que significa «Aprenda a aumentar a qualidade do mundo interior, onde tudo vem dar, de onde parte todo o bem que faz.» (ll. 3 e 4)?

4. O texto refere algumas formas para aprender a envelhecer.
 - 4.1. Cita três daquelas que consideras mais importantes.
 - 4.2. Qual das formas está mais de acordo com a tua maneira de ser?





FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. «Aprenda, sempre contente, dando valor a cada dia...» (l. 21).

1.1. Faz a análise morfológica da passagem transcrita.

2. Reescreve novamente as frases com os verbos entre parênteses no presente do conjuntivo.

2.1. Não (perder) a esperança. (2ª pessoa do singular).

2.2. Cada um que (saber) que existe alguma coisa depois da terra...

3. Rescreve as expressões que se seguem, conjugando os verbos sublinhados no imperativo, 2ª pessoa do singular.

3.1. Prestar atenção ao tempo que passa...

3.2. Observar o relógio da vida...

3.3. Aumentar a qualidade de vida...

3.4. Aprender a envelhecer sempre contente...

4. Acrescenta um complemento às orações:

4.1. Devemos obediência...

4.2. É preciso que sejas útil...

4.3. Tu serias capaz...

4.4. Há muita gente que sente admiração...

4.5. Devemos ter orgulho...

5. Completa as frases com *por que*, *por quê*, *porque* e *porquê*:

5.1. _____ tanta apreensão?

5.2. Professor, _____ não haverá aula amanhã?

5.3. Qual o _____ de tanto embaraço se só ela sabe disso?

5.4. _____ não vieste ontem à escola?

5.5. Não sabemos o _____ de sua família não ter estado presente.

5.6. Agora já conheço as razões _____ você mentiu.

5.7. _____ estava ela emocionada?



TEMPO DE ESCRITA

Escreve algumas frases sobre a velhice.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Horóscopo

Touro. 21/04 a 20/05

Dia. 13/09/2000

Apesar dos limites da realidade concreta, nada o impede de sonhar: o sonho é livre! Nutra-o, pinte-o com todas as cores, deixe a sua imaginação voar.

Talvez não dê para fazer algumas coisas agora, mas não perca o embalo: daqui a pouco tudo muda e você tem de estar pronto para aproveitar as oportunidades.



Aquário. 21/01 a 18/02

Dia. 13/09/2000

Olhou o seu saldo bancário e se assustou? Se isso o consola, saiba que (lamentavelmente) você não é o único nessa situação. O que não tem remédio remediado está, mas talvez você precise de se conter um pouco por uns dias. Sim, é muito aborrecido, você detesta limites, mas se a realização daquele seu grande plano está em perigo...



Ben-u-ron Comprimidos

Composição

1 comprimido contém 500 mg de paracetamol

Indicações

Estados dolorosos de qualquer natureza, em particular de origem muscular, articular, pós-traumática e pós-operatória; cefaleias, otalgias, nevralgias, etc. Combate a febre e a dor que surgem nas afecções febris, bem como queimaduras mais ou menos superficiais.

Propriedades

Dotado de importantes propriedades analgésicas e antipiréticas, o ben-u-ron, ou seja, o paracetamol, apresenta uma tolerância excepcionalmente boa, sendo perfeitamente tolerado por doentes com problemas gástricos ou estômago hipersensível.

Posologia

Lactentes: 1/4 comprimido, 1 a 3 vezes por dia.

Crianças com idade compreendida entre 1 e 6 anos: 1/2 comprimido, 1 a 3 vezes por dia.

Crianças com idade compreendida entre os 6 e os 14 anos: 1 comprimido, 1 a 3 vezes por dia.

Crianças com idade superior a 14 anos e adultos: 1 a 2 comprimidos, 2 a 3 vezes por dia.

Os comprimidos podem ser engolidos sem mastigar, com um pouco de líquido ou eventualmente desfeitos em água. Após melhoria dos sintomas agudos deve continuar-se o tratamento reduzindo a dose diária.

Nota:

A dose máxima de 6 comprimidos por dia não deve ser ultrapassada sem o conselho médico. Tal como com outros analgésicos, também com o ben-u-ron há que ter em conta a possibilidade de surgirem efeitos secundários após uma administração contínua por tempo ilimitado.

O uso prolongado deste medicamento pode provocar alterações renais. Não o utilizar mais de dez dias sem consultar o médico.

Contra-indicações

O ben-u-ron está contra-indicado em doentes com perturbações renais ou dos órgãos hematopoiéticos, salvo expressa autorização do médico.

Apresentação

Caixas com 20 comprimidos divisíveis.

bene• Arzneimittel

Fabricante: Laboratórios Azevedos, Indústria Farmacêutica, S.A.

sob licença de BENE ARZNEIMITTEL GmbH - MUNIQUE-ALEMANHA Representante: neo-farmacêutica, Lda. - Av. da República, 45, 1º - 1000 LISBOA



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Este folheto que acompanha um medicamento - *ben-u-ron* (comprimidos) - aparece organizado em várias secções com diferentes títulos.

1.1. Indica todos os títulos.

1.2. «Posologia» significa o mesmo que «dosologia». Explica, então, o significado daquela palavra.

2. Diz em que secção procurarías as seguintes informações:

- a composição química do medicamento;
- a dose adequada que deverás tomar;
- em que situações podes tomá-lo;
- em que casos não é prudente tomá-lo;
- que consequências pode ter uma administração prolongada deste medicamento;
- que efeitos produz a sua toma.

3. Com a ajuda de um dicionário e do(a) professor(a), esclarece o significado dos seguintes termos da medicina, que surgem na secção *Indicações*:

- pós-traumática
- pós-operatório
- cefaleias
- otalgias
- nevralgias
- afecções febris.

3.1. Reescreve esta secção, utilizando uma linguagem mais acessível.

Como usar a batedeira

IMPORTANTE

- Coloque sempre as varas de bater ou de amassar na batedeira antes de a ligar à corrente.
- Antes de ligar, coloque as varas de bater ou as varas de amassar sobre os ingredientes a trabalhar.
- Nunca mergulhe o corpo da batedeira em água.
- Se o cabo de alimentação estiver danificado, deverá ser substituído apenas pela Philips ou por um seu concessionário autorizado, uma vez que se torna necessária a aplicação de ferramentas e/ou peças especiais.

Descrição geral (Fig.1)

A. Comutador «On/Off» e selector de velocidade

0. Off (desligado)

1. Velocidade mais baixa

2. Velocidade média

3. Velocidade mais alta

M. Batimento (soltar para parar)

Apenas no modelo HR 1492

B. Botão de ejeção

C. Varas*

D. Varas*

E. Varas de amassar

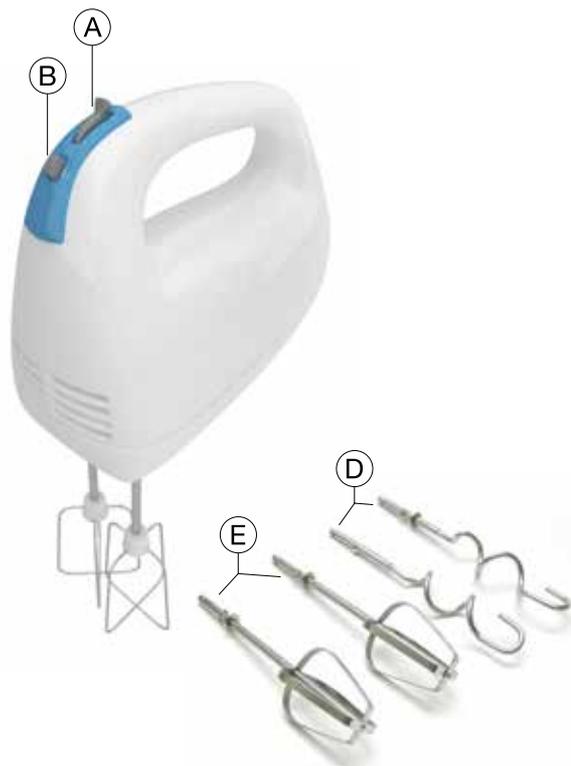
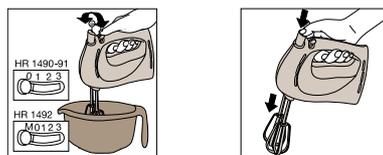
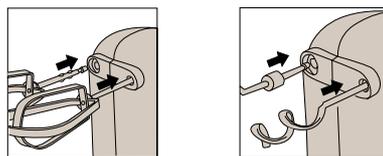


Fig.1

* As varas fornecidas dependem do modelo adquirido.

Como utilizar a batedeira

1. Coloque as varas de bater ou as varas de amassar, conforme se ilustra na Fig. 1. Poderá ser necessário rodar um pouco as varas ou as pás de amassar quando estiver a colocá-las. Nota importante: a pá de amassar com a marca colorida deverá ser introduzida na abertura maior. (Fig. 2)



2. Coloque os ingredientes numa tigela.

3. Baixe as varas ou as pás de amassar sobre os ingredientes.

4. Ligue a batedeira. (Fig. 3)

5. Quando acabar, prima o botão de ejeção (B) para soltar as varas ou as pás de amassar. (Fig. 4)

Que velocidade? Que acessório?

- Utilize as pás de amassar para bater (levedar) massa de pão e carne picada. Seleccione a velocidade 2 ou 3 quando utilizar as pás de amassar.
- Utilize as varas de bater para misturar massas leves (para panquecas, bolachas, biscoitos, bolinhos, bolos, fofos, etc.), para bater cremes, coberturas, pudins instantâneos, claras de ovos ou ovos inteiros, maionese, molhos e sopas, puré de batata e para bater em castelo. Comece por seleccionar a velocidade 1 e depois, se for possível, mude para a velocidade 2 ou 3 para evitar salpicos. Para bater cremes fofos (especialmente claras), utilize a velocidade 3.
- Modelo HR 1492: Utilize a posição «Pulse» — batimento (M) para trabalhos mais breves que requeiram uma maior precisão (p. ex. quando as claras em castelo já estiverem quase prontas).

Limpeza

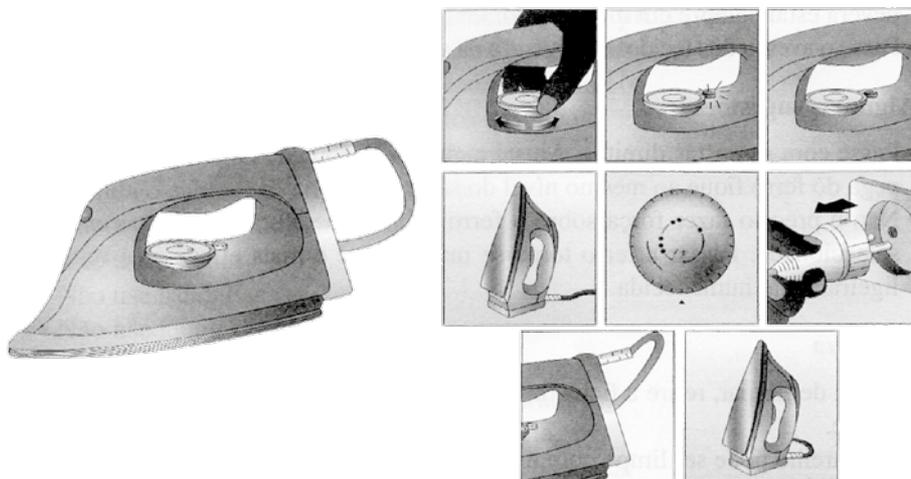
- Lave as varas e as pás de amassar em água quente com detergente. Também poderá lavá-las na máquina.
- Retire a ficha da tomada de corrente. O corpo da batedeira poderá ser limpo com um pano húmido.
- Nunca mergulhe o corpo da batedeira em água.

Como usar o ferro de engomar

IMPORTANTE

Leia estas instruções de utilização e consulte as ilustrações antes de usar o aparelho.

- Antes de se servir do aparelho pela primeira vez, verifique se a voltagem indicada na placa corresponde à corrente eléctrica da sua casa.
- Nunca se sirva do aparelho se ele apresentar qualquer dano.
- Tome as precauções necessárias para evitar que as crianças toquem no ferro enquanto quente e puxem o fio indevidamente.
- O cabo de alimentação não deverá estar em contacto com a base quente do ferro.
- Nunca mergulhe o ferro em água.
- Coloque sempre o ferro sobre uma superfície plana e firme quando descansa ou termina o trabalho. Se se ausentar, ainda que por pouco tempo, desligue o ferro da corrente.
- Conserve a base do ferro sempre lisa: evite contacto com objectos metálicos.
- Algumas peças do ferro foram ligeiramente lubrificadas e, em consequência, o ferro poderá fumegar um pouco quando se liga pela primeira vez. Passado algum tempo, contudo, o fumo cessará.
- Nunca deixe o ferro ligado à corrente quando não estiver por perto.
- Se o cabo de alimentação se encontrar danificado, deverá ser somente substituído por um cabo especial. Dirija-se ao seu fornecedor Philips ou à organização Philips no seu país.



Temperatura

Verifique sempre primeiro se existe uma etiqueta com instruções na peça de roupa que vai engomar.

Siga sempre essas instruções:

→ Se não tiver as instruções do seu ferro à mão mas se conhecer o tipo de tecido, seleccione:

O. (temperatura baixa) para matérias sintéticas (p. ex. acetato, acrílico, viscose, poliéster) e para sedas;

OO. (temperatura moderada) para lãs;

OOO. (quente) para algodões e linho.

→ Estas instruções aplicam-se apenas a fibras; se os tecidos tiverem qualquer tipo de acabamento (brilho, pregas, relevo, etc.), ficarão melhores se forem passados a uma temperatura baixa.

→ Escolha primeiro os tecidos de acordo com a temperatura: lã para lã, algodão para algodão, etc.

→ O ferro aquece rapidamente, mas arrefece devagar. Por conseguinte, comece a passar as peças que precisem de temperaturas mais baixas, como é o caso dos tecidos sintéticos. Progrida depois para as temperaturas mais elevadas. Termine com as peças de algodão e de linho.

→ Se a peça for feita de uma mistura de fibras diferentes, seleccione sempre as temperaturas mais baixas para fibras. (Por exemplo, uma peça que consista em 60% de poliéster e 40% de algodão deverá ser passada a uma temperatura indicada para poliéster (O).

→ Se desconhecer o(s) tipo(s) de tecido(s) de que a peça é feita, experimente primeiro num sítio que não fique à vista para saber a temperatura adequada. (Comece sempre numa temperatura mais baixa e vá aumentando até obter os resultados desejados.)

→ Veludo e outros tecidos que ganham brilho muito rapidamente deverão ser passados apenas numa direcção (a favor do pêlo), fazendo uma ligeira pressão. O ferro deverá estar sempre em movimento.

→ Passe o avesso dos tecidos sintéticos e da seda para evitar que ganhem brilho.

Algumas sugestões

→ Passe com as costas direitas. Ajuste a altura da tábua de engomar de modo a que a pega do ferro fique ao mesmo nível do seu cotovelo.

→ Não é preciso fazer força sobre o ferro se a temperatura tiver sido correctamente seleccionada. Passar a ferro torna-se mais fácil e é mais eficaz se a roupa estiver ligeiramente humedecida.

Limpeza

→ Antes de limpar, retire a ficha da tomada de parede e deixe o ferro arrefecer o suficiente.

→ O aparelho pode ser limpo com um pano húmido.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Reescreve as expressões que se seguem, substituindo a palavra sublinhada por outra de igual significado:

- 1.1. «Tome as precauções necessárias.»
- 1.2. «Para evitar que as crianças puxem o fio indevidamente...»
- 1.3. «... foram ligeiramente lubrificadas...»
- 1.4. «... o ferro poderá fumegar...»

2. Em tua opinião, para que servem os prospectos ou prescrições que acompanham, geralmente, os medicamentos, aparelhos, utensílios domésticos e outros?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Identifica as marcas gramaticais predominantes neste texto e classifica-as morfologicamente (pelo menos quatro).

1.1. Faz a análise morfológica da passagem seguinte transcrita: «Passe com as costas direitas».

2. Considera a frase: «Leia estas instruções de utilização e consulte as ilustrações antes de usar o aparelho».

2.1. Identifica e classifica as suas orações.

3. Atenta na oração: «Coloque sempre o ferro sobre uma superfície plana e firme (...)».

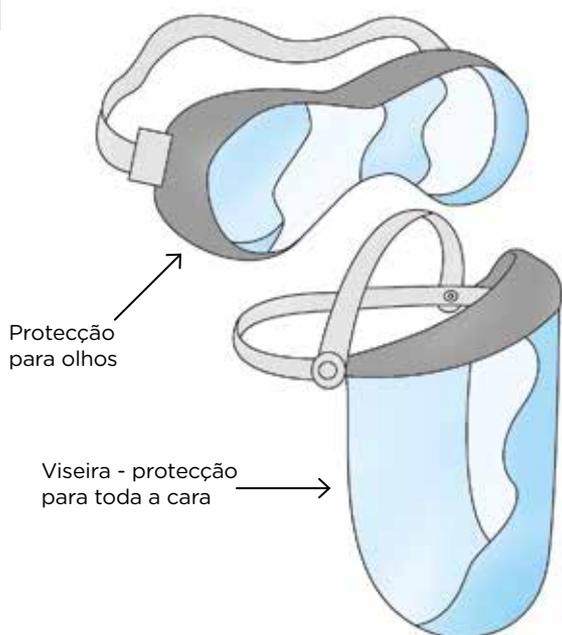
3.1. Faz a sua análise sintáctica.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Regras de segurança no laboratório de química

- Execute apenas experiências autorizadas.
- Nunca trabalhe no laboratório sozinho.
- Relate todos os acidentes imediatamente ao seu professor.
- Se trabalhar com vapores tóxicos, use uma máscara.
- Use óculos de protecção contra produtos químicos.
- Use um avental resistente a produtos químicos.
- Use luvas resistentes a produtos químicos.
- Prenda o cabelo se o tiver comprido.
- Não use roupas com manga curta.
- Não use calções.
- Não use sandálias.
- Não use lentes de contacto.
- Não coma nem beba no laboratório.
- Não mastigue pastilhas elásticas no laboratório.
- Não abandone experiências sem vigilância.
- Apague os bicos de gás quando deixar a bancada.

Protecção da vista



- Use sempre uma protecção apropriada aos olhos quando trabalhar com produtos químicos.
- Não use lentes de contacto no laboratório.
- Adapte sobre os óculos normais os óculos contra produtos químicos.

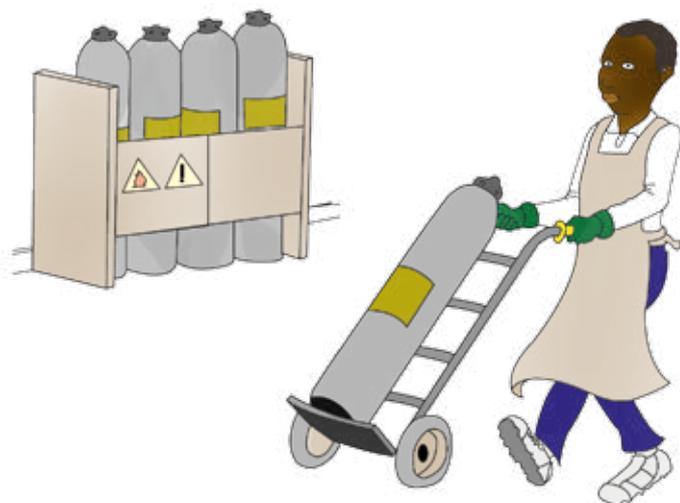
Controlo/Contentores de resíduos



Conheça as opções que tem quanto à maneira de dispor dos resíduos químicos. Conheça as regras de segurança.

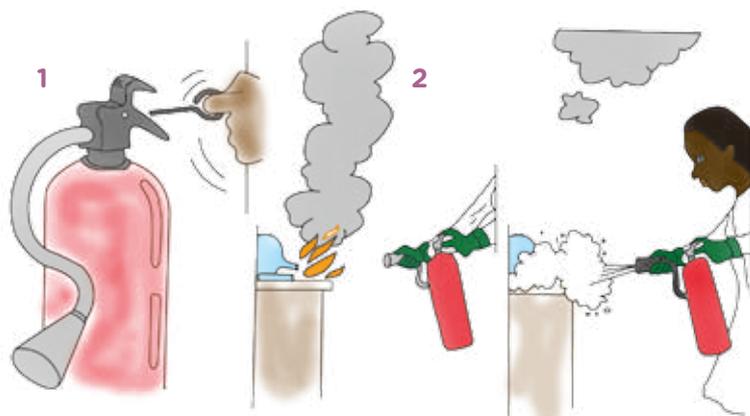
Seja cuidadoso... classifique os desperdícios do seu laboratório.

Garrafas de gás



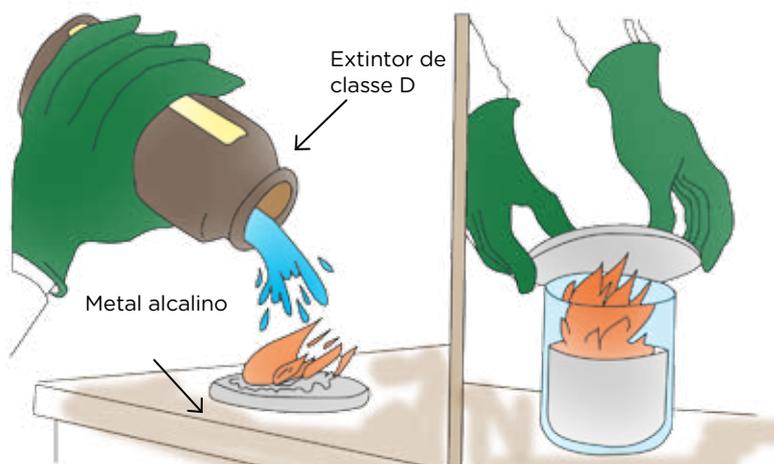
- Manje-as como potenciais explosivos.
- Não as deixe cair.
- Não as aqueça.
- Use um carrinho para transportar garrafas de gás.

Como extinguir um incêndio:



- 1º puxe a cavilha de segurança pela argola.
- 2º aponte o extintor para a base do fogo.

Aprenda a manejar um extintor antes de ele ser necessário



Podem apagar-se pequenos incêndios

Teorema

Toda a função com derivada finita num ponto é contínua nesse ponto.

Demonstração

Suponhamos que a função f tem derivada finita no ponto de abcissa x_0 .

Tem que se:

$$f(x) - f(x_0) = \frac{f(x) - f(x_0)}{x - x_0} (x - x_0), \quad x \neq x_0$$

Aplicando limites, vem:

$$\lim_{x \rightarrow x_0} [f(x) - f(x_0)] = \lim_{x \rightarrow x_0} \frac{f(x) - f(x_0)}{x - x_0} \lim_{x \rightarrow x_0} (x - x_0) = f'(x_0) \times 0$$

Como $f(x_0)$ é finita, tem-se:

$$\lim_{x \rightarrow x_0} [f(x) - f(x_0)] = 0$$

Ou

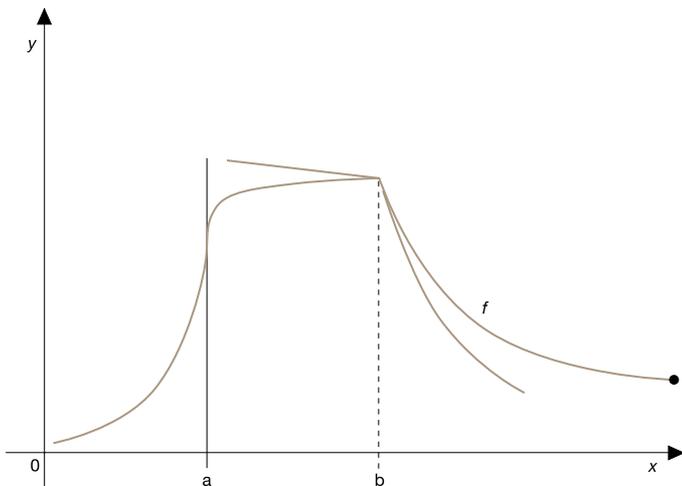
$$\lim_{x \rightarrow x_0} f(x) = f(x_0)$$

O que prova que f é contínua no ponto de abcissa x_0 .

Note que o recíproco deste teorema não é verdadeiro. Há funções contínuas num ponto que não têm derivada finita nesse ponto. f é contínua e não tem derivada finita em a (a tangente à curva em $x = a$ é uma recta vertical) nem em b (onde as semitangentes não estão no prolongamento uma da outra).

Nota:

De acordo com o programa, a demonstração é facultativa.



A preocupação de João Lumbo

João Lumbo vive no Moxico. Maria Rosa, também. Um dia, esta viajou para Luanda acompanhada de seus tios.

Ainda no Moxico, Maria Rosa e João, seu colega de escola, tinham já decidido viajar juntos, indo cada um tentar a sua sorte na capital do país.

João não conhecia Luanda porque nunca tinha lá estado. Ficaria em casa de uns tios que moravam num dos prédios situados no largo do Kinaxixi. Após a sua chegada ao aeroporto a 4 de Fevereiro num avião da TAAG - Linhas Aéreas de Angola, João telefona para a sua amiga; esta indica-lhe o roteiro que ele devia seguir, do aeroporto até ao Largo do Kinaxixi, onde o aguardaria.

Vejamos o roteiro que Rosa indicou a João Lumbo:

Apanhar um táxi no parque de estacionamento e indicar ao motorista a rota a seguir: Largo Sagrada Esperança, Avenida Revolução de Outubro, Rua Ho Chi Min, passando pelo Largo das Heroínas. Ao chegar ao Largo da Independência, continuar com a Rua Ho Chi Min, atravessar o entroncamento entre a Avenida Hoji Ya Henda e a rua Rei Katiavala. Ao chegar à Avenida Comandante Valódia, virar à esquerda; esta avenida vai dar directamente ao Largo do Kinaxixi.

E lá estava Maria Rosa, na primeira das suas paragens à espera do seu grande amigo...

G. Pedro



ACTIVIDADE

Traça, no mapa da página seguinte, o itinerário que João Lumbo seguiu para chegar ao seu destino.



RECEITA

Muamba de galinha (Dendém)

Ingredientes:

- 1 galinha
- 1 kg de dendém
- 2 tomates
- 1 cebola (média)
- 2 dentes de alho
- sal q. b.
- louro q. b.

Modo de fazer

Tempere a galinha de véspera com o sal, os dentes de alho e o louro, depois de ser cortada aos pedaços. Num tacho, refogue a galinha com o tomate e a cebola, no líquido resultante do tempero. Se a galinha for rija, deixe cozer o suficiente.

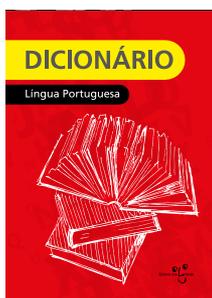
Coza o dendém, depois de bem lavado e de lhe serem cortadas as pontas. Escorra a água e pise-o até a polpa se desligar da semente. Num recipiente com água quente, misture tudo o que pisou, mexendo com uma colher de pau. Coe em seguida, procurando obter quantidade suficiente de muamba; leve-a a cozer num tacho, temperada com sal, até ficar consistente.

Despeje a muamba no tacho onde se encontra a galinha refogada e deixe cozer o suficiente, mexendo tudo com a colher de pau. Deixe apurar a seu gosto.

Bom apetite!

Catálogo

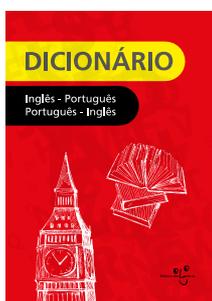
Dicionário Editora das Letras da Língua Portuguesa



Editora: Editora das Letras
Nº de Páginas: 832
Encadernação: Capa dura
Dimensões: 130 x 170 (mm)

- Mais de 55.000 definições.
- Mais de 1.500 africanismos dos quais 400 angolanos.
- Cerca de 3.000 exemplares e frases idiomáticas.
- Clara distinção dos sentidos das palavras pela indicação de áreas e contextos de uso.
- Obra de consulta simples e de fácil utilização.
- Auxiliar indispensável para o domínio do vocabulário do Português actual.

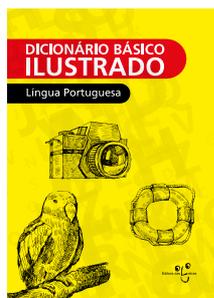
Dicionário escolar Português-Inglês/Inglês-Português



Editora: Editora das Letras
Nº de Páginas: 832
Encadernação: Capa mole
Dimensões: 95 x 150 (mm)

- Obra indispensável para o estudo da Língua Portuguesa.
- Mais de 42.000 entradas.
- Diferenciação clara das várias acepções.
- Registo da várias áreas temáticas (informática, economia, medicina, etc.).
- Explicação de frases idiomáticas e de vocábulos em contexto.
- Fácil de transportar e de consultar.

Dicionário básico ilustrado da Língua Portuguesa



Editora: Editora das Letras

Nº de Páginas: 416

Encadernação: Capa dura

Dimensões: 14,5 x 22 (cm)

Elaborado com uma preocupação didáctica muito específica, este dicionário é uma ferramenta de aprendizagem rigorosa e divertida.

- Recomendado para os alunos dos 1º e 2º ciclos do Ensino Secundário.
- Mais de 300 ilustrações para compreender melhor as definições.
- Cerca de 12.000 entradas.
- Comentários e notas explicativas que demonstram o uso correcto da Língua Portuguesa.
- Inclui uma gramática e um anexo de verbos.
- Disponível em dois formatos: grande e pequeno.

Dicionário ilustrado da Língua Portuguesa



Editora: Editora das Letras

Nº de Páginas: 918

Encadernação: Capa dura

Dimensões: 20,5 x 27,5 (cm)

O Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa representa um marco na edição de Dicionários em Portugal. Ao registo rigoroso e coerente do vocabulário fundamental do Português aliou-se uma cuidada selecção de imagens, quadros e esquemas explicativos, que ilustram conceitos e fornecem informações adicionais. Um dicionário para ser consultado por toda a família, onde a palavra ganha forma de imagem.

- Mais de 210.000 definições, frases-exemplos e entradas.
- Cerca de 300 quadros e esquemas explicativos.
- Mais de 2.500 ilustrações.



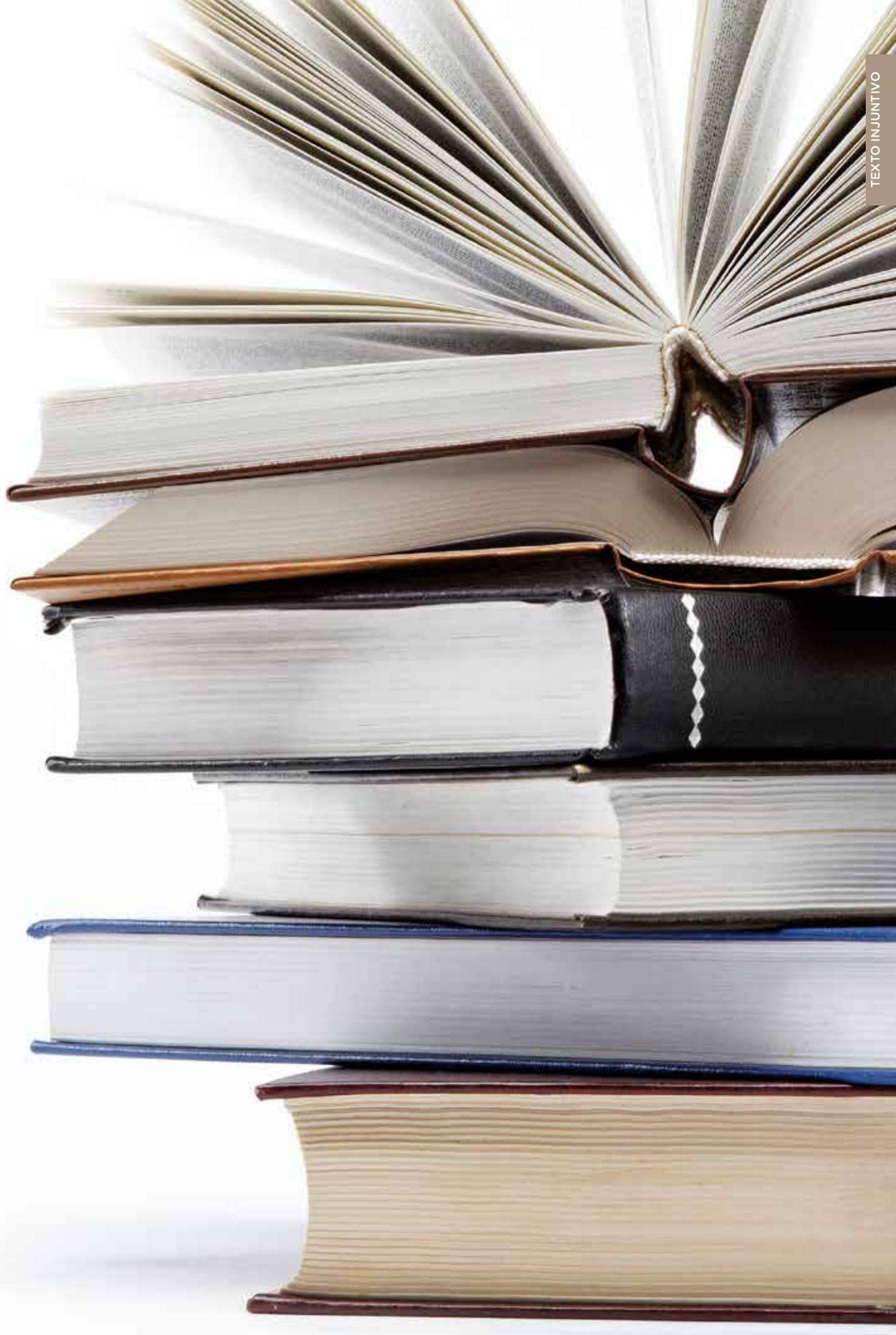
COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Que obra procurarías se precisasses de imagens para ilustrar um trabalho de Ciências Naturais?
2. Qual o público a que se destina a Colecção Júnior Ilustrado?
 - 2.1. Que livros integram esta colecção?
3. Indica as características físicas das seguintes obras:
 - Dicionário Universal Escolar;
 - Atlas Escolar Júnior.



ACTIVIDADE

1. Como defines a propaganda?
2. A propaganda chega até nós de várias maneiras.
 - 2.1. Indica-as.
3. Parece-te que toda a propaganda tem valor?
4. Somente uma boa propaganda consegue os seus objectivos.
 - 4.1. Porquê?
5. O que é um logótipo?
6. Se tivesses de fazer propaganda, que meio de comunicação escolherias? Porquê?
7. Geralmente, na propaganda e nos anúncios publicitários, crianças ou adultos apresentam o produto.
 - 7.1. Na tua opinião, que características deve ter a pessoa que apresenta o produto?
8. Escolhe um produto interessante e escreve um texto de propaganda ou anúncio publicitário. Não te esqueças de criar também um slogan.



SERÁ

QUE

JÁ

SEI?

SERÁ QUE JÁ SEI?

Recorda o que aprendeste nesta unidade e assinala a opção correcta.

1. O texto injuntivo/apelativo procura:

- a) divertir o receptor.
- b) que o receptor execute uma tarefa ou desenvolva determinado comportamento.
- c) relatar experiências sociais.

2. Exemplos de textos injuntivos são:

- a) a publicidade, a receita de cozinha, o itinerário.
- b) a notícia, a entrevista e a carta.
- c) a lenda, o conto tradicional e a fábula.

3. O texto publicitário tem por objectivo:

- a) promover a venda de produtos ou serviços e divulgar ideias.
- b) apresentar ao público imagens sugestivas.
- c) divertir o público com frases originais.

4. A sigla AIDMA sintetiza os seguintes aspectos:

- a) amor, interesse, distração, memorização, acção.
- b) atenção, interesse, desejo, memorização, acção.
- c) atenção, inteligência, desejo, memorização, acção.

5. Num texto injuntivo/apelativo predomina:

- a) a função informativa.
- b) a função apelativa.
- c) a função exclamativa.

6. As instruções visam:

- a) orientar-nos na realização de determinada tarefa.
- b) narrar o modo como se realiza determinada acção.
- c) divertir o receptor.

7. A posologia é um texto apelativo/injuntivo que costuma acompanhar:

- a) os medicamentos.
- b) os produtos alimentares.
- c) uma ferramenta eléctrica.

RESULTADO

Se acertaste em 0, 1, 2 ou 3 respostas... **Precisas de estudar mais!**

Se acertaste em 4 ou 5 respostas... **Foi bom, mas é necessário rever alguns conteúdos.**

Se acertaste em 6 ou 7 respostas... **Parabéns, óptimo resultado!**

O TEXT

EXPLIC

FO ATIVO

O TEXTO EXPLICATIVO

O texto explicativo tem como objectivo expor, esclarecer, explanar com clareza e evidenciar factos, assuntos, temas de várias ciências ou, eventualmente, instruções.

O texto explicativo é uma **exposição didáctica** que procura explicitar um conhecimento, através da descrição dos seus mecanismos ou processos ou ainda interpretando um facto ou um conhecimento. Aproxima-se do texto informativo, mas tem uma função de ensinamento, pretendendo fazer compreender um certo número de ideias.

Esta tipologia textual procura explicar as razões de uma determinada obra ou da estética desenvolvida por um autor; fazem também parte desta tipologia histórias onde surja um problema por resolver, a forma de o resolver e a conclusão final.

Como **suporte linguístico**, este tipo de texto utiliza:

- proposições causais;
- frases conclusivas;
- uma organização lógica das ideias.

A **estrutura explicativa** desenvolve-se, geralmente, em três fases:

- uma fase de questionação;
- uma fase de resolução;
- uma fase conclusiva.

Corresponde frequentemente, assim, a uma estrutura elementar do tipo:

Porquê (ou **como**)? + **porque...** (ou se fizermos isto) + **avaliação**.

O domínio humano da Natureza

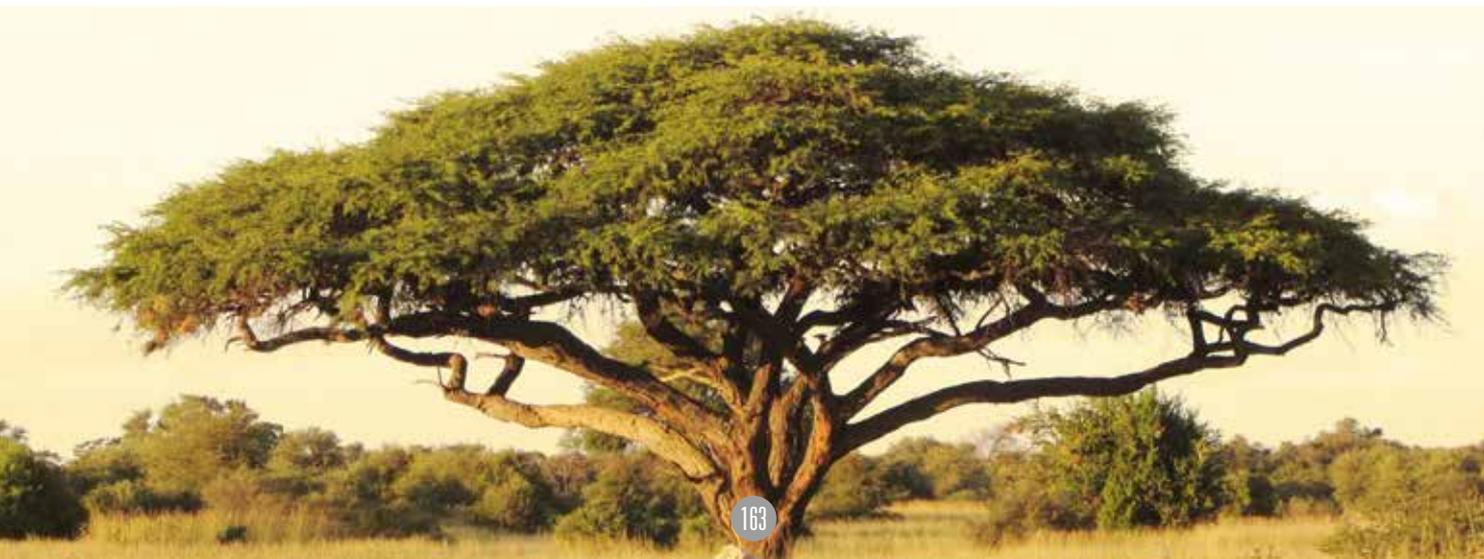
«O homem é o único animal que reúne tanto o poder de preservar como o de destruir a natureza.»

O ser humano, através do uso desenvolvido do cérebro, sempre procurou ampliar a capacidade de sobrevivência do seu corpo. Vários instrumentos técnicos foram criados e aumentaram consideravelmente as nossas possibilidades de adaptação biológica. Por meio deles, o homem foi modificando e dominando o meio ambiente, adaptando-o às suas necessidades.

Assim, a espécie humana, através do seu génio e do seu trabalho, foi criando para si um mundo diferente do já existente na natureza; um mundo à parte dos demais seres vivos. Esse mundo, ou seja, a parte da Terra onde vive o homem chama-se «antroposfera».

Nos dias de hoje, o domínio que o homem exerce sobre a natureza é motivo de orgulho, mas é também fonte de profundas preocupações. Isto porque o ser humano tornou-se o único animal na Terra que, por dominar a natureza, possui também o poder de destruí-la, de extinguir a vida no Planeta e, com isso, destruir-se a si próprio.

O domínio que o homem exerce sobre o meio ambiente levou-o a crer numa grande ilusão: **«Esqueceu-se de que também é filho da Terra e acreditou não estar mais sujeito às leis universais que governam a Natureza»**. Esse esquecimento ajuda a explicar o desrespeito do homem para com o ambiente natural. Desrespeito representado pelas várias formas de poluição ambiental que já se fazem sentir em diversas partes do Planeta.



O homem passou a alterar o ambiente pensando apenas nos lucros imediatos, esquecendo-se de que, no mundo natural, «tudo» o que existe está relacionado com o «todo». Os seres vivos, incluindo o homem, formam uma teia extraordinariamente complexa e interligada. Por isso, temos de ser extremamente cuidadosos nas nossas intervenções no ambiente, para não quebrarmos o equilíbrio natural da «teia da vida». «Qualquer que seja o ponto que tocamos, provocamos múltiplos e amplos efeitos, a maioria dos quais somos incapazes de predizer. Nunca podemos fazer apenas uma coisa, e o dano causado por efeitos imprevistos de nossas pancadas na teia da vida pode superar de muito as vantagens obtidas com os efeitos desejados.»

In *Ecologia e Preservação da Natureza*, 1973



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. O que leva o homem a preocupar-se apenas com a sobrevivência do seu corpo?
2. Existe algo no homem que o leva a destruir a Terra onde vive e a destruir-se a si próprio.
 - 2.1. Diz de que se trata.
3. O que é a «antroposfera»?
4. Mas o homem, por causa do seu orgulho, esqueceu-se de algo.
 - 4.1. Transcreve do texto uma passagem que o refira de forma clara.
5. Um juízo errado do homem tem levado a Natureza a seguir outros caminhos.
 - 5.1. Indica de que caminhos se trata.
 - 5.2. E que mais o homem fez em clara manifestação de desrespeito para com a mãe Natureza?
6. Por que razão deve o homem viver ligado aos restantes seres da Natureza?



FUNCCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Atenta nas seguintes frases:

- a) «Vários instrumentos técnicos foram criados...» (l. 5).
- b) «Esqueceu-se de que também...» (l. 21).

1.1. Em que diferem as formas verbais «foram criados» e «esqueceu-se»?

1.2. Conjuga-as no futuro do conjuntivo (plural).

2. Considera a frase: «O homem é o único animal que reúne tanto o poder de preservar como o de destruir a natureza.» (ll. 1 e 2).

2.1. Reescreve-a, passando-a para o plural e conjugando a forma verbal «reúne» no pretérito perfeito composto do indicativo.

2.2. Na mesma frase, como classificas o predicado da 1ª oração? Justifica.

3. Constrói quatro frases, utilizando em duas delas a conjugação perifrástica e nas outras duas a conjugação pronominal.

4. Atenta no seguinte período do texto:

«Os seres vivos, incluindo o homem, formam uma teia extraordinariamente complexa e interligada.» (ll. 29 - 31).

4.1. Qual a função sintáctica da expressão «incluindo o homem»?

4.2. Reescreve a frase, utilizando a voz passiva.

4.1.1. Considerando a frase na voz passiva, que função sintáctica passaram a ter as expressões sublinhadas na frase?

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!



O crescimento da população mundial

Actualmente, o nosso planeta suporta 5700 milhões de pessoas, correspondendo 1300 milhões a países de **regiões mais desenvolvidas**, ou seja, América do Norte (Canadá e Estados Unidos), Japão, Europa, Austrália, Nova Zelândia e a ex-União Soviética, enquanto 4300 milhões vivem nas **regiões menos desenvolvidas**: África, Ásia e América Latina.

A população mundial cresceu sete vezes mais desde 1750, triplicou desde 1900, altura em que se calculava em 2516 milhões de habitantes.

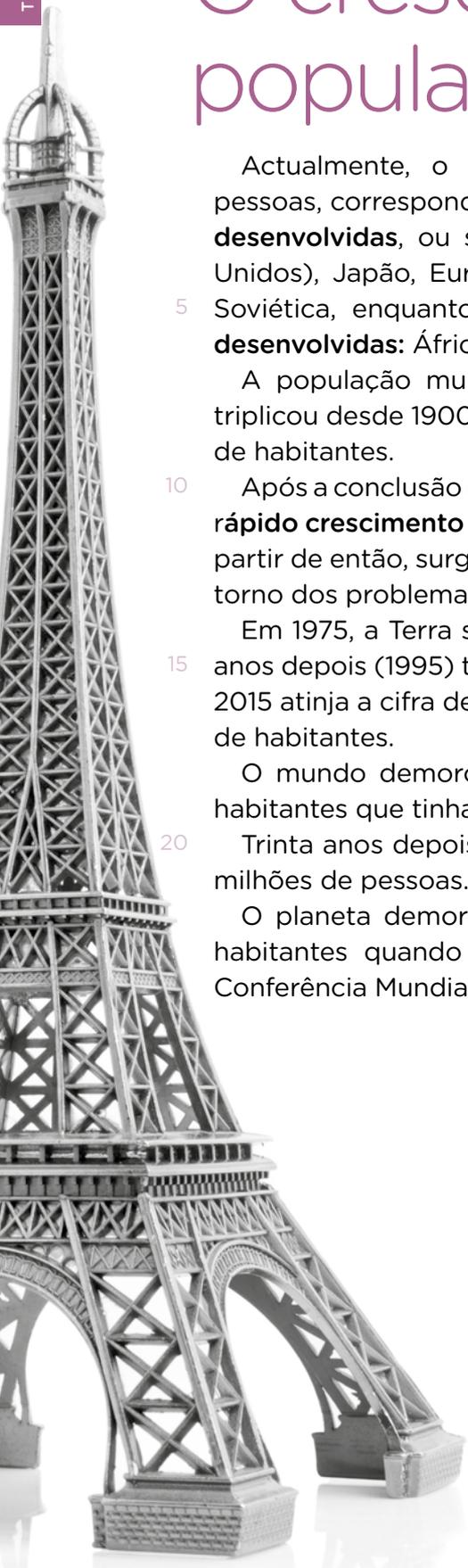
Após a conclusão da II Guerra Mundial, em 1945, produziu-se um **rápido crescimento populacional**, sem precedentes na história. A partir de então, surgiram sérias preocupações e controvérsias em torno dos problemas populacionais.

Em 1975, a Terra suportava 4078 milhões de habitantes. Vinte anos depois (1995) tinha 5700 milhões, estimando-se que no ano 2015 atinja a cifra de 7609 milhões, e no ano 2025, 8504 milhões de habitantes.

O mundo demorou 123 anos a passar dos 1000 milhões de habitantes que tinha em 1804 para os 2000 milhões em 1927.

Trinta anos depois, quer dizer, em 1960, já contava com 3000 milhões de pessoas.

O planeta demorou 14 anos a chegar aos 4000 milhões de habitantes quando se realizou em Bucareste, na Roménia, a Conferência Mundial de População, em 1974.



25 Treze anos depois, em 1987, o planeta contava com 5000 milhões, estimando-se que em 1998 atinja a cifra de 6000 milhões.

Mais de 90% do crescimento demográfico produzir-se-á nas regiões menos desenvolvidas: África, Ásia e América Latina. Mais de metade desse crescimento verificar-se-á no Sul da Ásia e em

30 África, onde se situam muitos dos países mais pobres do mundo.

O crescimento da população processa-se a diferentes ritmos:

- **Muito lento** - até meados do século XVIII. Em 1825 (séc. XIX) atingem-se os 1000 milhões de habitantes.

35 • **Rápido** - até meados do século XX. Em 105 anos a população duplicava para 2000 milhões de habitantes, em 1990.

- **Muito rápido** - a partir de 1950. Em menos de 40 anos duplica novamente a população, passando de 2500 milhões de pessoas, em 1950, para 5000 milhões, em 1987.

40 O desigual crescimento da população mundial é resultante de dois factores: a **natalidade** e a **mortalidade**, que não são iguais em todas as regiões e que, para além disso, se têm modificado ao longo do tempo.

A diminuição da natalidade nas regiões mais desenvolvidas responde à diminuição da fertilidade e à condição da mulher

45 nessa sociedade.

O nível de instrução da mulher tem reflexos **demográficos** (casamento tardio), **sociais** (emprego e localização preferencialmente nas zonas urbanas) e **psicológicos** (abertura à utilização de contraceptivos) e, por isso, contribui para baixar

50 a natalidade.

Se o êxito do problema reside no nível de instrução da mulher, é na educação que os governos dos países fecundos têm de investir.

Geografia, 8ª classe MEC, Luanda



Aditivos alimentares

- O que são e para que servem

Todos nós sabemos que o ideal seria comer os alimentos vindos directamente do produtor, isto é, cultivar para comer. Este era o lema dos nossos antepassados.

5 Contudo, o ritmo da vida moderna não permite esse luxo, quer pela grande expansão industrial quer pela diminuição da autoprodução.

Os caminhos que os alimentos têm de seguir, desde o produtor ao consumidor, são hoje cada vez mais longos e mais dispendiosos, pelo que têm de ser:

- embalados;
- 10 • aquecidos;
- arrefecidos;
- transportados;
- armazenados.

Para facilitar a sua conservação, preparação e garantir o seu bom aspecto, 15 utilizam-se substâncias químicas – os aditivos suplementares. Estes são produtos químicos que, como tal, poderão provocar problemas de saúde nos indivíduos que os ingerem. Tal facto levou a que fosse criado um regulamento de condições da sua utilização.

Assim, existe uma listagem de aditivos autorizados. As substâncias 20 presentes nesta lista foram cuidadosamente controladas e não apresentam riscos para a saúde, desde que sejam respeitados os teores autorizados. Nela surge o nome químico do aditivo, ao qual se segue um código de três algarismos precedidos pela letra E (Lecitina E 322).

Nesta regulamentação, é também exigido que no rótulo estejam todos 25 os constituintes do alimento, que deverão ser enumerados por ordem decrescente da sua proporção de incorporação.

Tomemos como exemplo uma bebida de fruta e veja-se a sua composição a partir do rótulo:

- água;
- 30 • açúcar;
- extractos naturais de frutos;
- acidificante E 330;
- antioxidante E 300.

Daqui se pode concluir que o seu constituinte principal é a água, à qual se 35 segue o açúcar e depois os extractos de frutos. No final surgem os aditivos.

Só com um rótulo deste tipo é que o consumidor sabe o que consome e, assim, pode fazer uma escolha consciente acerca dos alimentos que pretende adquirir.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Explica o sentido das expressões:
 - 1.1. «Este era o lema...» (l. 2).
 - 1.2. «desde o produtor ao consumidor...» (ll. 6 e 7).
 - 1.3. «o seu constituinte principal...» (l. 38).

2. Procura sinónimos para as seguintes palavras:

→ dispendiosos → ingerem → rótulo → extractos



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Reescreve as expressões que se seguem, conjugando os verbos no tempo composto correspondente.
 - 1.1. «... não permite...»
 - 1.2. «... levou a que...»
 - 1.3. «... existe uma listagem...»
 - 1.4. «... nela surge o nome...»
 - 1.5. «... tomemos como exemplo...»

2. Divide e classifica as orações do 3º parágrafo do texto.

3. Assinala e classifica a conjunção e a locução conjuncional do 2º parágrafo do texto.

4. Considera a frase: «Os caminhos que os alimentos têm que seguir, desde o produtor ao consumidor, são, hoje, cada vez mais longos e mais dispendiosos...» (ll. 6 e 7).
 - 4.1. Indica a função sintáctica da expressão sublinhada.
 - 4.2. Indica o sujeito com que concorda essa expressão.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

5. Completa as frases, fazendo a concordância do adjectivo entre parênteses com o sujeito composto:

- 5.1. O guitarrista e o baterista, _____, (*animado*) agradeceram à multidão.
- 5.2. As _____ (*novo*) bicicletas e motorizadas fazem parte da exposição.
- 5.3. Os jornais e as revistas _____ (*espalhado*) no sofá pertencem ao meu irmão.
- 5.4. O turista e a cantora _____ (*apaixonado*) casaram-se após o espectáculo.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!



TEMPO DE ESCRITA

Seguindo todos os passos necessários, escreve a composição e respectivos ingredientes de uma bebida feita a partir de um dos frutos mais apreciados na região onde vives.

Não te esqueças de indicar a forma como deve ser bebida e em que período deve ser consumida a partir do momento em que é preparada.

Doenças de rins

Os rins são órgãos susceptíveis de uma grande diversidade de doenças e distúrbios. Apesar disso, um indivíduo pode viver com saúde só com um rim, desde que funcione bem.

5 A hipertensão arterial pode ser motivada por um mau funcionamento renal.

Podem surgir doenças congénitas, resultantes de anomalias, mas que raramente implicam mau funcionamento renal. Assim, algumas pessoas nascem com apenas um rim, outras com os dois do mesmo lado. Existem, ainda, aqueles que têm um rim
10 parcialmente duplicado.

Há doenças que podem danificar os vasos sanguíneos dos rins, o que leva à sua obstrução e, conseqüentemente, à diminuição do fluxo sanguíneo. As *diabetes mellitus* e o síndrome hemolítico¹ são exemplos dessa obstrução.

15 Podem surgir distúrbios metabólicos resultantes de uma má alimentação.

Destes destaca-se a formação de cálculos renais, que são mais comuns na meia-idade. Estes surgem devido à excessiva concentração de algumas substâncias, tais como o cálcio. Se
20 ocorrer a formação de um cálculo de ácido úrico, temos um caso de hiperurúria. Esta resulta de uma alimentação rica em proteínas animais (excesso de carne) e por falta de ingestão de líquidos.

25 Para além destas, ocorrem outras doenças que podem ser provocadas por erros alimentares.

¹Síndrome hemolítico - Síndrome que resulta da destruição dos glóbulos vermelhos.

Química e saúde

A Química é também uma ciência cujos conhecimentos são essenciais à compreensão de grande número de fenómenos biológicos.

5 Que seria da Medicina, da Biologia e até da indústria farmacêutica sem a Química?

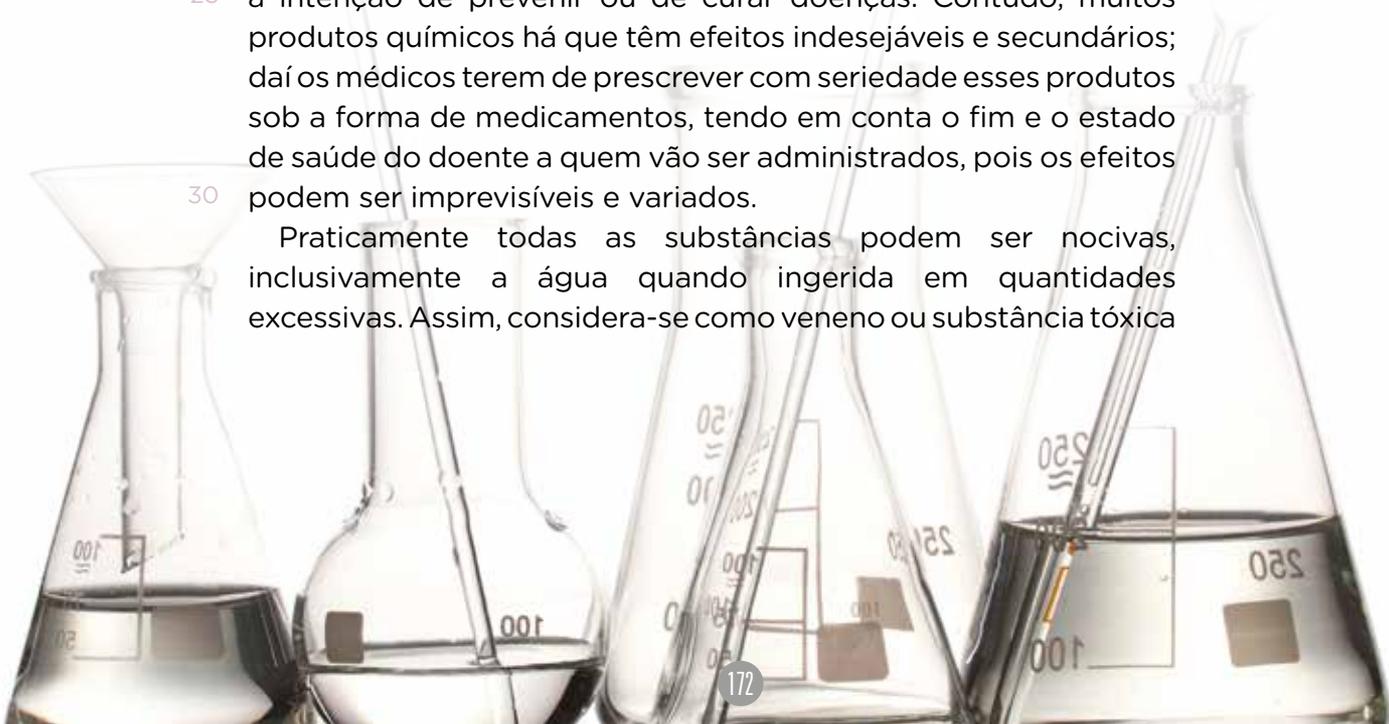
Como sabes, a Medicina é a ciência que ensina a conhecer, prevenir e curar doenças. Estas são devidas a uma grande variedade de factores, tais como parasitas, bactérias ou vírus, mau funcionamento de um ou mais órgãos alternando os
10 processos fisiológicos ou à deficiência de substâncias essenciais aos organismos.

O corpo humano é formado, como sabes, por milhares de substâncias químicas diferentes; estas sofrem transformações no interior das células, permitindo-lhes a manutenção da sua
15 estrutura organizada e actividades.

Um organismo saudável produz um grande número de substâncias químicas diferentes que controlam a acção dos vários sistemas do corpo humano. A produção excessiva ou deficiente de algumas destas substâncias pode causar doença.

20 Na indústria farmacêutica e com a ajuda da Química, preparam-se medicamentos que são indispensáveis à saúde e ao tratamento de doenças. Os medicamentos não são mais do que produtos químicos; quando os ingerimos, estamos a ingerir produtos químicos. Estes têm sido usados desde os tempos remotos, com
25 a intenção de prevenir ou de curar doenças. Contudo, muitos produtos químicos há que têm efeitos indesejáveis e secundários; daí os médicos terem de prescrever com seriedade esses produtos sob a forma de medicamentos, tendo em conta o fim e o estado de saúde do doente a quem vão ser administrados, pois os efeitos podem ser imprevisíveis e variados.
30

Praticamente todas as substâncias podem ser nocivas, inclusivamente a água quando ingerida em quantidades excessivas. Assim, considera-se como veneno ou substância tóxica



35 toda a substância que, mesmo em quantidades relativamente baixas, pode causar doença ou morte; o seu grau de toxicidade varia com o princípio e com o indivíduo.

Os grandes progressos científicos da nossa época e a moderna tecnologia utilizada pela indústria farmacêutica têm levado a Medicina a limites jamais alcançados, tanto no diagnóstico como
40 na terapêutica das doenças.

Assim:

- a descoberta das vacinas e a sua aplicação preventiva e generalizada permitiu que certas doenças, com elevados índices de mortalidade, fossem erradicadas;
- 45 → a utilização de produtos químicos como anestésicos e na esterilização de salas e de equipamentos cirúrgicos permitiu uma autêntica revolução na cirurgia;
- o uso de substâncias químicas com acção quimioprolíptica, isto é, substâncias antimicrobianas, permitiu que fosse possível actuar contra as possíveis
50 causas de doenças, sem prejudicar as células vivas normais do organismo;
- a utilização de substâncias com acção quimioterápica, no combate às células cancerígenas, tem permitido
55 minimizar os efeitos produzidos por estas doenças.

Infelizmente, há outras doenças que, apesar de todos os esforços desenvolvidos, ainda não puderam ser dominadas. Acreditamos que a constante investigação química e biológica consiga trazer mais luz a estes problemas.

60 Não é de deixar de referir também o efeito nocivo para a saúde dos produtos químicos presentes no ambiente; não só na água, como no ar e no próprio solo, encontram-se muitas substâncias químicas tóxicas para o organismo.

Muitos destes contaminantes estão na origem de uma vasta gama de doenças alérgicas, respiratórias e cancerígenas. Outras doenças há para as quais ainda não foi possível estabelecer qualquer relação causa-efeito, mas admite-se que seja o aumento das quantidades de produtos químicos no ambiente que esteja na base dessas
65 doenças.

Os lagos e os rios, que outrora proporcionavam prazer e distracção a milhões de pessoas, além de serem fontes de

75 água e de alimento necessário à vida humana, tornaram-se num flagelo para a Humanidade, pois é pouca a água que não se encontra poluída. Além dos vírus responsáveis por numerosas doenças, ela transporta muitas outras substâncias, tais como: insecticidas (como o DDT), metais pesados (como o cádmio), o zinco, o chumbo, o níquel, arsénio e mercúrio, produtos ácidos e alcalinos, etc.

80 Também, a nível da saúde, a Bioquímica, ciência muito jovem, tem dado um grande contributo. Ela estuda os constituintes químicos da matéria viva, as suas funções e transformações ocorridas no decurso dos processos vitais.

85 Na segunda metade deste século, a Bioquímica alcançou uma importância relevante, ao descobrir que as características hereditárias dos seres vivos se encontram armazenadas no núcleo das células, mais propriamente nos ácidos nucleicos.

90 Desta ciência esperam-se resultados que terão, por certo, enorme importância para a Humanidade.

Se hoje a influência da Química na vida humana é grande, no futuro, possivelmente, será ainda maior. Por isso, devemos procurar compreender a importância da Química no desenvolvimento da ciência e da Humanidade.

95 «Compreender a Química é compreender o Mundo em que vivemos.»

Ciências Naturais, 8º Ano



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. A Medicina tem sido um sucesso na nossa época. A que se deve tal sucesso?
2. Por que razão se afirma que os rios e os lagos se tornaram um flagelo para a Humanidade?
3. O que tem a ver a Química com a saúde do Homem?
4. Todas as substâncias da Natureza podem ser nocivas para o Homem, nomeadamente a água.
 - 4.1. Como se explica tal facto?

- 5.** Em que época da Humanidade a Bioquímica alcançou uma relevante importância para a sociedade?
- 6.** Apesar de todos os esforços há, contudo, doenças que ainda não puderam ser dominadas. Mas existem algumas esperanças para a «cura» dessas doenças.
- 6.1.** Justifica estas afirmações com palavras do texto.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 1.** Transcreve do texto formas verbais no infinitivo, presente, pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do indicativo.
- 1.1.** Emprega cada forma verbal numa frase criada por ti.
- 2.** Indica o processo de formação da palavra «embora».
- 2.1.** Procura no texto um exemplo de uma palavra formada pelo mesmo processo.
- 2.2.** Indica três palavras derivadas por sufixação e três derivadas por prefixação.
- 3.** Considera a expressão «estou esperando».
- 3.1.** Indica o tipo de conjugação nela presente e refere o seu significado.
- 3.2.** Escreve, de novo, o verbo «esperar» conjugado na forma perifrástica, indicando:
- início da acção;
 - intenção de realizar a acção;
 - obrigatoriedade da acção.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

O tabaco

Para saberes mais sobre a acção do tabaco no nosso sistema nervoso, analisa o seguinte relato:

«O tabaco é uma planta que não é utilizada correctamente. Na sua constituição entram a celulose e outras substâncias com elevado grau de toxicidade.

5 Entre elas temos a nicotina, a amónia, hidrocarbonetos, queresol e outros mais.

Todas estas substâncias se tornam mais nocivas desde o momento em que se acende um cigarro. A nicotina é uma substância que actua ao nível do sistema nervoso e hormonal, provocando um estado de necessidade e de intoxicação.»

10 O tabaco é uma das causas de diminuição da esperança de vida num indivíduo. O tabaco provoca diversas anomalias, tais como o cancro:

→ da boca;

→ da laringe;

→ do esófago;

15 → dos pulmões;

→ da bexiga.

As bronquites, as doenças cardiovasculares, as doenças dos aparelhos digestivo e urinário podem ser consequência do uso abusivo do tabaco.

20 No caso das grávidas, o fumo do tabaco afecta o bebé. Cada 20 cigarros fumados pela mãe corresponde a quatro «fumados» pelo bebé. A criança em causa vai nascer mais débil, com baixo peso e poucas resistências.

A nicotina do tabaco actua no sistema nervoso. Ela é a grande responsável pela dependência do uso do tabaco e pelo desencadear de duas reacções inversas:

→ estimula a condução do impulso nervoso;

25 → inibe a condução do impulso nervoso.

Um bom condutor deve evitar fumar enquanto conduz, pois a nicotina e o monóxido de carbono libertado na combustão diminuem os actos reflexos e a oxigenação das células cerebrais. Esta é uma boa razão para se difundir o slogan:

30 «Se conduzir, não fume;
se fumar, não conduza».

Este é baseado num outro de grande conhecimento público:

«Se conduzir, não beba;
se beber, não conduza».

35 O álcool é, tal como o tabaco, um factor de risco para o sistema nervoso.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Indica sinónimos de:
 - toxicidade
 - nocivo
 - débil
2. Quais são os principais constituintes do tabaco?
3. Qual é o efeito da nicotina sobre o nosso organismo?
4. Indica algumas das doenças que podem advir do consumo do tabaco.
5. Por que razão um condutor não deve fumar enquanto conduz?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Considera a passagem: «Para saberes mais sobre a acção do tabaco no nosso sistema nervoso, analisa o seguinte relato» (ll. 1 e 2).
 - 1.1. Classifica morfologicamente a palavra nela sublinhada.
 - 1.2. Reescreve a frase, substituindo «para» por «para que», e faz as alterações que considerares necessárias.
 - 1.2.1. Reescreve novamente a frase, conjugando as formas verbais na 1ª pessoa do plural.
2. Indica duas palavras do texto que sejam formadas a partir de «tóxico».
 - 2.1. Classifica-as quanto ao seu processo de formação.
3. Reescreve as expressões que se seguem, transformando as formas verbais em substantivos:
 - libertar o monóxido de carbono;
 - diminuir os actos reflexos;
 - oxigenar as células cerebrais;
 - conduzir um carro;
 - difundir um slogan.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Pão - Rei do sustento

Segundo os «livros-sacros», o pão tornou-se símbolo religioso há 2500 anos, mas o uso de pão como base da alimentação universal data de há 4000 anos.

5 Cada país tem o seu pão característico. O paladar varia de região para região e de indivíduo para indivíduo.

De grande valor nutricional, mas variável consoante o tipo de cereal utilizado (trigo, milho ou centeio), o pão fornece ao organismo amido, proteínas, vitaminas do complexo B, alguns minerais e complantix.

10 O amido, principal constituinte do pão, é metabolizado no aparelho digestivo, fornecendo os nutrientes energéticos necessários e não fazendo engordar.

Em Portugal, por exemplo, o consumo de pão tem aumentado e há regiões onde o seu pão tem fama universal, tais como: pão 15 de Padronelo, pão gigante de Carviçais, as padas de Ovar, a broa de Avintes, a tosta de Valongo e outros.

Consoante a sua constituição, podemos agrupar o pão em três classes:

	Tipos de pão:	Características em valor nutricional:
20	PÃO BRANCO	Digestão fácil. Absorção completa dos nutrientes. Pobre em complantix, sais minerais e vitaminas.
25	PÃO ESCURO	Rico em complantix e sais minerais. Muito saboroso. Sem sal.
	PÃO INTEGRAL	Complantix em grande abundância. Menos digestibilidade do amido e proteínas.

O pão contém proteínas de valor médio ou mesmo baixo, mas, quando associado ao leite, carne, peixe ou ovos, torna-se um 30 alimento muito equilibrado.

Ainda a propósito do pão, transcrevemos estes versos muito citados em Bragança:

Segundo as lendas, o trigo diz ao centeio:

- Eu ando nos palácios dos reis
35 Nas festas e nos jantares
Encho os celeiros dos ricos
Sou a história dos altares

Ao qual o centeio responde:

- Tu, pelas festas e pelas bodas
40 Eu sou o que apago as faltas todas.

Por fim, a cevada termina o diálogo com:

Pois eu não gabo nem desgabo
Mas quem me quer comer, engorda o rabo.

Ciências Naturais, 8ª Classe



Como redigir um relatório científico

A comunicação, em ciência, é muito importante.

Quando te solicitarem relatórios de experiências e/ou investigações que realizes ao longo do ano, deves exprimir-te de forma clara e acessível, tendo em vista que qualquer pessoa possa repetir o teu trabalho.

Os relatórios devem ser redigidos segundo determinadas normas e só quando necessário. A maior parte do trabalho que vais realizar não precisa de relatos muito elaborados.

Ao trabalhares na aula, no laboratório ou em casa, deves registar, com prontidão, todas as observações e dados que colheres. Estas notas tomadas a tempo e com rigor são a base para a elaboração do teu relatório.

Normas a seguir:

- I. Título** - Escreve-se em maiúsculas no começo da primeira página. Deve ser curto e preciso, referindo o objectivo fundamental do trabalho realizado. Por vezes pode indicar-se sob a forma de pergunta.
- II. Autor** - Por baixo do título escreve-se o nome do autor (ou autores, se o trabalho foi realizado em grupo), assim como a escola, o ano e a turma a que pertence.
- III. Resumo** - Indica de maneira clara e sucinta o conteúdo e as conclusões do trabalho efectuado.
- IV. Introdução** - Relata como surgiu o problema em estudo, assim como o objectivo do trabalho.
- V. Protocolo experimental** - Inclui a descrição do trabalho (experiência, por exemplo) que se realizou, assim como o material utilizado.
- VI. Resultados** - Apresentam-se as observações e os resultados obtidos, de preferência sob a forma de tabelas ou gráficos.
- VII. Discussão** - Analisam-se e discutem-se os resultados obtidos, tendo em vista o objectivo do trabalho.
- VIII. Conclusão** - Inclui uma apresentação dos resultados. Por vezes sugerem-se novos trabalhos para acabar de responder ao problema inicial.

SIDA

O síndrome de imunodeficiência adquirida é uma doença deste século. É provocada por um vírus que se fixa na superfície dos linfócitos, ligando-se a um receptor, acabando por destruí-los. Assim, com o evoluir da doença, as células vão sendo destruídas, provocando uma quebra do sistema imunitário (os linfócitos são grandes responsáveis pela imunidade do organismo).

5 Desta forma, o organismo deixa de reagir ao ataque dos agentes microbianos (vírus e parasitas), surgindo situações de infecções de gravidade crescente que levarão à morte do indivíduo.

10 A sida é um processo de total desorganização do sistema imunitário, surgindo uma situação de imunodeficiência resultante da destruição dos linfócitos T4 pelo antigénio - vírus HIV.

(Texto adaptado)

O vocabulário da SIDA

- **Vírus:** agente infeccioso inerente a certas doenças contagiosas.
- **Linfócito:** leucócito (célula), glóbulo branco do sangue produzido nos gânglios linfáticos.
- **Evoluir:** envolver; evolucionar.
- **Célula:** a mais pequena porção do organismo capaz de dar vida independente.
- **Organismo:** conjunto de órgãos que constituem um ser vivo; estado de um corpo organizado.
- **Infecção:** contágio; doença provocada por microrganismos patogénicos.
- **Sida:** doença grave provocada pelo vírus HIV, transmitido por via sexual e sanguínea, e caracterizada por uma destruição profunda das defesas imunitárias do organismo.
- **Imunidade:** isenção; predisposição do organismo para não ser atacado por certas afecções.
- **Síndrome/síndrome:** reunião de sinais e sintomas que ocorrem em conjunto e que caracterizam uma doença ou uma perturbação.
- **Micróbio:** organismo microscópico, animal ou vegetal.

Os recursos naturais

Constituem recursos naturais as plantas, os animais, os minerais, o ar, o solo e a água.

5 Os recursos naturais representam fontes de riqueza: os solos – que o homem cultiva; o subsolo – de onde extrai minerais; as águas dos rios – para consumo humano, irrigação e produção de energia – dos mares – exploração dos seus recursos, entre eles o peixe, para a alimentação da população; e o petróleo, importante para a indústria.

10 Os recursos naturais podem classificar-se em renováveis, não renováveis e inesgotáveis. Constituem recursos renováveis aqueles que podem ser reaproveitados, sempre que o homem os utilize adequadamente e os reponha, como por exemplo, animais – para obtenção de lã, couro, etc. A manutenção dos recursos renováveis depende, unicamente, da sementeira ou plantio e da criação de
15 animais.

São recursos não renováveis aqueles que não se regeneram num curto período de tempo ao serem utilizados, já que são necessários milhares e milhares de anos para a sua formação. Existem em quantidades finitas e o homem não pode repor as suas reservas.
20 São exemplos destes recursos o petróleo, o carvão mineral, os diamantes, o ferro, o cobre, o ouro e outros muitos minérios.

Os recursos naturais inesgotáveis renovam-se independentemente do grau de aproveitamento. No entanto, o homem pode provocar a poluição destes recursos e reduzir as suas potencialidades de
25 utilização. São exemplos destes recursos as águas e o ar.

Pela sua importância e utilidade, os recursos naturais também podem classificar-se em energéticos, hídricos e florestais.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Indica as principais fontes de riqueza do nosso planeta.
2. Como se classificam os recursos naturais?
 - 2.1. Refere exemplos de cada tipo de recursos.
3. Por que razão se considera que o petróleo, o carvão mineral e os diamantes, entre outros, são recursos naturais não renováveis?
4. Que recursos se renovam sempre, quer sejam explorados pelo Homem ou não?
 - 4.1. Em que situação a potencialidade da sua utilização pode ser reduzida?
5. Indica outra classificação possível dos recursos naturais.



SERÁ

QUE

JÁ

SEI?

SERÁ QUE JÁ SEI?

Recorda o que aprendeste nesta unidade e assinala a opção correcta.

1. O texto explicativo tem como objectivo:

- a) expor, esclarecer, explicar com clareza.
- b) expor, ridicularizar, explicar com clareza.
- c) expor, esclarecer, explicar com subjectividade.

2. O texto explicativo é:

- a) uma exposição didáctica.
- b) uma exposição cómica.
- c) uma exposição subjectiva.

3. Este tipo de texto utiliza:

- a) preposições causais, frases conclusivas.
- b) frases interrogativas.
- c) frases exclamativas.

4. A estrutura explicativa desenvolve-se em três fases:

- a) questionação, resolução, conclusão.
- b) introdução, desenvolvimento e conclusão.
- c) princípio, meio e fim.

5. Este texto está mais próximo do texto:

- a) narrativo.
- b) poético.
- c) informativo.

6. Tem como função:

- a) ensinar.
- b) divertir.
- c) narrar.

7. Num texto explicativo, faz-se uma exposição didáctica, através:

- a) da descrição dos mecanismos ou processos.
- b) narração pormenorizada de aventuras.
- c) expressão entusiasmada de sentimentos.

RESULTADO

Se acertaste em 0, 1, 2 ou 3 respostas... **Precisas de estudar mais!**

Se acertaste em 4 ou 5 respostas... **Foi bom, mas é necessário rever alguns conteúdos.**

Se acertaste em 6 ou 7 respostas... **Parabéns, ótimo resultado!**

BLOCCO

GRAMA

ATICAL

APÊNDICE

Classe dos substantivos

Os substantivos designam seres animados (homem, pássaro) ou seres inanimados (lápiz, casa), qualidades, estados e sentimentos (felicidade, vontade) e ainda acções (entrada, montagem).

Podem dividir-se em:

→ **Próprios:** os que designam seres ou objectos individualizados.
Ex. Angola, Kwanza, Faro, etc.

Na escrita, estes substantivos distinguem-se dos comuns por começarem sempre por letra maiúscula.

→ **Comuns:** os que designam seres e objectos não individualizados.
Ex. pão, gato, país, etc.

Os **substantivos comuns** podem ser:

→ **Concretos:** os que designam seres e objectos, individualizados ou não.
Ex. galo, caneta, prato, etc.

→ **Abstractos:** os que designam qualidades, estados ou sentimentos.
Ex. belo, saúde, afecto, etc.

→ **Colectivos:** os que designam, no singular, um conjunto de seres da mesma espécie.

Ex.: multidão (pessoas), cacho (uvas, bananas), gente (pessoas), enxame (abelhas), cardume (peixes), réstia (cebolas), mangal (mangueiras), arvoredor (árvores), pomar (árvores de frutos), etc.

Flexão dos substantivos

Os substantivos variam em: **género**, **número** e **grau**.

GÉNERO

Existem dois géneros gramaticais: **masculino** e **feminino**.

- Os substantivos terminados em **o** e **e** formam o feminino substituindo estas vogais por **a**:
 - **gato** | **gata**
 - **cozinheiro** | **cozinheira**
 - **infante** | **infanta**

- Os substantivos terminados em **consoante** formam o feminino acrescentando um **a**:
 - **pintor** | **pintora**
 - **juiz** | **juíza**
 - **professor** | **professora**

- Os substantivos terminados em **ão** podem formar o feminino substituindo esta terminação por **ona**, **ã**, **oa** e **ana**:
 - **comilão** | **comilona**
 - **capitão** | **capitã**
 - **leão** | **leoa**
 - **sultão** | **sultana**

- Não seguem esta regra:
 - **barão** | **baronesa**
 - **perdigão** | **perdiz**
 - **ladrão** | **ladra**

- Os substantivos terminados em **e** formam o feminino substituindo esta terminação por **esa** e **essa**:
 - **duque** | **duquesa**
 - **abade** | **abadessa**

- Os substantivos terminados em **eu** formam o feminino substituindo esta terminação por **eia** e **ia**:
 - **uropeu** | **uropeia**
 - **judeu** | **judia**

- Os substantivos terminados em **tor** e **dor** formam o feminino substituindo esta terminação por **triz**:
 - **actor** | **atriz**
 - **embaixador** | **embaixatriz**

Atenção:

- **Embaixatriz**: mulher do embaixador.
- **Embaixadora**: mulher que desempenha o cargo.

- Os substantivos terminados em **dor** formam o feminino substituindo esta terminação por **deira** ou **dora**:
 - **lavrador** | **lavradeira**
 - **vencedor** | **vencedora**

Casos especiais:

- Há casos em que o feminino é definido por uma palavra muito diferente:
 - **homem** | **mulher**
 - **galo** | **galinha**
 - **genro** | **nora**
 - **cavalo** | **égua**
 - **pai** | **mãe**
 - **cão** | **cadela**

- Outros substantivos que designam animais (epicenos) mantêm o mesmo género e a distinção é feita pela palavra **macho** ou **fêmea**:
 - **tigre macho** | **tigre fêmea**
 - **girafa macho** | **girafa fêmea**

- Há substantivos que têm uma forma comum aos dois géneros e a distinção é feita através do artigo:
 - **o doente** | **a doente**
 - **o colega** | **a colega**

NÚMERO

Os substantivos podem estar no singular ou no plural.

Regra geral, o plural forma-se acrescentando um **s** ao singular.

Casos especiais:

cão	cães	paul	pauis
irmão	irmãos	rissol	rissóis
acção	acções	túnel	túneis
lição	lições	nível	níveis

cidadão	cidadãos	projétil	projecteis
capitão	capitães	funil	funis

Plural dos substantivos compostos por justaposição:

- Se são formados por dois substantivos, por um substantivo e um adjectivo ou por dois adjectivos, ambos os elementos vão para o plural:
 - **couve-flor | couves-flores**
 - **cofre-forte | cofres-fortes**
 - **amor-perfeito | amores-perfeitos**
- Se são formados por dois elementos ligados por preposição, só o primeiro elemento vai para o plural:
 - **caminho-de-ferro | caminhos-de-ferro**
 - **pão-de-ló | pães-de-ló**
 - **bicho-de-seda | bichos-de-seda**
- Se são formados por um verbo ou palavras invariáveis e um substantivo, apenas o substantivo vai para o plural:
 - **guarda-chuva | guarda-chuvas**
 - **porta-voz | porta-vozes**
 - **vice-presidente | vice-presidentes**
 - **abaixo-assinado | abaixo-assinados**
- Note-se que alguns apresentam apenas forma de plural, mesmo quando designam a unidade:
 - **porta-chaves**
 - **quebra-nozes**

GRAU

Para além do grau normal, os substantivos podem apresentar-se no grau aumentativo (sentido exagerado, grandeza) e grau diminutivo (sentido atenuado, pequenez).

Grau Normal	Grau Aumentativo	Grau Diminutivo
rapaz	rapagão	rapazinho/rapazito
boca	bocarra	boquinha/boquita

Classe dos adjectivos

Os adjectivos são palavras que modificam os substantivos a que se referem. Concordam geralmente com os substantivos que qualificam e variam em género, número e grau.

GÉNERO

- Há adjectivos que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino – são biformes:
 - **lenço bonito | folha bonita**
- Outros só têm uma forma tanto para o masculino e como para o feminino – são uniformes:
 - **homem inteligente | mulher inteligente**
- Quando precedem os substantivos, concordam com o mais próximo:
 - **Bonitos lenços e saias enfeitam a alfaiataria.**
 - **Bonitas saias e lenços enfeitam a alfaiataria.**
- Quando se enumeram vários substantivos, o adjectivo vai para o masculino desde que na expressão haja um substantivo masculino:
 - **O feijão, a fuba, a gimboa e a fruta são bons para a saúde.**

NÚMERO

Plural dos adjectivos compostos

- Nos adjectivos compostos por **justaposição de um elemento de terminação vocálica -o e adjectivo**, apenas o segundo elemento recebe marca de género e número:
 - **língua indo-europeia | línguas indo-europeias**
 - **serviço médico-social | os serviços médico-sociais**
- Nos adjectivos compostos por **justaposição de palavra invariável e adjectivo**, só este aceita marca do género e número:
 - **homem todo-poderoso | mulheres todo-poderosas**
 - **pacto anti-social | pactos anti-sociais**

→ Os adjectivos compostos por **dois adjectivos** mantêm-se invariáveis:

→ **casaco verde-escuro | casacos verde-escuro**

→ **sofá rosa-forte | sofás rosa-forte**

Há excepção com o adjectivo surdo-mudo:

→ **o rapaz surdo-mudo | os rapazes surdos-mudos**

→ **a rapariga surda-muda | os raparigas surdas-mudas**

→ Nos adjectivos compostos por aglutinação, só o último elemento recebe as marcas de género e número:

→ **as redes rodoviárias**

Plural dos adjectivos derivados por sufixação

Nestes adjectivos, a marca do plural aparece expressa como no exemplo:

→ **jovem amavelzinho | jovens amaveizinhos**

GRAU

→ **Grau normal** - exprime apenas uma característica.

→ O Pedro é inteligente.

→ **Grau comparativo** - estabelece a comparação entre dois seres.

→ **Comparativo de superioridade:**

O Pedro é mais inteligente do que o Rui.

→ **Comparativo de igualdade:**

O Pedro é tão inteligente como o Rui.

→ **Comparativo de inferioridade:**

O Pedro é menos inteligente do que o Rui.

→ **Grau superlativo** - exprime a característica de um ser no grau mais elevado (absoluto) ou relacionando-o com outros seres (relativo).

→ **Superlativo relativo de superioridade:**

O Pedro é o mais inteligente.

→ **Superlativo relativo de inferioridade:**

O Pedro é o menos inteligente.

→ **Superlativo absoluto sintético:**

O Pedro é intelligentíssimo.

→ **Superlativo absoluto analítico:**

O Pedro é muito inteligente.

Classe dos pronomes Variantes combinatórias

Recorda os pronomes pessoais:

PRONOMES PESSOAIS			
Número	Pessoa	Sujeito	Complemento
Singular	1ª	eu	me, mim
	2ª	tu	te, ti, tigo
	3ª	ele, ela	se, si, sigo, o, a, lhe
Plural	1ª	nós	nós, nos, nosco
	2ª	vós	vós, vos, vosco
	3ª	eles, elas	se, si, sigo, os, as, lhes

1. Os pronomes pessoais forma de complemento da 3ª pessoa - **o, a, os, as** - apresentam-se, como no português antigo, com a forma **lo, la, los, las**, nos seguintes casos:

→ Depois de formas verbais terminadas em **-r, -s** ou **-z**:

Ex.: **A Mafuta traz a galinha.**

Substituindo a expressão «a galinha», fica: A Mafuta trá-la.

→ No futuro e no condicional da conjugação pronominal.

Exs.: **eu amá-lo-ei | ele amá-lo-ia**

tu amá-lo-ás | nós amá-lo-íamos

2. Os pronomes pessoais **o, a, os, as** apresentam-se com as formas de **no, na, nos, nas** depois de forma verbal terminada em som nasal.

Exs.: **As camisas, penduraram-nas eles no cabide.**

Os peixes, tiraram-nos no rio.

NOTA:

Também existem as formas contraídas:

(me + o) **mo**

(lhe + o) **lho**

Exs.: **Tu avisaste-me o Júlio. / Tu avisaste-mo.**

Eu dei-tos.

Eles preencheram-lho.

Classe dos verbos

Observa, recapitulando, os quadros sinópticos da classificação dos verbos e da flexão verbal que aprendeste no ano anterior:

Classificação dos verbos

QUANTO À FLEXÃO	Regulares	O radical mantém-se inalterável ao longo de toda a conjugação. <i>Ex.: amar, comer, partir...</i>	
	Irregulares	O radical altera-se ao longo da conjugação. <i>Ex.: fazer, poder, trazer, ir...</i>	
	Defectivos	A conjugação não apresenta todos os tempos ou pessoas, tem "defeito". <i>Ex.: abolir, demolir, falir (verbos pessoais)</i> latir, miar, chilrear (verbos impessoais) amanhecer, anoitecer, pedir (verbos impessoais)	
QUANTO À FUNÇÃO	Principais	De acção	Transitivos - não possuem um sentido completo. <i>Ex.: ler, obedecer, pedir...</i>
			Intransitivos - possuem um sentido completo. <i>Ex.: tropeçar, cair, brilhar...</i>
		Desligados ou copulativos	Necessitam de um nome ou expressão para que a sua significação fique completa. <i>Ex.: ser, estar, continuar, permanecer...</i>
	Auxiliares		Auxiliam outros verbos nos tempos compostos. <i>Ex.: ter, haver.</i>

Flexão Verbal (Modos, Tempos e Formas Nominais)

MODOS	TEMPOS	EXEMPLOS
Indicativo	Presente Pretérito Imperfeito Pretérito Perfeito Simples Pretérito Perfeito Composto Pretérito Mais-Que-Perfeito Simples Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto Futuro do Presente Simples Futuro do Presente Composto Futuro do Pretérito Simples (Condicional) Futuro do Pretérito Composto	falo falava falei tenho falado falara tinha falado falarei terei falado falaria teria falado
Conjuntivo	Presente Pretérito Imperfeito Pretérito Perfeito (Composto) Pretérito Mais-que-Perfeito (Composto) Futuro Simples Futuro Composto	(que) fale (que) falasse (que) tenha falado (que) tivesse falado (se) fala (se) tiver falado
Imperativo		fala (tu)
Infinitivo	Impessoal Simples Impessoal Composto	falar ter falado
Formas Nominais	Particípio Gerúndio Simples Gerúndio Composto	falado falando tendo falado

Particípios Regulares e Irregulares

Alguns verbos apresentam duas formas de particípio: **regular** e **irregular**.

Geralmente, a forma regular usa-se nos tempos compostos com os auxiliares **ter** e **haver**; a forma irregular usa-se com os auxiliares **ser** e **estar**.

Ex.: As crianças tinham **descalçado** as sapatilhas, mas já um adulto estava **descalço**.

O homem está satisfeito porque, tendo **enxugado** o pano, reparou que outros estavam já **enxutos**.

NOTA:

Deve dizer-se, não atendendo à regra anterior:

- O filho tinha **ganho** a semanada que os pais lhe haviam dado.
- O cliente devia ter **pago** a conta, mas não o fez.

Eis alguns verbos com forma regular e forma irregular:

VERBOS	FORMA REGULAR	FORMA IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceite
encher	enchido	cheio
fixar	fixado	fixo
gastar	gastado	gasto
matar	matado	morto
limpar	limpado	limpo
corrigir	corrigido	correcto
soltar	soltado	solto
morrer	morrido	morto

Voz Activa e Voz Passiva

A acção expressa pelo verbo pode apresentar-se na voz activa e na voz passiva.

- Na voz activa o sujeito pratica a acção.
Ex.: **O gato matou o rato.**
- Na voz passiva o sujeito recebe ou sofre a acção.
Ex.: **O Júlio foi nomeado pelo director.**

Transformação da voz activa na voz passiva

Esta transformação só pode ocorrer com verbos transitivos.

Deverás proceder do seguinte modo:

- O complemento directo da activa torna-se o sujeito da passiva;
- O sujeito da activa torna-se o complemento agente da passiva (precedido da preposição *por* ou *de*);
- O verbo da voz activa conjuga-se na voz passiva com o auxiliar *ser*, no mesmo tempo em que está o verbo original.

Observa o seguinte exemplo:

O director	nomeou	o Júlio
<i>sujeito</i>	<i>predicado</i>	<i>complemento directo</i>

O Júlio	foi	nomeado	pelo director
<i>sujeito</i>	<i>verbo ser no pret. perf. do indicativo</i>	<i>particípio passado do verbo nomear</i>	<i>complemento agente da passiva</i>

ATENÇÃO:

A voz passiva forma-se também com a partícula apassivante **-se** sem o complemento agente da passiva e a terceira pessoa do verbo em concordância com o sujeito da activa.

- Ex.: **Em Angola disputam-se vários desportos. (voz activa)**
Vários desportos são disputados em Angola. (voz passiva)

Tipos Particulares ou Formas Especiais de Conjugação

- **Conjugação pronominal simples** - é constituída por um verbo e um pronome (o, a, os, as).
Ex. eu **lavo-o**
eu **lavo-as**
- **Conjugação pronominal reflexa** - consiste na conjugação de um verbo com as formas reflexas do pronome pessoal (me, te, se, nos, vos, se).
Ex. eu **lavei-me**
ele **lava-se**
- **Conjugação pronominal recíproca** - consiste na conjugação de um verbo no plural com as formas recíprocas dos pronomes pessoais do plural (nos, vos, se).
Ex. nós **abraçamo-nos**
eles **entreolham-se**
- **Conjugação perifrástica** - consiste na expressão verbal formada por um verbo auxiliar e por um verbo principal no infinitivo ou no gerúndio.
Na perifrástica são utilizados como auxiliares os seguintes verbos: **estar, andar, começar, continuar, ir, vir, haver, ter, dever**, etc.

A conjugação perifrástica tem os seguintes **valores**:

- **Duração ou realização prolongada da acção**

Andar a + infinitivo:

Tu andas a chorar na sala.

Andar a + gerúndio:

Tu andas chorando.

Estar a + infinitivo:

Ele está a estudar.

Estar + gerúndio:

Ele está estudando.

→ **Necessidade de praticar a acção**

Ter de + infinitivo:

Tenho de fazer alimentos.

Tens de melhorar a tua nota.

→ **Intenção de praticar a acção num futuro próximo**

Haver de + infinitivo:

Hei-de concluir o meu trabalho.

Hás-de sair deste bairro.

→ **Realização gradual ou progressiva**

Ir a + infinitivo:

As crianças vão a correr à beira do mar.

Ir + gerúndio:

As crianças vão correndo à beira-mar.

Há **verbos** cujo significado só por si já têm **valor aspectual**.

Ex. começar, continuar, acabar, concluir, etc.

Classe das conjunções e locuções conjuncionais

As conjunções são palavras invariáveis que servem para ligar duas orações ou elementos de uma oração com a mesma função.

Classificam-se em conjunções ou locuções conjuncionais **coordenativas** (ligam entre si orações independentes) e conjunções ou locuções conjuncionais **subordinativas** (ligam orações que dependem uma da outra).

As **conjunções ou locuções conjuncionais coordenativas** podem ser:

COPULATIVAS	<p>e, nem, não só... mas também</p> <p>Ligam orações da mesma natureza ou palavras que na frase desempenham iguais funções.</p> <p><i>Ex.:</i> A Marta estudou a lição e a Júlia faltou às aulas.</p>
ADVERSATIVAS	<p>mas, porém, todavia, contudo, apesar disso</p> <p>Opõem duas orações, isto é, apresentam ideias contrárias.</p> <p><i>Ex.:</i> Ele chamou a tia, mas o irmão não gostou.</p>
DISJUNTIVAS	<p>ou, ou...ou, quer...quer, já...já, seja...seja</p> <p>Indicam alternativa.</p> <p><i>Ex.:</i> Executa agora a tarefa, ou não a conclui a tempo.</p>
CONCLUSIVAS	<p>logo, pois, portanto, por conseguinte...</p> <p>Indicam conclusão.</p> <p><i>Ex.:</i> Não estudou a lição, portanto teve de reprovar.</p>

As conjunções ou locuções conjuncionais subordinativas podem ser:

CONDICIONAIS	<p>se, a não ser que, a menos que, salvo se...</p> <p>Indicam uma condição necessária para a realização ou não do facto principal.</p> <p><i>Ex.:</i> Logo irei ao cinema se não chover.</p>
FINAIS	<p>para, que (= para que), a fim de que...</p> <p>Indicam uma finalidade.</p> <p><i>Ex.:</i> Ela estudou para professora.</p>
CAUSAIS	<p>porque, porquanto, visto que...</p> <p>Expressam uma causa ou motivo.</p> <p><i>Ex.:</i> Ouve-se muito barulho porque há óbito.</p>
TEMPORAIS	<p>quando, antes que, enquanto, logo que...</p> <p>Expressam uma ideia de tempo.</p> <p><i>Ex.:</i> A Júlia toma o pequeno-almoço logo que chega à escola.</p>
INTEGRANTES OU COMPLETATIVAS	<p>que, se...</p> <p>Completam o sentido da oração anterior.</p> <p><i>Ex.:</i> Disse que os alunos estudam. Perguntou se querias comer.</p>
COMPARATIVAS	<p>como, conforme, segundo, bem como...</p> <p>Estabelecem comparação entre as ideias expressas nas duas orações.</p> <p><i>Ex.:</i> Será feito conforme pediste. Aconteceu como foi definido.</p>

Relação de sentido e forma entre as palavras

Quanto à relação de sentido e de forma, as palavras podem ser:

	FONIA (SOM)	GRAFIA (ESCRITA)	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Homónimas	igual	igual	diferente	Comprei meia dúzia de ovos. A meia do Luís está rota.
Homógrafas	diferente	igual	diferente	Em Luanda já não se fabrica mujimbo. A fábrica da Vidrul fica em Malange.
Homófonas	igual	diferente	diferente	Não imaginas o que sinto por ele. O cinto que ele comprou foi roubado.
Parónimas	idêntica	idêntica	diferente	A Rosa tem a cabeça inchada . O Kombo comprou uma enxada na loja.
Sinónimas	---	---	idêntico	oferecer = dar bom = benéfico
Antónimas	---	---	contrário	engordar/emagrecer noite/dia

As palavras podem ainda organizar-se segundo:

Polissemia - palavras polissémicas são palavras que adquirem vários significados, os quais só são idênticos consoante o contexto em que se inserem.

Ex.: No Comissariado de Luanda há uma excelente **obra** de arte (pintura).
Gosto de ler a **obra** de Jofre Rocha.
O tio da Carla trabalha numa **obra** de construção.

Campo semântico - significa o conjunto de vários significados que as palavras podem assumir; isto é, a polissemia gera campos semânticos.

Denotação e conotação

Denotação - significado objectivo, real, que as palavras possuem.

Conotação - significado subjectivo e figurado das palavras consoante o contexto.

Registos de língua

Vais aprender a adequar a língua às situações de comunicação, à relação entre os interlocutores e ao assunto.

Vamos considerar os seguintes registos:

- **Linguagem corrente** - é a menos marcada do ponto de vista social.
- **Linguagem cuidada** - caracteriza-se por um vocabulário rico e uma estrutura sintáctica complexa.
- **Linguagem técnico-científica** - é a terminologia específica e rigorosa de uma ciência ou de actividades profissionais.
- **Regionalismo** - diversidade de linguagem característica de uma região, quer a nível fónico (pela diferente pronúncia de sons), quer a nível lexical (uso de palavras diferentes para o mesmo conceito).
Ex.: sertã/frigideira

A palavra **furo**, por exemplo, pode ter significados diferentes consoante o registo em que é utilizada:

- *buraco, orifício, abertura* (linguagem corrente);
- *hora livre* (gíria académica);
- *notícia importante* (gíria jornalística);
- *probabilidade de resolver um negócio* (gíria dos comerciantes);
- *pneu furado* (gíria dos automobilistas).

Elementos acessórios na oração

Complemento Directo

Designa o ser ou objecto sobre o qual recai a acção expressa pelo verbo (transitivo directo ou transitivo directo e indirecto).

Ex.: A capoeira contém **galinhas**.

Complemento Indirecto

Indica o destinatário da acção expressa pelo verbo (transitivo directo e indirecto ou transitivo indirecto).

Ex.: Eles contaram **aos pais** a verdade.

Predicativo do Sujeito

É a palavra ou expressão que serve para qualificar o sujeito e completar a significação do verbo.

Ex.: A Júlia parece **doente**.

Podem nome predicativo do sujeito os seguintes verbos: ser, estar, ficar, parecer, permanecer, continuar, etc.

Vocativo

É a palavra ou expressão que indica a pessoa, animal ou entidade por quem se chama no discurso directo.

Ex.: Calma, **minha prima**, não te assustes.

Carlos, vem cá.

O vocativo pode aparecer no início, no meio ou no fim da frase, mas sempre separado dos restantes elementos por vírgula.

Complementos Circunstanciais

Exprimem circunstâncias em que a acção é praticada.

Podem ser de:

- Modo - O Paulo entrou **calmamente**.
- Lugar - Ele vive **em Kinshasa**.
- Fim - A Zeferina estudou **para médica**.
- Causa - Não dormiu bem **por causa da dor de cabeça**.
- Tempo - **Amanhã**, irei passear contigo.
- Companhia - Foi ao futebol **com os colegas**.
- Matéria - A Marta cortou-se **com a faca**.

Agente da Passiva

É o complemento que, na voz passiva, designa o ser que pratica a acção sofrida pelo sujeito.

O agente da passiva é, em geral, regido da preposição **por** e pode ser representado por um nome:

Ex.: A lição foi lida **pelo Rogério**.

Ou por um pronome:

Ex.: A lição foi lida **por todos**.

Atributo

É um adjectivo que se junta a um substantivo para o qualificar.

Ex.: Ontem, estava um dia **chuvoso** e os alunos **desprotegidos** sentiam **grande** medo.

O atributo colocado antes ou depois de um substantivo pode ser retirado da frase, não alterando o seu sentido, embora se perca um pouco a intencionalidade do discurso.

Ex.: Ontem, com a chuva que caía, os alunos sentiam medo.

Complemento Determinativo

Determina a posse, parentesco, matéria, etc.

É desempenhado por um substantivo que se liga a outro substantivo pela preposição **de**.

Ex. A casa **do João** é bonita.

Um campo **de futebol**.

Uma mesa **de bilhar**.

Concordância do verbo com o sujeito

Sujeito simples

Regra geral, o verbo concorda com o sujeito em pessoa e número.

Ex.: **Ele tem um tio rico.**

Sujeito Composto

Se o sujeito é composto (se consta de dois ou mais elementos), a concordância em número depende da posição do sujeito e a concordância em pessoa depende da pessoa gramatical a que os diferentes elementos pertencem.

Concordância em número

→ Se o sujeito está antes do predicado, o verbo vai para o plural.

Ex.: A tia, o sobrinho e a avó **riem**.

→ Se o sujeito está depois do predicado, o verbo vai para o plural ou para o singular, se o elemento mais próximo for do singular.

Ex.: **Floriram** a rosa, o malmequer e a violeta.

Floriu a rosa, o malmequer e a violeta.

→ Quando a seguir a um sujeito composto ocorre qualquer das palavras *ninguém, tudo, nada*, o verbo permanece no singular.

Ex.: A rosa, o malmequer e o jacinto, tudo **floriu**.

→ Sujeitos desempenhados por infinitivos têm o verbo no singular.

Ex.: Amar e odiar é próprio das pessoas.

Casos particulares

→ O verbo vai para o plural se o sujeito é um número plural precedido de *cerca de, mais de e menos de*.

Ex.: Cerca de vinte alunos **constituem** a Turma D da nossa escola.

→ O verbo fica no singular com as expressões *mais de um, mais que um e metade de*.

Ex.: Mais que um carro **passou** com o semáforo vermelho.

→ Os títulos de obras que têm forma de plural são considerados como singular se o artigo fizer parte do título.

Ex.: As Aventuras de Ngunga **são** uma obra de Pepetela.

→ Se o sujeito é representado pelos pronomes *isto, isso, tudo, o que, aquilo*, e os verbos *ser* ou *parecer*, a concordância verbal faz-se com o predicativo do sujeito.

Ex.: Isto **são** makas do dia-a-dia.

Concordância do predicativo com o sujeito

- O predicativo concorda com o sujeito simples em género e número.
Ex.: Seu olhar é **doce**.
 Suas mãos são **finas**.

- O predicativo concorda com o sujeito composto:
 - a) Com substantivos do mesmo género:
Ex.: A alegria e a felicidade são **parecidas**.

 - b) Com substantivos de géneros diferentes:
Ex.: As revistas e os jornais eram **velhos**.
 e vai para o masculino do plural.

- O predicativo antes do sujeito concorda com a parte do sujeito mais próxima ou com todas.
Ex.: São **angolanas** as revistas e os jornais.
 São **angolanos** as revistas e os jornais.

- O predicativo do sujeito é representado por pronome de tratamento.
Ex.: Sua Excelência é **devotado** ao povo.
 (Referindo-se a um homem.)
 Sua Excelência é **devotada** ao povo.
 (Referindo-se a uma mulher.)

Outros casos de concordância

- Só
 - a) Funcionando como advérbio - equivale a «apenas» e fica invariável.
Ex.: Todos fizeram as provas, **só** ele não fez.

 - b) Funcionando como adjectivo - equivale a «sozinho» e varia.
Ex.: Os jovens permaneceram **sós** o tempo todo.

- A sós - permanece invariável.
Ex.: Os directores da empresa ficaram a **sós** para discutir.

- *É necessário*
- Sujeito não precedido de artigo - fica invariável.
Ex.: **É necessário** concentração.
 - Sujeito precedido de artigo - concorda com o sujeito.
Ex.: **É necessária** a concentração.
- *Bastante/Meio*
- Funcionando com valor de advérbio - ficam invariáveis.
Ex. Os jovens comentavam **bastante** sobre o acidente.
As laranjas estão **meio** azedas.
 - Funcionando com valor de adjetivo ou numeral - concordam com o substantivo.
Ex. Os jovens fizeram **bastantes** comentários sobre o assunto.
Sobrou **meia** torta.
- *Obrigado/obrigada* - concordam com o nome a que se referem.
Ex. Muito **obrigado**, disse o homem.
Muito **obrigada**, respondeu a mulher.
- *Anexo/anexo* - concordam com o nome a que se referem.
Ex. A crítica segue **anexo** ao livro.
Os comentários seguem **anexos** ao livro.
- *Mesmo/alerta/a olhos vistos* - ficam invariáveis.
Ex. Há **menos** pessoas aqui do que no salão.
Mesmo quando estamos cansados, ficamos alerta.
A menina emagreceu a **olhos vistos**.
- *Possível*
- Usado com o artigo no singular - permanece invariável.
Ex.: Tentei fazer o menor número de perguntas **possível**.
 - Usado com o artigo no plural - concorda com ele (vai para o plural).
Ex.: As novidades são as melhores **possíveis**.

Orações subordinadas

Orações Subordinadas Integrantes (Completivas)

Estas orações são também designadas substantivas por exercerem funções equivalentes a substantivos.

Completam o sentido da oração subordinante e são introduzidas pelas conjunções subordinativas.

Podem ser:

Completivas introduzidas pela conjunção **que**:

Ex.:

<u>Vejo</u>	<u>que és muito dedicado.</u>
<i>Oração subordinante</i>	<i>Oração subordinada integrante (completiva)</i>

(A oração completiva desempenha a função de complemento directo da oração subordinante.)

Ex.:

<u>É necessário</u>	<u>que ele volte</u>
<i>Oração subordinante</i>	<i>Oração subordinada integrante (completiva)</i>

(A oração completiva desempenha a função de **sujeito** da oração subordinante.)

Completivas interrogativas indirectas:

Ex.:

<u>Perguntou</u>	<u>se o trabalho estava pronto.</u>
<i>Oração subordinante</i>	<i>Oração subordinada completiva interrogativa indirecta</i>

(A oração completiva desempenha a função de **complemento directo** da oração subordinante.)

Orações Subordinadas Adverbiais ou Circunstanciais

Estas orações desempenham a função de um complemento circunstancial em relação à oração da qual dependem.

Podem ser:

→ Adverbiais ou circunstanciais causais

Exprimem uma ideia de causa.

Ex.: Mário tem maus resultados **porque não estuda**.

→ Adverbiais ou circunstanciais temporais

Exprimem uma ideia de tempo.

Ex.: **Quando regresso da escola**, sinto fome.

→ Adverbiais ou circunstanciais condicionais

Exprimem uma ideia de condição.

Ex.: Nós viajaremos **se nos convidarem**.

→ Adverbiais ou circunstanciais finais

Exprimem uma ideia de fim.

Ex.: Passeia o cachorro para **que se sinta bem**.

→ Adverbiais ou circunstanciais comparativas

Estabelecem uma comparação entre o que se exprime na subordinante e na subordinada.

Ex.: Observou a paisagem **como eu gostava de fazer**.

Texto literário e texto não literário

Lê com atenção os textos seguintes:

Texto A

Tempo - Duração limitada das coisas; duração limitada, em oposição ao conceito de eternidade; a propriedade que as coisas têm de coexistirem ou de se sucederem, considerada objectivamente; sucessão de dias, horas, momentos.

In Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Texto B

(...) o Verão passou muito depressa com o seu sol ardente e as suas noites plenas de estrelas. É sempre rápido o tempo da felicidade. O tempo é um ser difícil. Quando queremos que ele se prolongue, seja demorado e lento, ele foge às pressas, nem se sente o correr das horas.

Curto foi o tempo de Verão para o Gato e a Andorinha. (...)

Jorge Amado, O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá

Na leitura atenta destes dois textos, pudeste verificar que ambos falam de tempo, embora de formas diferentes.

O Texto A apresenta uma definição objectiva de tempo com o intuito de prestar informação concreta com sentido único, carácter pragmático. Nele predomina uma **linguagem denotativa, objectiva** e a **função informativa**. É um **texto não literário**.

No Texto B, o autor fala-nos de tempo, mas utilizando uma **linguagem conotativa, subjectiva** sobre o **mundo da ficção**. É um texto verosímil, pois exprime um mundo fictício, embora relacionado com o real. Trata-se de um **texto plurissignificativo** (com várias interpretações): é um **texto literário**.

Observa as principais características que distinguem os dois tipos de texto:

TEXTO NÃO LITERÁRIO	TEXTO LITERÁRIO
É verdadeiro - descreve e interpreta o mundo real.	É verosímil - exprime um mundo fictício embora relacionado com o real.
É pragmático - tem intenção utilitária e imediata.	É apragmático - não tem utilidade prática, tem intenção estética, ou seja, desperta emoção e prazer.
É unissignificativo - cada vocabulário possui um só significado.	É plurissignificativo - é aberto a várias interpretações.
É objectivo.	É subjectivo.
Predomina a função informativa da linguagem.	Predomina a função poética da linguagem conotativa.
Utiliza linguagem corrente (uso da norma).	Utiliza linguagem cuidada (desvio à norma).
Apresenta poucos recursos estilísticos.	Apresenta muitos recursos estilísticos.
É em prosa.	Pode ser em prosa ou em verso.

Prosa e Poesia

Lê atentamente os textos:

Texto A

Coimbra, 8 de Abril de 1991 – O povo diz, e diz bem. Cá se fazem, cá se pagam. É o meu caso. Passei a vida a esbanjar energia. E acabo exausto, sem forças para segurar a caneta. Natureza apaixonada, que nunca deixou que a razão lhe moderasse os instintos, deixei-os sempre levar a melhor. Tinha dois olhos que eram retentivas incansáveis, e pernas que devoravam todas as distâncias. E contemplo agora com indiferença aspectos inéditos da realidade, e custa-me dar um passo. Pago. Pago a não sei que credor a dívida de ter sido excessivo e desmedido durante oitenta e tantos anos como animal e como homem. Como um pobre mortal inconformado nos seus limites e extravasar subversivamente da condição.

Miguel Torga, *Diário XVI*

Texto B

Por teus olhos negros, negros
Trago eu negro o coração
De tanto pedir-lhe amores...
E eles a dizer que não.

E mais não quero outros olhos,
Negros, negros como são;
Que os azuis dão muita esperança,
Mas fiar-me eu n'eles, não.

Só negros, negros os quero
Que, eu lhes chegando a paixão
Se um dia disserem sim...
Nunca mais dizem não.

Almeida Garret

Nem sempre é possível distinguir facilmente prosa e poesia.

Um texto em prosa pode possuir características da poesia – expressão de sentimentos, linguagem metafórica e conotativa, ritmo. Neste caso, trata-se de prosa poética (de que é exemplo o Texto A).

O Texto B é poesia integral pelas próprias características: centrado na primeira pessoa, como expressão de sentimentos do sujeito poético, linguagem metafórica e conotativa, pleno de subjectividade e escrita em verso.

Noções de versificação

Verso

O verso corresponde a cada uma das linhas de um poema com uma ou várias palavras e com um número variável de sílabas.

Os versos encontram-se divididos em sílabas métricas que não coincidem com as sílabas gramaticais, pois a sua contagem baseia-se nos sons percebidos pela nossa audição.

Atenta nos versos:

Prossegue o pesadelo
 Feliz o tempo que não tem memória
 É só dos homens esta outra vida
 Da recordação

Miguel Torga

A **escansão** (divisão em sílabas métricas) faz-se contando até à última sílaba tónica do verso:

Pro/sse/gue-o/pe/sa/de/ /lo (6 sílabas)
 Fe/liz/o/tem/po/que/não/tem/me/mó/ /ria (10 sílabas)
 É/só/dos/ho/mens/es/ta-ou/tra/vi/ /da (9 sílabas)
 Da/re/cor/da/ção/ / (5 sílabas)

Quanto à acentuação, os versos designam-se por:

- **Agudos** - quando a última palavra é a aguda (verso 4).
- **Graves** - quando a última palavra é grave (versos 1 e 3).
- **Esdrúxulos** - quando a última palavra é esdrúxula (verso 2).

No primeiro verso, bem como no terceiro, fez-se a ligação entre a vogal final de uma palavra e a vogal inicial da palavra seguinte. Esta ligação designa-se por **sinalefa**.

Quanto ao número de sílabas (metro) que constituem um verso, considera-se a seguinte classificação:

Monossílabo	verso de 1 sílaba
Dissílabo	verso de 2 sílabas
Trissílabo	verso de 3 sílabas
Tetrassílabo	verso de 4 sílabas
Pentassílabo ou redondilha menor	verso de 5 sílabas
Hexassílabo	verso de 6 sílabas
Heptassílabo ou redondilha maior	verso de 7 sílabas
Octossílabo	verso de 8 sílabas
Eneassílabo	verso de 9 sílabas
Decassílabo	verso de 10 sílabas
Hendecassílabo	verso de 11 sílabas
Dodecassílabo ou alexandrino	verso de 12 sílabas

(A partir de 13 sílabas, os versos não têm designação especial.)

Estrofe

A estrofe é um conjunto de versos separados da estrofe seguinte por um espaço.

Conforme o número de versos, as estrofes têm diferentes designações:

Monóstico	estrofe de 1 verso
Dístico (ou parêlha)	estrofe de 2 versos
Terceto	estrofe de 3 versos
Quadra	estrofe de 4 versos
Quintilha	estrofe de 5 versos
Sextilha	estrofe de 6 versos
Sétima	estrofe de 7 versos
Oitava	estrofe de 8 versos
Nona	estrofe de 9 versos
Décima	estrofe de 10 versos
Irregular	estrofe de 11 versos ou mais

Rima

A rima consiste na correspondência de sons entre versos a partir da última vogal tónica.

Tipos de rima

- **Rima consoante** - quando há total correspondência de sons a partir da última vogal tónica.
Ex.: memória/história
- **Rima toante** - quando a correspondência de sons só existe na vogal tónica.
Ex.: alicate/alface

Riqueza da rima

- **Rima rica** - rima entre palavras de diferente categoria gramatical.
Ex.: rua (substantivo) / continua (verbo)
fria (adjectivo) / dia (substantivo)
- **Rima pobre** - rima entre palavras da mesma categoria gramatical.
Ex.: venhas (verbo) / tenhas (verbo)
caminhos (substantivo) / moinhos (substantivo)

Disposição da rima

- **Emparelhada** - os versos rimam dois a dois.
*Ex.: No silêncio da noite é que eu te **falo***
*Como através de um **ralo**.*
*Sem saber o teu nome e sem te **ver***
*Juiz que ninguém pode **corromper**.*

Miguel Torga

- **Interpolada** - quando, entre dois versos que rimam, há dois ou mais versos que podem rimar ou não entre si.

Ex.: A cena é muda e **breve**
Um lameiro
Um cordeiro
A pastar de **leve**.

Miguel Torga

- **Cruzada** - o primeiro verso rima com o terceiro e o segundo, com o quarto.

Ex.: Embevecida
A mãe ovelha deixa de remoer
E a **vida**
Pára também, a ver.

Miguel Torga

- **Encadeada** - o final de verso rima com o meio do seguinte.

Ex.: As flores da alma que se alteiam **belas**
Puras, singelas, orvalhados, vivos,
Têm mais aromas e são mais **formosas**
Que as pobres **rosas** num jardim cativos.

Tomás Ribeiro

Os versos que não rimam chamam-se **brancos ou soltos**.

Os versos que têm sempre a mesma rima chamam-se **monórrimos**.

Acentuação dos Versos

ACENTUAÇÃO DOS VERSOS	MÉTRICA	ESTROFE	RIMA
Agudos: Quando a última palavra do verso é aguda.	Monossílabo - 1 sílaba	Monóstico - 1 verso	Som Consoante: rimam vogais e consoantes. Toante: quando rimam só vogais tónicas. Disposição Emparelhada: os versos rimam dois a dois. Cruzada: o 1º rima com o 3º e o 2º com o 4º Interpolada: entre dois versos que rimam há dois ou mais de rima diferente. Encadeada: quando o final de um verso rima com o meio do seguinte. Riqueza Rica: rimam palavras de diferentes classes. Pobre: rimam palavras da mesma classe gramatical.
	Dissílabo - 2 sílabas	Dístico - 2 versos	
Graves: Quando a última palavra do verso é grave.	Trissílabo - 3 sílabas	Terceto - 3 versos	
	Tetrassílabo - 4 sílabas	Quadra - 4 versos	
Esdrúxulos: Quando a última palavra do verso é esdrúxula.	Pentassílabo - 5 sílabas	Quintilha - 5 versos	
	Hexassílabo - 6 sílabas	Sextilha - 6 versos	
	Heptassílabo - 7 sílabas	Sétima - 7 versos	
	Octossílabo - 8 sílabas	Oitava - 8 versos	
	Eneassílabo - 9 sílabas	Nona - 9 versos	
	Decassílabo - 10 sílabas	Décima - 10 versos	
	Hendecassílabo - 11 sílabas		
	Dodecassílabo - 12 sílabas		

Recursos expressivos

É muito importante aprender e saber distinguir diferentes recursos de estilo e seu valor na frase.

Estilo - cada autor tem o seu próprio estilo, a sua própria linguagem que utiliza para exprimir as suas ideias.

Vamos abordar alguns dos recursos de estilo ou recursos expressivos que conferem à mensagem uma especial vivacidade.

- **Adjectivação** - utilização de adjectivos qualificativos.
Ex.: Então ágil e leve, Carlota nasceu com os cabelos soltos flutuando na brisa.
 (Sophia M. Breyner, O Cavaleiro da Dinamarca)
- **Aliteração** - repetição intencional dos mesmos sons consonâncios.
Ex.: Ela que o leve para o céu, então:
 Que, aonde o vento a leve, o vai levar...
 (Teixeira de Pascoaes)
- **Anáfora** - repetição de uma palavra ou expressão no início de versos ou frases sucessivas.
Ex.: Sem ti, tudo me enoja e aborrece
 Sem ti, perpetuadamente estou passando...
 (Luís de Camões)
- **Comparação** - confronto entre duas realidades através de partículas comparativas (como, assim como, parece, assemelhar-se).
Ex.: O cipreste e o cedro envelheciam juntos como dois amigos num ermo...
 (Eça de Queirós)
- **Enumeração** - apresentação sucessiva de vários elementos. O primeiro ou o último pode ser uma palavra que sintetiza todos os outros.
Ex.: Ocorre-me em revista exposições, países; Egipto, Portugal, Angola, África do Sul, o mundo!»
 (Cesário Verde)
- **Hipérbole** - é um exagero da realidade.
Ex.: ... as lágrimas se acrescentam em grande e largo rio.
 (Luís de Camões)

- **Ironia** - exprime um pensamento oposto ao significado das palavras utilizadas.

Ex.: Que **aspecto magnífico!**

(Diz-se de algo com um aspecto horrível.)

- **Metáfora** - é uma espécie de comparação abreviada pois não possui partícula comparativa.

Ex.: Então lembrou-se da grande noite azul de Jerusalém **toda bordada de constelações.**

(Sophia M. Breyner)

- **Onomatopeia** - consiste na imitação dos ruídos da natureza, de animais, de pessoas ou de objectos.

Ex.: Sino de Belém bate **bem-bem-bem.**

(...)

Sino da Paixão bate **bão-bão-bão.**

(Manuel Bandeira)

- **Pleonasma ou redundância** - é a utilização de uma palavra que reforça a ideia já expressa, quer por inépcia, quer para intensificar o que foi referido.

Por inépcia: **Subir para cima, entrar para dentro.**

Para intensificar: **Vi claramente visto** o lume vivo.

(Luís de Camões)

- **Prosopopeia ou personificação** - atribuição de características humanas (acções, sentimentos, falas) a seres inanimados ou animais.

Ex.: O cobertor de névoa sob que se **acama e agasalha a frialdade dos vales.**

(Eça de Queirós)

- **Repetição** - consiste em retomar a mesma palavra ou expressão.

Ex.: E que necessidade há que eu lho digo? Pois não sabe perfeitamente **que a adoro, que a adoro, que a adoro?**

(Eça de Queirós)

A carta

A carta é um texto escrito dirigido a alguém que se encontra ausente. As cartas podem ser **privadas**, se têm como destinatários e familiares, ou **comerciais**, comuns no mundo dos negócios.

A carta privada

Ao elaborar uma carta pessoal, é importante:

- escrever o local e a data no canto superior direito;
- escolher uma forma de tratamento adequada ao destinatário;
- incluir, no parágrafo inicial, a saudação e o objectivo da carta;
- desenvolver, nos parágrafos seguintes, só o objectivo da carta e também outros assuntos;
- concluir a carta com o reforço de uma ou várias ideias expressas ao longo do texto, a fórmula de despedida e a assinatura.

É ainda importante usar um registo (familiar, corrente, cuidado) adequado ao destinatário e à situação, bem como utilizar um vocabulário expressivo e familiar.

A carta de reclamação

Ao elaborar uma carta reclamação, é necessário:

- escrever o remetente no canto superior esquerdo;
- indicar o local e a data;
- escolher uma forma de tratamento adequada ao destinatário;
- apresentar, no parágrafo inicial, o objectivo da carta;
- desenvolver, nos parágrafos seguintes, o motivo da reclamação e a argumentação, tendo em vista a resolução do problema.

Concluir o texto com:

- o pedido de compensação dos prejuízos causados;
- a fórmula de despedida;
- a assinatura.

É fundamental:

- usar formas de tratamento adequadas ao destinatário;
- empregar um vocabulário específico (no qual se incluem palavras como: deteriorar, queixar, solicitar, exigir, protestar, propor, deplorar, reivindicar, pedir, lamentar, agradecer, aguardar...);
- apresentar argumentos convincentes.

A carta de apresentação

Ao elaborar uma carta de apresentação, é necessário:

- escrever o remetente no canto superior esquerdo;
- escrever o local e a data no canto superior direito;
- escolher uma forma de tratamento adequada ao destinatário;
- incluir, no parágrafo inicial, o objectivo da carta;
- apresentar, nos parágrafos de desenvolvimento, os seguintes dados pessoais: identificação (nome, idade, estado civil, número do bilhete de identidade...); habilitações escolares; situação profissional;
- concluir o texto referindo pessoas ou instituições que podem confirmar as informações prestadas; solicitando um acolhimento favorável; escolhendo uma fórmula final adequada; e assinando.

A biografia

A **biografia** é um texto constituído pelo relato organizado de toda uma vida ou pela narração de um ou de vários momentos da vida de alguém. Para a realizar, é fundamental:

- escolher uma pessoa mais ou menos conhecida que se tenha distinguido de forma positiva ou negativa (desportista, cantor, artista plástico, artesão, cientista, escritor, político...);
- realizar um trabalho de pesquisa sobre a vida do biografado, que pode incluir entrevistas ao próprio; a recolha de testemunhos orais ou escritos de familiares, de amigos, de pessoas conhecidas; ou a consulta de documentos de modo a obter um fundo de verdade.

Na elaboração da biografia, deve ser tida em conta a ordem no relato dos factos (cronologia ou outra). Devem-se incluir referências ao local e data de nascimento, a alguns aspectos da vida sentimental, aos estudos e actividades a que se dedicou, às obras que escreveu, aos prémios/distinções que recebeu e outros aspectos importantes. O texto deve ser redigido na 3ª pessoa.

Quando a biografia é feita pela própria pessoa, estamos perante uma **auto-biografia** e pode ser apresentada sob forma de memórias, confissões, diário... É escrita na 1ª pessoa.

O resumo

O resumo é um texto que apresenta as ideias ou factos essenciais desenvolvidos num outro texto, expondo-os de um modo abreviado e respeitando a ordem pela qual surgem no texto original. É usado, preferencialmente, com textos de carácter informativo (notícias, artigos de jornais, revistas, ...).

Para **elaborar um resumo**, é útil dividir o trabalho em duas fases:

a. preparação:

- ler atentamente o texto e apreender o seu sentido global;
- sublinhar as informações essenciais;
- dividir o texto em partes;
- atribuir um título a cada parte.

b. elaboração:

- construir um texto que corresponda a cerca de 1/3 do texto original;
- ter em conta apenas as informações ou factos essenciais;
- manter a ordem do texto original;
- anular o discurso directo;
- não incluir qualquer comentário pessoal;
- construir um texto articulado, com uma linguagem clara e concisa.

A notícia

Na Imprensa escrita a linguagem tem, acima de tudo, uma função informativa. É o que acontece com a notícia, que nos dá conta de um acontecimento actual e de interesse comum. As suas principais características são, pois, a actualidade, objectividade, brevidade, e o seu interesse geral.

Na notícia, as informações devem ser apresentadas por ordem decrescente de importância: as mais importantes no início (título e LEAD) e as menos importantes no corpo da notícia.

- **Título** - indica a notícia; deve ser preciso e expressivo, de modo a captar a atenção do leitor. Está de acordo com o Lead e pode fazer-se acompanhar de um antetítulo e/ou de um subtítulo.

- **Lead (cabeça, ou parágrafo-guia)** - primeiro parágrafo que resume o que aconteceu. Tem como objectivo fornecer as informações fundamentais, avivando, assim, a curiosidade do leitor. Para isso, deve procurar responder às seguintes questões essenciais: "quem?"; "o quê?"; "onde?"; "quando?".
- **Corpo da notícia** - são os restante(s) parágrafo(s) onde são dadas outras informações menos importantes. Responde normalmente às questões: "como?"; "porquê?".

A linguagem da notícia deve ser clara, simples, concisa e exacta: o vocabulário deve ser corrente; é dada preferência ao verbo e ao nome, evitando-se os adjectivos valorativos: é sempre escrita na 3ª pessoa; as frases são do tipo declarativo; devem ser evitadas repetições.

A entrevista

A entrevista é um diálogo entre um entrevistador (quem dirige e faz as perguntas) e um entrevistado (quem responde às questões), com o objectivo de dar a conhecer melhor as ideias, sentimentos, experiências, forma de actuar, etc, do entrevistado.

A realização de uma qualquer entrevista obedece a uma preparação que passa:

- pela definição do tema;
- selecção dos objectivos da entrevista;
- escolha da pessoa a entrevistar;
- recolha de documentação e informação sobre o tema e/ou o entrevistado.

A entrevista pode obdecer a três momentos fundamentais:

- **Apresentação** - Deve ser breve, mas esclarecedora. Apresenta-se o entrevistado, o tema e o objectivo da entrevista.
- **Corpo da entrevista** - É constituído pelas perguntas e respostas. Podem ser abordados dados pessoais, familiares, afectos, gostos...
- **Conclusão** - Deve ser breve e contar com um resumo da conversa ou um comentário pessoal do entrevistador. Pode, ainda, incluir um parágrafo de despedida ou de agradecimento.

Na redacção final da entrevista é necessário registar com exactidão as respostas do entrevistado; evitar repetições desnecessárias; usar uma pontuação e ortografia correctas.

A crónica

A crónica é um tipo de texto que conjuga duas funções: a informativa e a expressiva. Numa linguagem pessoal e com um certo carácter literário, a crónica apresenta-se como um texto de opiniões, redigida (quase sempre) por uma personalidade conhecida; parte de um facto de interesse geral, comenta o quotidiano (social, político, artístico, etc.). Pode surgir com regularidade num jornal ou numa revista.

A linguagem da crónica é clara e acessível; recorre ao estilo directo, confirmando o toque pessoal, por isso, é coloquial, viva e directa; pode ser redigida na 1ª pessoa ou na 3ª pessoa. É um texto que se situa entre o literário e o não literário, sendo usual o uso de recursos expressivos.

O texto publicitário

O texto publicitário visa convencer o destinatário e influenciar o seu comportamento. A sua linguagem tem, portanto, de ser apelativa.

A publicidade tem por objectivo:

- promover a venda de produtos ou serviços (publicidade comercial)
- divulgar ideias (publicidade institucional)

O texto publicitário é constituído por um texto linguístico e por um texto icónico. Os dois devem ser interligados, funcionando o icónico como um reforço da mensagem verbal.

O texto icónico (imagem) deve captar o olhar do consumidor, pelo estímulo visual (cor, recorte, elementos que a compõem, arranjo gráfico, diferentes tipos de caracteres...). No texto linguístico, temos a considerar o **slogan** (frase ou expressão original, breve, simples e fácil de reter na memória) e o **texto argumentativo** (apresentação concisa das(s) vantagem(ns), qualidade(s) do produto/serviço anunciado).

Manual do Aluno

Língua Portuguesa 8ª Classe

Autores: Helena Mesquita | Gonçalves Pedro

Apresentação

O Manual da 8ª classe será o teu fiel companheiro neste novo ano da tua vida de estudante. Esperam-te muitas coisas novas para aprenderes, que te ajudarão a aumentar os conhecimentos a nível literário, cultural, social e moral.

Aprenderás a conhecer-te e a decidir o que é melhor para ti. Só assim poderás crescer verdadeiramente.

A estrutura deste Manual não difere da do Manual da 7ª classe; foi apenas introduzida mais uma tipologia textual: o «Texto Explicativo».

O Manual está estruturado com seis tipologias textuais, contendo cada uma delas uma introdução prévia, nomeadamente:

1. Texto Narrativo
2. Texto Descritivo
3. Texto Poético/Lírico
4. Texto Informativo
5. Texto Injuntivo
6. Texto Explicativo



**EDITORA
DAS LETRAS**

"Pensando o futuro"

ISBN 978-989-8709-72-1



9 789898 709721 >